



0

ALABAMA



1869

A

1870



I.C.H.V.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 56

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

2 DE OUTUBRO DE 1869.

N. 557 e 558.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*,
1 de outubro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, dando-lhe sciencia de que, no sitio Agoa Cumprida, nas Armações, dous individuos de má catadura atacam as mulheres e lhes to-
mam o que levam. Suppõe-se que um delles é escravo de uma tal Chapadista, nesta cidade. Violentaram uma mulher maior de 50 annos, levando-a para o matto, e conservaram-na até escurecer, sabindo ella dahi maltratadissima pela resistencia que oppoz aos brutaes desejos desses malvados. Um delles escondeu-se em casa de uma mulher, no caminho de Itapoan, e, á noite, pretendeu forçal-a, o que não conseguiu, porque esta revestiu-se de coragem e gritou. Pede-se a S. S. um correctivo para taes malfeitos.

—Capitão, tome esta que é de um religioso capuchinho!

—*Psic!*

—V. Ex. quer ouvir-me?

—Que duvida!

—E' um facto repugnante que praticou, no dia 28 á tarde, frei Justino, dentro mesmo do hospicio da Piedade.

—Ora vejamos.

—Um estudante....

—Temos trapalhada, estudante e frade.

—.... disse uma pilheria a uma beata, e frei Justino é *protector* da dita beata, puchou por um punhal, á vista de tolos para sangral-o!

—Bravo! bonito exemplo de um ministro da religião christian!

Reprovo o estudante ter pilheriado com a beata; mas tambem não posso deixar de censurar o procedimento d'esse religioso puchar por um punhal e ameaçar á uma creança!

—E' horrivel!

—Vou officiar a S. Ex. o Sr. arcebispo, participando-lhe o procedimento irregular d'esse frade, ministro da religião de Christo!

—Neste caso, convém tambem pedir a S. Revm. providencias para os taes religiosos, afim de que não spiritualisem-se, para não dizerem asneiras no pulpito, como um, ainha pouco, quando pregava no mez de Maria; asneiras essas que provocaram o riso aos ouvintes; assim como, que chame á ordem o frei Peregrino, para que não abuse do pulpito para insultar as pessoas suas desaffectedas, debaixo da capa da hypocrisia! Estes factos, capitão foram presenciados por muitas pessoas de criterio.

—Pedirei, certo de que S. Ex. Revm. dará as providencias necessarias.

—Falleceu hontem, depois de uma longa enfermidade, o capitão Jovino Cezar da Silva, o qual se ha de sepultar hoje.

O capitão Jovino exerceu com dignidade o

cargos de subdelegado e juiz de paz do curato da Sé, foi muitas vezes eleito.

Goçou sempre de immensa sympathia de seus compatriotas.

—Deus lhe dê o reino da gloria para o descanso de sua alma!

—Essa gente do olho-vivo dispõe de uma fertilidade de ciladas inexaurível!

—E ha sempre incautos que lhes caia na armadilha.

—O policial Antonio Leonidio da Purificação (é preciso notar que não ha incompatibilidade em ser guarda de policia e soldado do olho-vivo) foi no sabbado a uma venda, na ladeira de S. Miguel, e aproveitando a ausencia do amo, arvorou-se em fiscal e multou em 30\$ rs. ao caixeiro, inexperiente menino, sem nenhuma pratica de taberna; amedrontando-o com prisão si immediatamente não cahisse com os trinta paus.

—E o menino atemorizado escorregou com os cobres?

—Ora si!

—Ora ali temos um policia moleto!

—E como havemos de ter garantia si os larapios estão dentro mesmo da policia?

—Agoteira do sobrado n.º 15, ao Maciel de Baixo, está se largando.

De quando em vez desloca-se um pedaço lá de cima e vem sobre a rua.

Quem transitar por ali guarde a cabeça.

—Capitão, contaram-me este caso:

O menino Venceslau Francisco de Lima, achando-se orphão, procurou a protecção de algum; esse algum entregou-o ao proprietario de uma padaria na freguezia de Santa Anna.

O trabalho que deram ao desamparado orphão é andar de pés descalços, com um grande balaio á cabeça vendendo pão.

—Em outro paiz não é deslouro; mas aqui, onde existe o vicio da escravatura, repugna ao homem livre o desempenho de certos mistéres.

É um prejuizo de classe que o tempo ha de extirpar.

—Encontrando o menino quem lhe dê trabalho menos pesado e desprezível, quer retirar-se, mas o padreiro pretende obrigá-lo a ficar e ameaça-o que ou ha de continuar em sua casa ou ha de ir para bordo.

—É querer opprimir a vontade alheia.

—E para intimidar o pobre rapaz, serve-se da authoridade local, a qual, ao que parece, se presta a representar em tão odiosa comedia.

—Pois neste paiz de ampla liberdade, tambem se constrange o individuo a servir a quem não lhe faz conta?

—E intimida-se com bordo de fragata.

—Mas o menino pelo que V. diz é de boa indole e trabalhador?

—De tão boa indole, que o pouco que ganha reparte com a irmanziinha na casa da mestra.

—Então cebolorum.

—Mas V. Ex. não sabe que quando se quer commetter arbitrios se escurece tudo?

—Sim, nós temos authoridades para as quaes o fraco não tem o direito por mais valiosa que seja a rasão que assista a seu favor, ao passo que para servir aos grandes e protegidos salta por cima de tudo.

Com tudo, é bom sempre esperar para ver si ha authoridade que se anime a obrigar um menino livre a aldar de pés no chão, mercando pão com um balaio á cabeça.

—O voluntario da patria, espancado e ferido, dentro do hospital da Santa Caza, por um estrangeiro protegido das irmans de charidade, ainda soffre das offensas que recebeu; entretanto esse estrangeiro continua impunemente a commetter insolencias dentro do hospital!

—Nem si quer por moralidade do estabelecimento o expulsaram dali para fora!

—Como! si o homem é do seio das castas e piedosas mulheres?!

—Veja uma arte do diabo, si é que o demonio tem poder em um logar sagrado.

—Ha demonios baptisados que mexem por toda parte.

—Então é isso.

Na quarta-feira entraram no convento de S. Francisco, para ir buscar hosteas, dois rapazitos, sachristães da Conecção da Praia.

Momentos depois que ali estiveram, uma grande salva de prata moveu-se do logar onde permanecia e por mais que a procurassem no convento, foi impossivel encontrá-la.

—Mas quem a tirou, o capeta?

—Não digo que foi elle, mas *alguem* por artes delle.

—Capitão, os senhores não pagam taxa de seus escravos?

—Do certo, que sim.

—Mas eu conheço um que ha 12 annos não paga.

—Quem é elle?

—O hespanhol Gregorio, mascate, morador no caes Boarado, senhor do preto Innocencio, que corta carne em S. Bento.

É verdade, que o escravo vivo como forro, mais é geralmente sabido que elle paga semana e quando se atraza, nestas o senhor se apresenta ameaçando-o de mandar prendel-o.

—Não se consuma; vou officiar a quem compete para ventilar isso.

—As irmans de charidade tem luxos!

—São modestas porque andam de cabeça baixa.

—Uma dellas possue para seu regalo, um carneirinho. Feliz animal! goza o que muita gente não acha.

Tem uma creada a sua disposição; uma mulher empregada exclusivamente em tratar delle!

—Boa gente! Até pastores para seus animaes a Santa Casa tem obrigação de lhes dar.

—A pobre convalescente, leva todo o dia ao rigor do sol, atraz do mimoso bichinho com que se deleita a constricta filha de S. Vincentente de Paula, para que nada lhe aconteça.

—E digam que nisso não ha desmarcada ostentação de luxo, e digam que a humildede dellas não é refinada hypocrisia?

—Tanto ladrão nesta terra e a forca vasia!

—Eu os conheço todos, porem calo minha bocca por que não quero pagar injuria.

—Pois eu não.

Quando vejo essas fortunas amontoadas, cuja origem é o suor do pobre, a penuria da viuva, a lagrima do orphão, brado logo—eis ali o fructo do latrocínio, da falta de consciencia, da velhacaria.

—E elles ouvem, escarnecem e vão seguindo impavidamente.

—Mas diga-me o que adianta a um homem, que ja possue immensa fortuna adquirida por meios torpes e indecentes extorquir de um pobre 6\$ rs.?

—O geito do cachimbo faz a bocca torta.

—Supponha que um artista laborioso, a custa de insuperaveis economias, ajunta 6\$ rs. e vae com elles comprar um bilhete de rifa a ver si por meio do accaso melhora de sorte; e encontra um ladrão sem alma que lhe vende um bilhete de rifa de outra terra ja corrido.

—O handido que vae para estrada esperar o caminhante é menos malvado.

—E quando quem pratica assim não precisa porque tem accumulado grande riqueza; quando se acha mais para lá do que para cá, proximo a ir dar contas a Deus e que com o maior cynismo diz equelle a quem arrancou

os mingoados 6\$ rs. «va se queixar até ao diabo, o bilhete está vendido»?

—É que elle ja conta que o diabo o esperra de ferro em braza na porta do inferno, para lhe marcar o distinctivo dos ladrões, que é um *calombo* na *ombreira*.

—Que differença ha entre um ministro de estado e um mendigo?

—É que o ministro recebe ordens e o mendigo esmollas.

—Enganou-se.

É que si ao mendigo falta muitas vezes dinheiro para se manter, ao ministro falta sempre patriotismo para realisar os melhoramentos do paiz.

—Os frades da Piedade, quando pregavam no mez de Maria, censuravam se cospir no chão da egreja, e então diziam que cada um em suas casas tinham seus cospidores, afirm de não cospirem no chão, por que razão na egreja, na casa de Deus, haviam de cospir, sendo um lugar sagrado?

—Está direito; eu tambem reprovo cospirem dentro do templo, por que entendo que é uma falta de respeito á um lugar sagrado!

—Tambem eu; mas vamos ao caso.

Uma mulher, que estava de ventre *solto*, vendo que o *aguaceiro* era forte, procurava sahir da egreja; mas muito povo, ella salta aqui, salta ali, e por fim despejou o *negocio*.

—Em que aperto estava ella, coitada!

Veio um frade com uma vassoura e uma porção de cal, para limpar o lugar e um estudante por pilheria, disse:—vossês não fallam por que se caspe no chão, veji agora essa horrivel *cusparada* que largou esta beata!

—Que patife!

—O religioso avançou para elle de vassoura, que si não fosse o capitão Braga acomodar o negocio, teria graves consequencias!

—Certas pilherias não são boas!

—Mas o religioso deveria tambem ser mais prudente!

—Que duvida!

—Hoje ha candomblé com estrondo na rua do Carro, em festejo a S. Cosme e S. Damião.

—A policia, que deu licença, deve comparecer ao festim.

Si não fôr para cahir na roda, ao menos para saborear seu pratinho de *efe* e *furd*.

—Esta policia tem uma queda para os candomblés!

—Permitte-os, por ordem sua, dentro da cidade e manda apprehendel-os nos arrabaldes!

—A policia da Bahia é uma barafunda inextricavel.

Os agentes do Sr. Assis fazem de um argueiro um cavalleiro e deixam passar uma baleia por xangô.

—Na quarta feira á noite havia um sorte perry na rua da Lorangeira; os contendores eram em numero crescido.

Appareceram seis soldados de policia que assistiram á scena tumultuosa de braços cruzados e depois retiraram-se, a despeito do Sr. Fortunato de Freitas, 1.º supplente da freguezia, lhes recommendar que ficassem, visto que o barulho tendia a augmentar.

No outro dia o ordenança do Sr. major Marinho dava uma prova de excessiva actividade policial n'um caso bem simples.

—Na propria loja do Sr. major Marinho dão-se bons casos, quando ali se reúnem os moleques.

—O Sr. Assis que tão brilhante vae se mostrando na *opinião publica*; redigindo-a, não, dirigindo-a com tanto acerto, deve olhar para essas inconsequencias.

UMA TRANSCRIPÇÃO DE ARROMBA.

Julgamos fazer bem a humanidade transcrevendo da «Marmota na Corte,» a seguinte idea, mas...si o-bramos mal, perdão, leitora; trabalhava-mos para vós na maior boa fe que ter-se pode.

Existem por ahí immensas moças desejosas de se casarem, e por serem ignorados seus nomes, dotes e mais circumstancias, deixam de effectuar seus intentos, com prejuizo da população e dos paes que as sustentam até mais idade, acabando afinal por ficarem servindo de tias e aggregadas em casa dos parentes, o que de modo nenhum condiz com as leis de humanidade e civilisação a que temos chegado neste seculos das luzes; lembro, portanto, que se estabeleça, no logar mais publico e central desta cidade, um escriptorio, ou casa de corretagem, onde se noticiem os nomes, moradas e mais condições das moças solteiras e viúvas que desejarem casar: cada uma das senhoras pretendentes mandará sua informação circumstanciada da idade que suppõe ter, quanto possue de dote, as habilidades e prendas que tem, as condições com que deseja casar, e as circumstancias do noivo que procura, declarando ao mesmo tempo debaixo de juramento aos Santos Evangelhos, os defeitos occultos que tiver. Por exemplo: dentes postiços, lobinhos, verrugas, impigens, etc., etc., etc., para evitar que a todo o tempo hajam arrependimentos. O correto so receberá, na occasiao de se effectuar o casamento, dez por cento do dote das ricas e um e meio das pobres; fica «ad libitum» dos contractantes darem mais si quizerem, conforme as vantagens reciprocas do contracto.

No fim de anno, sid est. no dia de S. Silvestre, o correto fará um leilão de liquidação de todas as velhas de mais de cincoenta annos, que tiverem achado pretendentes, o arrematante ficará sujeito a pagar porcentagem na proposição da idade da velha, sendo tambem obrigado a conduzi-la, dentro em vinte e quatro horas, no estado em que se achar, devendo examinal-a antes de dar o seu lança, porque depois de leval-a não se admittem reclamações.

Com este estabelecimento, aliás muito facil e de pouco capital, se evitaria que muitos paes fizessem as pencas despesas que continuamente fazem de vestidos de seda, e mais ornatos de luxo, para levarem as filhas aos bailes so com a intonção de serem vistas

para acharom casamento; e tambem as moças teriam nocogo, e não estariam na continuada lida de levarem horas inteiras a fazer penitencia, com o que muitas vozes aconteco apanharein defluxos, e febres, que as poem magras e feias, e então ainda mais custoso é e acharom quem as queira.

A PEDIDO

AJUDA DE CUSTO AOS BISPOS QUE FO- REM AO CONCILIO EM ROMA.

IV.

OS BISPOS QUE DEVEM TER AJUDA DE CUSTO PARA IREM AO CONCILIO.

Parece que o concilio terá logar apezar de se ter feito crer que talvez fosse adiado. Vamos apresentar o que se diz a respeito dos preparativos materiaes conforme as ultimas noticias.

«Fazem-se em Roma grandes preparativos para o concilio, o qual se reunirá na basilica de S. Pedro e não na de S. João de Latrão, onde era costume reunirem-se os concilios. Os discursos serão em latim. Os estenographos serão seminaristas de diferentes nações por causa da differente maneira como o latim é pronunciado em diversos paizes. Suppõe-se que antes do fim de outubro estarão reunidos em Roma mais de 600 bispos. Muitos dos bispos serão mudos ouvintes porque não sabem fallar latim, embora o entendam, e alguns do oriente nem chegam a entendel-o.

Alguns dos governos da Allemanha tem-se preocupado acerca do resultado do concilio, vogando n'alguns a idéa de ali não deixar ir os seus bispos, ou de declararem antes que não acceitam a infallibilidade do papa, si acaso o concilio a proclamar. Parece que o governo francez tem tratado com o da Austria a este respeito. Mas a opinião do Sr. de Beust é que da parte dos governos deve haver a mais completa abstenção.»

«Segundo escrevem de Roma, Pio IX dirigiu-se a S. Pedro para examinar os preparativos do concilio na parte direita do edificio.

Os quatro architectos da basilica, os Srs. Vespigiani, Sarti, Martinucci e Bonini, os intendentes dos palacios pontificaes e da casa do papa, o Sr. Spagna, o economo da administração da fabrica de S. Pedro, o Sr. Theodoli, acompanharam sua santidade n'aquella visita. Algumas modificações que não serão provavelmente as ultimas foram introduzidas no plano primitivo. Terá quatoze ordens de cadeiras, em amphitheatros, e não onze.

A ordem mais elevada aleançará a altura de um primeiro andar ordinario. Cada um dos bispos terá deante de si um escarrador e uma estante.

Uma secção transversavel do amphitheatro ja estava preparada.

Para melhor se calcular a capacidade do espaço destinado á cada um dos bispos, Pio IX fez assentar duas pessoas de uma notavel corpulencia, os Srs. Spagna e Theodoli, estando este ultimo revestido de batina, como hão de estar os bispos em algumas sessões do concilio.

Para que as vozes se não peream ou confundam no meio da abobada, haverá um grande tubo acustico de um extremo ao outro. As arcadas que poem em communicação a abobada com as duas capellas, uma das quaes dá entrada á grande nave, são fechadas por meio de tabiques. No tabique da entrada haverá differentes janellas em symetria como as do frontispicio, sendo os intervallos ornados de retratos dos papas que tem celebrado concilios ecumenicos.

Quanto a parte essencial, isto é, o assumpto sobre o qual se tem o concilio de occupar, não se sabe: suspeita-se, que se occupe da infallibilidade do papa, de governo temporal do papa. Ora, si estas fossem as principaes causas do concilio, era inutil tal reunião debaixo do ponto de vista theologico e politico, porque, rejeitada a infallibilidade dos concilios, so *infallivel* é o papa. Quanto ao governo temporal, perdeu sua razão de ser desde que a opinião nacional repelliu o throno e sceptro papal por incompativel com as funcções do governo espirital.

Um dos bellos talentos desta terra, Castro Alves, dizia em seus versos inspirados:

«Quebre-se o sceptro do papa,
«Faça-se delle uma cruz...

Dada, porem, a hypothese que o concilio se fosse occupar da disciplina e reforma do clero e de outras questões sociaes de acordo com o progeseo do mundo, sem ferir a fé primitiva, quaes seriam os bispos que la deviam se achar?

Nós entendemos que a todo o bispo assiste o direito e dever de ir ao concilio, principalmente si elle deve ser ecumenico, porquanto a egreja do Oriente e do Occidenteahi devem estar representadas, formando um so corpo e uma voz unica, como succedeu no concilio de Florença, o que não teve logar no de Trento.

Ora, sendo ecumenico o futuro concilio, qual será o bispo que irá actualmente a Roma que não va com o fim de assistir tão importante reunião que se pode dar?

Entretanto dizia o Sr. Junqueira, que apresentava um projecto pelo qual se concede aos reverendos bispos que forem á cidade eterna cumprir o dever de assistir ao sagrado concilio ecumenico uma ajuda de custo.»

Ainda são suas proprias palavras:

«Quando considero que uma ajuda de custo, desta ordem, dada aos bispos pobres do Brasil, é apenas uma pequena migalha zahida da meza desses fornecedores felizes do exercito, quando eu considero que esta pequena despeza vale menos do que seu relevo de mais, um relevo de menos que o espricho de seu constructor possa fazer na popa cinzelada de um de nossos navios encouraçados, não hesito em decretar com meu voto uma quantia que ajudará os bispos pobres e pobres porque são virtuosos a encaminharem-se para a corte de Roma e alli assistirem a esse concilio.»

Mais adiante acrescentou que era «uma occasião azada para o Brasil se fazer representar naquelle concilio não so pelos bispos illustrados que possuímos, mas até por um embaixador.»

De modo que, devem ter ajuda de custo:

Os bispos que forem a Roma cumprir o dever de assistir o concilio, porem que forem pobres, e pobres por que são virtuosos e de entre estes o Brasil pode se fazer representar pelos bispos illustrados que possuímos:

Logo, não devem ter ajuda de custo:

Primeiro, aquelles que não forem a Roma cumprir o dever de assistir o concilio.

Segundo, os que forem ricos.

Terceiro os que forem pobres e não forem pobres por virtude.

Quarto, não poderá representar o Brasil aquelles que não forem illustrados. Não podemos de modo algum admittir taes restricções ou condições que o auctor do projecto apresentou, por quanto não ha bispo catholico que indo agora a Roma, não va por causa de assistir o concilio, por quanto todos os bispos do imperio são pobres e são virtuosos porque todos cumprem, o decreto XXXIII da Dieta de Ratisbona (1528) que recommenda «aos prelados e a todos os padres o cuidado dos pobres.» Quando mesmo algum bispo fosse achado não dar esmolas pelas prizões, pelas Igrejas e a porta de seu palacio, se podia por ventura dizer que elle não tinha o cuidado dos pobres?

Por certo que não.

Para não ir mais adiante citaremos um so exemplo.

Sabe-se que D. Jozé, bispo resignatario do Pará não dava esmolas, mas o que se encontrou depois de sua partida? Um cofre com boa porção de dinheiro que elle chamava «para os pobres.»

Logo, este bispo cumpria seu dever, não obstante não fazer alarde dando esmolas publicamente.

Teria elle em mente fundar um azylo ou outra qualquer obra pia?

Nós entendemos, que, provada a utilidade do concilio, todo bispo do Imperio deve ter ajuda de custo, quer seja simplesmente pobre e não somente os pobres por que são virtuosos.

É em que consiste essa virtude? em dar esmolas de modo que a mão esquerda saiba o que a direita faz?

Nos parece que segundo a letra do Evangelho semelhante modo de proceder não é virtuoso porquanto o Divino Mestre disse:

«Quando deres esmola, não faças tocar a trombeta diante de ti, como praticam os hypocritas nas synagogas e nas ruas para serem honrados dos homens: em verdade vos digo que elles ja receberam a sua recompensa; mas quando deres esmola, não saiba a tua esquerda, o que faz a tua direita.» (S. Math. cap. VI. v 2, 3.)

Se dizendo que devem ter ajuda de custo os bispos pobres e pobres por que são virtuosos, segue-se que os bispos ricos não a terão? E quaes são os bispos ricos? Aquelles que tem bem de raiz ou os que tem mitra rendosa?

Quer uma quer outra são hypotheses gratuitas; e quando um bispo fosse rico, que tinha isso?

Por ventura não tem subsidio e a juda de custo o deputado que é rico, o presidente e o senador abastados?

Ora si é verdade que a nossa constituição incumbiu a todos os altos poderes do paiz o dever de velarem para que esta religião não sofra a menor quebra da pureza» porque quando se trata talvez de reformar a infallibilidade papal e de «altos interesses religiosos», quando se declara que devemos «rodear a religião do Estado com todo o brilhantismo, com todo o fulgor», se hade estabelecer uma linha divisoria entre bispos que vão cumprir o dever, os pobres virtuosos e os illustrados que possuímos?

Não será isto mesmo confirmar a proposição de que «a religião catholica é combatida por tantas maneiras differentes»?

Si o governo tratasse de dar ajuda de custo sob as bazes que o auctor do projecto apresentou, por certo que praticaria uma grande injustiça e daria logar a grandes reclamações por parte de todo e qualquer cidadão que quizesse na tribuna ou na imprensa expender sua opinião com franqueza.

Não ha justiça, portanto, nem fundamento em se querer distinguir e saber os bispos que vão a Roma por cumprir dever, os que são pobres e pobres por que são virtuosos e finalmente os que são illustrados.

O que é essencial com effeito é que o bispo saiba fallar ou quando menos entender o latim, porquanto o cumprimento do ser, ser pobre por virtude e o ser illustrado, ao menos nas cousas theologicas, são condições sem as quaes se não pode fazer ideia de um bispo.

Conceber que existe um bispo sem esses predicados, é accusar o poler que o nomeou e aquelles que o conservam.

Saber fallar o latim é indispensavel por que consta que os discursos serão em latim com quanto se diga que «muitos dos bispos serão mudos ouvintes por que não sabem fallar latim embora o entendam e alguns do Oriente nem chegam a entendel-o».

Si é licito que vão ao concilio Bispos que não chegam a entender latim, parece que é muito justo que so tenham assento os que o entendem.

Os nossos bispos não fallam latim, mas todos o entendem e alguns mesmo presumem fallal-o.

No concilio de Trento, não sabemos si se adoptou o latim, mas affirmamos que o sermão de abertura solenne do concilio foi feito nessa lingua por Cornelio Masso, bispo de Bitonto.

Ora comprehende-se que não sabendo-se latim é andar-se as cegas em tão importante reunião, só si depois de engrolado o hymno «Veni, creator spiritus» todos ficarem sabios e podendo fallar em qualquer lingua como se fossem verdadeiros illuminados, fazendo ouvir a palavra inspirada por bocca infallivel; mas em tal infallibilidade, palavra inspirada do concilio, ninguem crê, nem mesmo o papa que reserva para si, como mais sabio ou mais inspirado, o direito de approvar ou regeitar com infallibilidade o que o concilio tiver determinado.

Si um concilio notando defeitos profundos da cõrte de Roma, e bastante ousado, quizesse reformar, no ponto de vista da disciplina ecclesiastica, sua missão principal, legislaria em vão, porquanto suppondo o papa que o Tridentino fosse talvez com olhos profanos olhar para sua grande cõrte, dizia em suas instrucções a esse concilio:

«Si houver alguma questão relativa a cõrte de Roma é bom ouvir os prelados, não para satisfazel-os no concilio, mas para dis-so informar ao soberano pontifice que applicará os remedios convenientes.»

Não estando provada a utilidade do concilio nem theologica, nem politicamente, e pelo contrario havendo suspeitas de que se occupe da questão romana no sentido da conservação do governo temporal do papa, havendo motivos para crer-se que o concilio

proclamo a infallibilidade do papa, decisão que alguns governos catholicos da Allemanha já declararam não accoitar ou lá não mandar seus bispos. o que motivou o papa dizer que o concilio talvez fosse adiado; havendo certeza de não se «obter a solução dessa questão relativa a casamentos mixtos, bem como da outras questões que interessam vivamente ao nosso estado social» como sejam o casamento civil que se prende á nossa colouisação e o celibato clerical, verdadeiro cancro quer considerado sob o ponto de vista hygienico como em relação á moral publica. por que «o celibato é um estado prejudicial á conservação da saude, quer guardando o homem continencia absoluta, quer atirando-se aos prazeres da libertinagem; o celibato foi sempre tido pela sociedade de todos os tempos, por um mal, haja vista o como era olhado pelos spartanos, romanos, judeus e outros povos cultos da antiguidade;» si não ha promettimento e muito menos esperanças de se obter as soluções de questões que interessam tão de perto a vida social, podemos perguntar si não era mais prudente saber-se do motivo do concilio?

So assim o governo ficaria habilitado a julgar si é ou não de seu dever dar ajuda de custo aos bispos e conhecer si é «uma occasião azada para o Brasil se fazer representar naquelle concilio.»

Em nosso humilde pensar ha *desazo* não so pelas razões expostas como ainda pelo *jesuitismo* que se vai tornando saliente em todo imperio, com quanto ao nosso governo assista o direito de approvar ou regeitar as decisões do concilio, fundando-se no paragrapho XIV do art. 102 e cap. II da constituição do imperio.

Mas em todo o caso haveria inutilmente um relevo de mais na pôpa de um de nossos navios encouraçados, não seria aproveitada «uma pequena migalha cahida da meza desses fornecedores felizes do exercito» e por fim teria inutilmente cahido mais uma *gota de agua* no grande oceano da despesa.

(Continua.)

—Capitão, os navios mercantes surtos neste porto fazem o rancho em dinheiro.

—E' praxe antiquissima.

—Que o Sr. capitão Barbado, da barca *Aurora* entendeu alterar no dia 27 de setembro, indo fazel-o no Joaquim da Estacada.

—Ah, elle lá sabe a *conveniencia* que achou para fazer isso.

—Abriu-se nova combuca.

—Onde?

—Na ladeira da Gamelleira.

—Isso é bom para moralidade da Bahia.

—E que meninos! Tem cada bixo de côco!

—Si a panellinha não se quebrar ha de dar bom resultado.

—Si não atirarem os cacos aos *mitos*.

Sr. Reactor.—No ange da indignação somos que o Sr. vice-consul de Portugal, indo um subdito de sua nação pedir-lhe seu passaporte para uma das provincias, fôra pelo Sr. vice-consul insultado, em consequencia de ter reclamado contra a quantia de 1600 rs. que elle lhe pedira. Por ventura, o Sr. vice consul estará no caso de multar qualquer pessoa? Por ventura o Sr. vice-consul, tendo esse seu compatriota o seu passaporte no archivo, não poderá dar-lhe'o, sabendo que esse seu compatriota é necessitado?

Na verdade ha casos, que causam horror!

Não teremos uma lei que dá garantia a todos os estrangeiros de poder seguir para qualquer parte do imperio com o competente passaporte dado a expensas de sua nação, sendo elle necessitado? Responda Sr. vice consul!..

E' necessario o Sr. ver que não estamos n'um paiz de barbaros, e que estes estrangeiros estão sob a bandeira brasileira e protegidos pelas leis do paiz. Continuaremos no caso de nove acontecimentos.

Um que presenciou.

—Lê-se no *The Brazilean World*:

ASSIM MESMO E' QUE SE FAZ.

—Na sessão de 4 do passado, entrando em discussão a redacção do art. 31 dos addittivos ao orçamento relativo ao auxilio concedido á Chorographia Historica do Dr. Mello Moraes, o Sr. Cruz Machado levantou questão sobre a redacção na qual via equívoco. Fallaram mais alguns deputados, e o Sr. Mello Moraes, prevendo algum tamanduá por causa da sua obra, levantou-se frenetico, e no meio de uma larga exposição, deixou resaltar o seguinte importante resumo: «Não quero favores ou esmolos da commissão nem do governo; o que quero é o cumprimento da lei. Vejo gastar-se o dinheiro do povo improficuamente. Hei de mostrar a resenha das «sommas» «extraordinarias» que sem proveito da nação se tem despendido no Brasil. Agora mesmo, por exemplo, se quer mandar vir coolyes (a raça mais infame do littoral da China, idolatra, preguiçosa, que se contracta até para levar chicote) para a nossa agricultura. Hei de mostrar a camara pela voz da nação, em que se gasta o dinheiro dos cofres publicos. De juros estamos pagando 51,000:000000. Hei de, repito, dizer a camara como, e em que se gasta o dinheiro do povo. Renuncio o favor. Acima de conservador sou brasileiro.» Foi agua na fervura. Ninguém mais fallou, e approvaram unanimemente a redacção.

E' de crer que os membros da casa, aterrados pela ameaça do Sr. Mello Moraes, murmurassem—ahi está para que o governo deixou este demagogo vir aqui---mas tambem o Sr. Mello Moraes diria com seus botões---com que gente estou mettido!

VARIÉDADES

O CAIXEIRO DE BOTEQUIM.

O caixeiro do botequim está em contacto com todo o bicho careta.

Desde o romper da aurora, até o toque de recolher, e algumas vezes, até alta noite, quando ha *espetaculo*, ou função perto da casa, serve os amigos que o honram com a sua presença, com delicadeza e urbanidade.

Café e sorvetes,
Doces, limonadas,
Petiscos gostosos,
E bellas torradas.

Tudo offerece contente
Ao freguez, para agradar,
Porque assim delle é que pode
Os cobrinhos *chupitar*

Tenho notado que uma *chavena* de café tomada com um calix de *cognac*, é uma excelente bebida, que, de um instante para outro torna um *moleirão* mais forte do que um *Hercules*.

O caixeiro de botequim é um homem caridoso porque da de *comer a quem tem fome e de beber a quem tem sede*.

Ora por este unico motivo deve elle, perante a sociedade, ser bastante respeitado.

Não julguem que é brincadeira,
Bem serio fallando estou,
O neto de minha'avó
Nunca a verdade faltou.

Portanto desejo que a especie caixeiral, sobre que agora escrevo, seja tratada com a consideração que merece, sem que com isso se lhe preste favor algum.

CONHECIMENTO DE SI PROPRIO.

Um individuo, que desejava comprar um bom macho de sella, estava em ajuste com dois que pertenciam a differentes pessoas: ambas que tinham vontade de ser preferidas, faziam todo o possivel para vendel os.

Um dos dois depois de haver gabado muito o seu animal, e ja fatigado de contar a historia das habilidades delle, concluiu dizendo ao comprador:

—Emfim meu charo, burro por burro, me prefira a mim!

VAIDADE—De uma antiga obra que temos a vista, extrahimos os seguintes titulos dados ao imperador da Turquia por seus humildes vassallos. Nada mais pode haver que guarde mais vaidade do que a que taes titulos encerram; e que provam ou uma submissão de escravo da parte do povo ou uma arrogancia

propria de um governo menos civilizado que o da Turquia devia ser.

Os titulos são: senhor dos senhores, soberano dominador na Arabica, na Persia e na Grecia; rei dos reis; glorioso, grande e invencível, e sempre victorioso imperador de Constantinopla, distribuidor das corôas dos maiores principes da terra; soberano senhor de dous mares; de todos os paizes adjacentes; senhor do Oriente e do Occidente; protector das sagradas e augustas cidades Meca e Medina; e de outros *infinitos* paizes, reinos, e imperios.

A posteridade necessariamente condemnará tamanha vaidade, a não ser que como Alp Arslan, monarcha persa, tenham todos os imperadores da Turquia de se mostrarem humildes ao baixar á sepultura.

Alp Arslan quiz que sobre seu tumulo fosse gravado o seguinte epitaphio:—Vós todos que tendes visto a grandeza de Alp Arslan elevada até os céus, vinde á Merú, e a vereis sepultada sob o pó.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 102 e 103 do—**ROCAMBOLE.**

ANNUNCIOS

Pede se a pessoa que *bifou*, no sabbado, o chapéu de sel do subdelegado da Conceição da Praia, deixando em troca um ordinario o velho, o favor de o ir restituir, visto ser muito conhecido o tal escamoteador, para não passar pelo dissabor de ir parar na cadeia.

O ordenança.

Quem precisar de uma senhora para serviço de uma casa de pequena familia ou para zelar meninos, dirija-se ao Largo do Terreiro, casa n.º 27.

MONTE SOCCORRO.

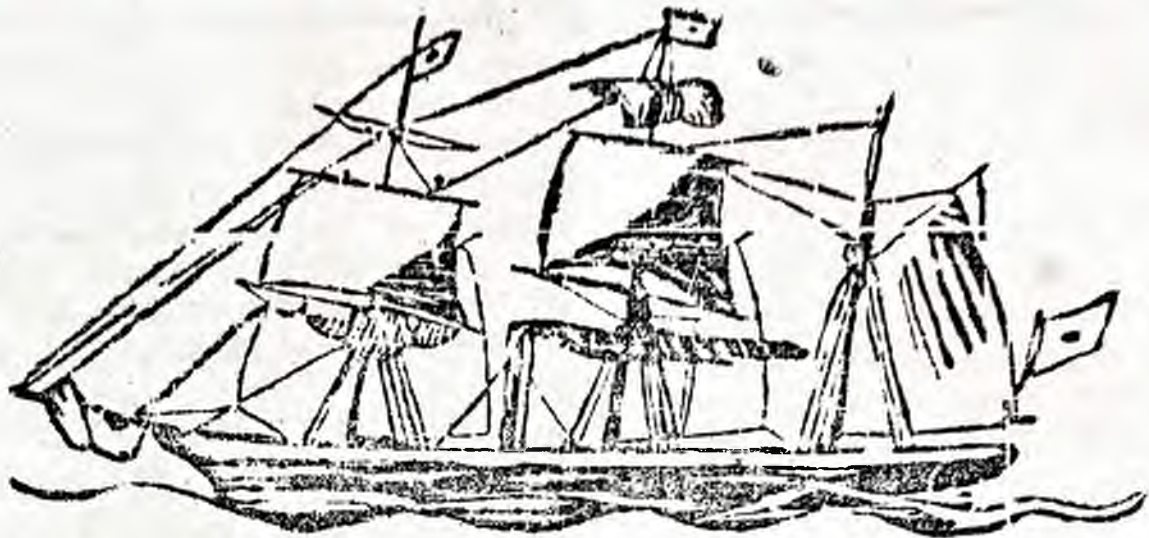
EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORIZAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Socorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, a onde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor, tambem compra prata, ouro e joias.

Ná rua do fogo n. 26 precisa-se fallar com o Sr. Manuel Salvador Gomes para negocio de seu interesse.

Roga-se ao Sr. Luiz Augusto Muniz que venha a rua do Tijollo n.º 16 a negocio que não ignora.

Typ. de Marques, Aristi des



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 56

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

6 DE OUTUBRO DE 1869.

N. 559.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Iatronopolis, bordo do *Alabama*
5 de outubro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado do Pilar, recommendando-lhe muito um tal José Russo, socio de um celebre *Manuel*, conhecido pelo *pinto da oliveira*, os quaes, segundo consta, andam envolvido em uma negociada, que os pode muito bem levar á cadeia, motivo pelo qual outro consocio, o Domingos do Ribeiro, receiando as consequencias ja se poz o fresco.

—Capitão, venho pedir a V. Ex. que re-
commende o beneficio da artista dramatica
a Exma. Sra. D. Julia Carlota d'Azevedo.

—Quando é?

—Quarta feira 6 do corrente.

—O que vae á scena?

—A *filha do Lavrador*, drama em 5 actos,
applaudido nos theatros onde tem sido re-
presentado.

—Que mais?

—Seguir-se-ha pelo artista José Victorino,
a interessante scena-comica ornada de mu-
sica e intitulada:

O Sr. Simplicio na Bahia.

—Só?

—Terminará o spectaculo com a espi-
rituosa comedia em que tomam parte a benefi-
ciada e mats collegas, denominada:

Maricota, ou os effeitos da educação.

—E' um excellente divertimento.

Vou recommendar; certo de que será mui-
to concorrido, em vista do merito artistico
da Exma. Sra. D. Julia, e da philantropia que
caracterisa o povo bahiano.

—Em que differe um negociante de um
barbeiro?

—Confesso minha impossibilidade de res-
ponder-lhe.

—Pois eu lhe explico.

O barbeiro corta os cabellos a quem o
procura e o negociante tira coro e cabello a
quem se fia em suas palavras.

—Capitão, temos um engano.

—Aponte qual é.

—O policial que arvorado em fiscal sub-
trahiu de um taverneiro 30\$ rs., não foi o
guarda Antonio Leonidio da Purificação.

—Mas então qual foi?

—Foi o guarda Leonidio Alves Pinheiro.

—Sempre destes descuidos em prejuizo de
terceiros!

—Mas que quer, si o discreto agente en-
carregado de velar pela segurança publica
teve a sagaz prevenção de disfarçar-se com
o nome do companheiro?

—Travessura dos moleques.

—Significa indolencia da policia.

—Hontem, 4, na porta de S. Francisco fi-
zeram um rombo na cabeça do individuo João

de Araujo Franca, o qual teve por unica reparação ir á botica do Sr. Barata e de la ao hospital da Santa Cusa, tomar ponto na brecha.

—E domingo, no Carmo, na occasião da festa, um menino foi gravemente offendido por uma garrafada com que outro lhe brindou.

—E como são cousas de meninos e moleques, a policia vai deixando passar.

«—Si piar mais uma vez, segue daqui preso.

«—O senhor está fallando sem base. Por que ha de me prender?

«—Prendo-o por provocante,

«—A sua narração está errada. O Sr. não me viu provocar.

«—Adeus! não articule outra vez, senão segue.

«Quer brigar com o outro a força.

«—Sr. guarda, falle cousa que se comprehenda.

«—Não seja tolo, cale-se.

«—Não é com *mateoria* que me convence. Ha de me levar pelos seus justos cabaes.

«—Não diga mais nada, patife!»

—Sabe o que é isto!

—Não.

—Era uma altercação entre um guarda de policia e dous individuos a meia noite de domingo. Atraz da Sé.

—E' assim que elles accommodam as desordens.

—Sr. Immediato!

—Prompto.

—Mande cumprimentar a redacção da *Esperança*, periodico scientifico e litterario dos alumnos do Collegio Dous de Dezembro, e assim agradecer-lhes a obsequiosa remessa do 1.º numero.

—Estou sciente, capitão.

—Psio... psio... psio!...

Capitão... capitão... capitão!

—O que quer, rapaz!

—E' uma carta que acabo de achar no Largo do Theatro.

—Lêa.

—Pois la vae:

«Minha Querida M.—Vou responder tuas presadas cartas, tendo deixado de o fazer por que primeiro queria ter certeza do que vou expor. Mora na loja do sobradinho junto a tua casa. uma creoula que se dá muito comigo e dá-me a caza uma noite para eu fallar contigo indo ella dormir em caza de uma camarada. Julgo que risco nenhum corre em

tu passares de uma para outra caza a uma ou duas horas da noite, pois maior risco corre fallarmos na janella. A creoula não sabe a pessoa que desejo fallar, por isso não tenha receio.

«Agora que tudo está facil e que pretendo conhecer se tu mo amas como dizes ou me exfementida. Responda amanha sem falta, e volte ou rasgue esta carta. Mande a resposta por aquella rapariga que me tem dado recados teos.

« Adeos men bem

« Accete o coração de teu amante. »

—Que maganão!

À PEDIDO

—Capitão, vou navegar no mar do amor!

—E não tem susto de naufragar neste vasto oceano?

—Não, tenho certeza de encontrar porto.

—Olhe que não vae naufragar entre os escolhos da infidelidade e da vaidade.

— Não importa. Terei por porto a mulher, por bussola o seu coração.

—E se houver alguma cerração no mar e o navio *sossobrar*?

—Não sossobra, resisterei á tempestade e irei em busca de outro porto, o porto d'amizade!

—No mar do amor tem naufragado muitos navios e eu tenho meus queixumes contra este ingrato oceano.

—Pois eu tenho convicção de encontrar um dos dous portos, embora appareça tempestade.

Bôa viagem, meu amigo..

«E' sobre esta navegação de que mais ou menos se queixa toda a humanidade, que vamos rabiscar algumas linhas. Não pretendemos dizer cousas novas, porem repetir aquillo que todos sentem— o amor da mulher.

Eis ahi o ponto, de dous mysterios—amor e mulher!

Quem ha ahi que o possa decifrar?

Nasce a mulher e começa logo a amar, a mãe, depois ama o pae, e quando chega a certa idade começa a amar ás suas bonecas. Vae crescendo e tem amor as suas camaradas, de maneira que, quando chega á idade em que seu coração entra a pulsar com o amor *gostoso*, ja está cançado e estragado com tanto amor: mas em fim deve ligar-se a um homem que ha de ser todo seu cuidado, com quem deve viver, como Deus com os anjos: amarram-se e parece que ninguem podê desatal-os; mas qual! o coração que ja está affeito a estas mudanças de amor, quer variar, porque a variedade deleita, e la se vae por agoa abaixo, a

fidelidade conjugal, como se foi o amor das bonecas, das camaradas, etc., etc., etc.

E não será isto um dos adiantamentos do progresso?

Nunca vimos, como hoje, *torcer-se* os laços de união conjugal por divertimento, e divertidos ficam os maridos por luxo, por moda e por vaidade.

A proposito nos lembramos d'aquelle ditado que bem applicação tem a esta nossa terra:—«*Pelo sim pelo não, tome seu chapelão.*»

E qual será a causa de tanta immoralidade?

A occiosidade!

Si uma mulher tivesse sempre em que pensar; si tivesse que fazer dentro de sua casa, não lhe restava tempo para empregal-o em namoro.

Uma mulher, a quem o marido não dá em que occupar-se, procura, e quasi sempre o mais facil que encontra é *agrinaldar* lhe a cabeça.

Ora, não são preciso grandes estudos para se saber que ente é a mulher, mais astucioso do que a serpente, sempre fazendo das suas; e os pobres maridos, crendo na sua innocencia, e se revoltando muitas vezes contra quem lhe atira uma ou outra indirecta!

— Mas isto hoje é moda; quem não tem muitos apaixonados não é do grande tour, e sujeitos ha que, conhecendo o fraco de algumas, sabendo que madame de Stael dizia:—Si os homens conhecessem certos momentos da mulher, nenhuma era... ai... ai... ai...—atiraram-se a conquistal-as e sempre vencem, porque elles repetem com *Cezar de Bazan*:

«Ainda com risco de vida

«Viva a causa prohibida.

E nós diremos, viva o progresso da immoralidade, que é o unico real, e de que não nos fallou Pelletan!

Ora pois, meu bestalhão,
Continúas no namoro!
Não temes que te prespeguem
Na testa um bom ovo gôro?

Manuel, não sejas tão tollo,
Como o *José* descarado,
Vae lavar o corpo sujo
P'ra então seres namorado.

Teme o que ao *Azevedo*
Por safado, aconteceu;
Chupar na cara sem brio
Taca ensopada em breu..

Desce do lá-do sobrado
Vem cuidar na obrigação
Antes que o amo *moreno*
Te enxote a caxação.

Mede a tua condição,
Que não passa de um cão vil,
É para o terceiro ardar
Não faças tregeitos mil.

Por que la no *Caes de Ouro*,
Todo mundo enjoado
Está, por tantos escandalos
De tão bobo namorado.

—Capitão, tenho que dar-lhe uma noticia, colhida no club Calcadense, onde se descobrem boas bandalheiras.

—E o que espera?

—No dia 18 do passado...

—Entre parenthesis, sua noticia ja creou bolor.

—Pela gravidade do caso ainda serve.

No dia 18 do passado um *fidalgo improvisado* surrou a um menor livre, seu creado, e deu-lhe com um ferro á cabeça que o prostrou sem sentidos; em tal estado ainda teve a crueldade de pizal-o com os pés.

—Mas que horrendo crime commetteu o pobre menino?

—Não sei; mas a dar credito á versão que corria, os motivos foram bem ignobeis.

Ouçá o resto:

Depois de saciar seu genio iracundo, mandou por um policial conduzir o menino para o *trem do mar* para ter praça na companhia dos *pequenos*, recommendando ao commandante que o castigasse por ser elle de má indole.

—Ora esta terra é do viva quem vence!

—Acrescentavam os conversantes que o tal sujeito tem entranhas felinas. tanto que ha pouco martyrisou horriavelmente a um escravo, a quem depois de surrada applicou sal nas nadegas.

—São cousas com que a policia não se abafa.

—Diz logo que são invenções.

—O tal *fidalgo* é um renegado que no tempo da independencia pegou em armas contra sua patria.

—Basta-lhe isso para ter tudo mau consigo.

Vejam que patifaria
Vae aqui por esta rua!...
O decoro á tabúa
Ha muito foi atirado
Pelo *Demétrio Gallinha*,
Que se inculca seductor,
E sustenta o corruptor
Um namoro escancarado.

Pois ha de um filho de Deus
Sahir p'ra cuidar na vida,
E uma besta atrevida,

Ha de o estar atraçoando!...
Logo que o vê pelas costa
A retaguarda lho corta
E mui pouco se lhe importa
Do osecandalo que vae dando!

Viva Jesus! Este becco
Tem boas cousas de ver!
Pois logo ao amanhecer
O namoro está rolando!
Naquella casa, a decencia
Do seu pe-lestal descahe,
Pois logo que o dono sahe
O patife vae entrando.

—Capitão, não é uma nem duas vezes que as authoritys desta terra se deixam possuir de tanto zelo pelo desempenho de suas attribuições, que cahem no excesso e no abuso.

—Quando a intenção não é diversa. . . .

—Ora ouça V. Ex. um caso, e depois reflecta, si o direito de propriedade aqui não está a mercê de quem quer que seja.

O portuguez Antonio Ribeiro, despedindo-se de caxeiro de uma venda ao Rosario, chamou um ganhador para conduzir-lhe o bahú; cujo ganhador desencaminhou-se com o carregamento sem dizer para onde ia.

O portuguez, ás cabeçadas, andou agarrando todos os ganhadores sem accertar com o que lhe havia roubado e por fim pegou-se com o africano Pedro, batendo o pé que fôra elle o conductor de seu bahú; mas esse preto empregado na tinturaria Boucher, passara alli o dia inteiro, e indo ao quintal rachar um pouco de lenha, dera profundo golpe de machado no pé e só a noite se retirara, manquejando, para casa de seu senhor; é claro que com um golpe que impedia de andar apressado, era impossivel poder subtrahir-se á vista de uma pessoa que o acompanhava.

—Muito justo.

—Mas da d'aqui, dá de acolá, o caso é que o preto está preso, a ordem do subdelegado de Sant'Anna, ha 6 dias, sem a minima prova.

—E o senhor soffrendo o prejuizo do fructo de sua propriedade.

—Além do mais; despezas com comidas e o perigo de uma hora para outra aggravar-se-lhe o ferimento.

—Eu não sei mesmo entender como são as cousas aqui! Em uma exige-se as formalidades maiores, em outras procede-se sem a menor cunho de legalidade.

VARIÉDADES

Uma mãe que havia alguns annos vivia ausente d'um filho, tendo noticia do lugar em

que elle havia fixado a sua residencia escreveu-lhe a seguinte carta:

« Meu filho. — Ha mais de tres annos que não tenho noticias tuas, nem sei se és morto ou vivo; portanto se és morto manda-me dizer para não continuar a escrever-te.»

O CERTIFICADO.

Um lavrador sendo sorteado para o jury, e não podendo comparecer á sessão do jury por estar atacado de uma forte diarrhea, pediu a alguns amigos que tambem iam para o jury que entregassem a carta que dava para o juiz de direito, e certificassem-no sobre o seu conteúdo. O juiz de direito recebeu a carta e leu o seguinte:

« Illm. Sr. — Não posso comparecer á presente sessão do jury por estar muito atacado de uma forte *diarrhea*, o que os Srs. jurados meus companheiros *podem ella provar. . . .* »

EPIGRAMMAS.

CONFISSÃO.

Confessando-se um sugeito,
*Accusou-se de um peccado
Pelo qual, ha muito tempo,
Se julgava condemnado.

« Meu padre, dizia elle,
« — Eu sou um homem *honrado*.
« Mas tenho uma prima em casa,
« Com quem vivo amancebado.
« — Eu te absolvo, meu filho,
« Então respondeu-lhe o padre,
« Si peccas com tua prima,
« Pecco com minha comadre. »

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 104 e 105 do—
ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHOES COM AUTHORITY DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Socorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, a onde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor, tambem compra prata, ouro e joias.

O cobrador d'esta folha dirá quem prepara com toda perfeição e gosto doces para casamentos e bailes por preço modico.

Brevemente achar-se-há impressa a linda Valsa *A primeira espada* dedicada ao Exm. Sr. Visconde de Itaparica,



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 37

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

9 DE OUTUBRO DE 1869.

Ns. 560 e 561.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
8 de outubro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. conego director geral dos estudos.—Constando que a directora do collegio francez, á Victoria, costuma castigar as meninas de maneira desabrida, dando-lhes ate bofetadas (!!!), como aconteceu ha poucos dias com uma; sirva-se S. S. de indagar si isso é exacto, e a ser, fará reprehendel-a e estranhar tão insolita e aviltante maneira de castigar.

Espera-se que S. S. tomará o exposto em consideração e procurará corrigir tão grosseiro e pouco compativel comportamento de uma perceptora da infancia.

—Aqui está um modo rapido de resolver questões.

Quarta feira, seriam cinco horas da tarde, um individuo, preparado de grossa beriba, entrou na marcenaria do Sr. Pedro d'Alcantara, a rua de Baixo e aproveitando-se da ausencia dos operarios, foi sobre homem feio e forte.

Deu-lhe com unhas e dentes a ponto de quasi decepar-lhe um dedo.

— Houve motivo?

— Andavam em questão sobre o pagamento do uma mobilia.

E' escusado dizer que este novo systema de pagar dividas passou-se sem que a policia tomasse conhecimento delle.

—E para que? Tomara ella tempo para outras cousas.

—Agora, depois do caso passado, é que o subdelegado anda em busca do criminoso.

—E' preciso que elle seja um pedaço d'asno para depois da acção que praticou não se pôr em guarda.

—Capitão, as authoridades desta terra dormem ou o que fazem?

—Eu sei la, rapaz!

—Aqui quem pode mais é quem manda.

Quem tem mais força, prende, amarra, e espanca, á sua vontade.

Ora contaram-me um caso que por si so basta, para provar a egualdade de direitos que ha neste paiz.

—Conte-me, que quero ouvir.

—Os jornaes annunciaram que quem levasse um pardo, fugido de casa de seus senhores, ao negociante Catilina receberia certa recompensa pecuniaria.

—Quasi nunca leio annuncios; por isso não me recordo.

—Isso foi bastante, para que um tal Paixão. carapina, morador ás Pitangueiras, vendo entrar na venda do Manuel, ao mesmo sitio, o pardo João José Gualberto, trabalhador na roça do Dr. Sanches, á estrada do Brotas, entendesse que esse era o escravo fugido, e reunido seis a sete collegas prendessem o

pobre homem e o amarrassem de mãos para traz, debaixo de pancadas, para submettel-o a violencia com que era tratado.

Amarrado o homem, foi conduzido a casa de Paixão, e ali lançado sobre um estrado, de barriga para cima, e ligado com cordas, de maneira a não se poder mover!

—Queriam-no bem seguro para não fugir.
—De certo.

Em tão penoso estado passou elle a noite e parte do dia, até a hora em que approuve a Paixão, acompanhado de dous comparsas, leval-o a loja do Sr. Catilina, o qual reconheceu não ser aquelle o escravo ausente de casa de seus senhores.

Foi então que voltaram esses *denodados* e foram apresentar a victima de sua gana ao subdelegado de Brotas, o qual por quebra mandou-o trancafiar na Correção para averiguações sobre a sua verdadeira condição.

—Alem de queda couec!

—Na policia, ao terceiro dia de oppressão, fo João Gualberto solto.

—E neste paiz, onde se diz que a lei nivela os direitos de todos, meia duzia de especuladores prendem um homem livre, amarraram-no, flagellam-no!

—E no reinado de justiça e moderação os authores de tão insolito attentado permanecem impunes!

—O cemiterio do Campo Santo está convertido em bordel.

—O que está V. dizendo?

—Os capadocios vão para lá debochar nas noites de lua.

Levantam o portão que está estragado e introduzem-se no jardim da cidade dos mortos.

—Nem o respeito ao tumulo guardam!

—Ao som de violão e de modinhas libertinas vão trepudiar sobre as sepulturas e perturbar o somno daquelles que dormem na paz do Senhor.

—Como está tudo pervertido!

—A policia, se me não engana, tem dever de fazer respeitar o asylo augusto onde repousam os que se foram desta vida.

—Que duvida!

—Neste caso, si ha quem abuse é por que ella quer.

—Capitão, V. Ex, foi ao beneficio da Sra. D. Julia?

—Fui; esteve um excellente divertimento.

A Sra. D. Julia d'Azevedo, no papel de Joanna, a filha do lavrador, desempenhou maravilhosamente, arrancando do publico freneticos applausos.

A beneficiada, todas as vezes que apparecia

em scena ora coberta do flores pelos spectadores.

Duas innocentes jovens, a corôaram em scena, com uma importante coroa de ouro, cravejada de brilhantes, no valor de réis 1:250.000.

—Não foi coroada a belleza da mulher, como costumam fazer, foi coroado o merito da artista.

—Na comedia a *Maricota*, ainda deixou a Sra. D. Julia se conhecer o seu merito.

—Mas, dizem, distribuíram uns versos, com tarjas pretas, ridicularisando a beneficiada?

—E' verdade; são cousas de quem não aprecia o talento, e sim a belleza. Deixemos os cães morderem-se, e felicitemos a insigne actriz pelo seu apreciavel talento.

—Capitão, as queixas contra as repartições do correio são immensas.

—Eu tambem tenho soffrido; todos os dias tenho reclamações; ao passo que constantemente deixo de receber jornaes e correspondencias que me são remetidas.

Outras vezes vem os numeros incompletos. Não sei d'onde é a falta.

Ainda no ultima vapor, tive esta reclamação do *The Brazilian World*:

«Não temos recebido *Alabama*, porem temos razões para saber que elle nos tem vindo.»

A razão é porque ha muitos individuos que gostam de folhas jocosas e as subtrahem na confusão, quando chegam os vapores. Talvez se evite este mal, vindo a folha endereçada a uma pessoa em vez de vir á redacção. Portanto, si lhes não for encommo, remetta-as com endereço ao Sr. A. R. M., presentemente encarregado da correspondencia do *The Brazilian*.

A *Voz da Religião*, queixa-se assim:

«Ha bem longo tempo que não recebemos um só numero de seu jornal. Teria desapparecido da arena jornalistica?

«Não receberia a carta que a V. dirigiu o seu, etc?»

O *Conservador*, de Sergipe, diz-nos que não recebeu do numero 547 para cá!

O *Artista*, do Maranhão, tambem reclama.

Entretanto as remersas são feitas pontualmente!

E do mesmo mal de que se queixam soffremos nós tambem.

—E ninguem pode saber de onde vem a falta; si daqui, si de lá.

—E' uma caveira de burro que anda enterada neste negocio.

—Quarta-feira, 13, a noite, o publico bahiano vae ter algumas horas do agradavel passatempo nesta epocha tao falto de distração.

—O que ha?

—Um divertido e variado espectaculo no theatro.

—Ah, serve.

—E' em beneficio do sympathico artista Eduardo Alvares.

Pelo que está annunciado deve ser uma noite delectavel.

Arrebatadoras composições executadas pela orchestra, como a *Tomada do Alabama*, de Farias Machado; *Elisinha*, de Manoel Thomé e outras.

A representação de um bello drama, uma spirituosa scena comica e uma engraçada comedia ornada de musica, é o resumo do aprazivel divertimento com que pretende o beneficiado entreter o publico.

—E confie elle que a proverbial benevolencia com que este publico costuma acolher os que a elle recorre, ha de se manifestar a seu favor.

—Sr. *Alexandrezinho*, V. com um rabo tão cumprido, anda a se fazer de rolla?

Quem se importa, asno de um dardo, que V. não leia o *Alabama*?

O *Alabama* precisa de ser lido por V., quando ha tanta gente honesta que o honra?

P'ra tratantes e larapios de sua eguala tem a tacca do muxingueiro.

V. é um refinado olho-vivo, porque do olho-vivo não são somente os miseraveis que andam *gamando*.

Tambem os ha da sua marca, que encafurnado nessa immunda biboca leva a comprar roubos de assucar e algodão e depois de enfardal-os á seu geito, deita-lhe estas:

C. M. L.

para

A. M. L.

e manda vender pelas vendas.

Diz V., meu pedaço de careavista que não fez caso do que diz o *Alabama*, sobre os roubos que se dão no Pilar; tem razão, esta é a terra da impunidade dos ladrões.

Mas veremos como se arranja quando a cousa lhe tocar por casa.

Escapa, é verdade, á punição legal, mas a opinião publica fica conhecendo um tratante de mais.

Ha de se lhe agradecer as *mimosas* palavras com que tem brindado a quem não se lembra de V.

Até breve.

DOS QUE FURTAM COM UNHAS VISIVEIS.

Rara é a unha, ou neuhama ha, que não procure fazer-se invisivel, para que não a apanhem com o farto nas mãos, e a agarrem melhor do que ella agarrou a presa. Mas ha algumas, que por mais invisiveis que se façam, sempre são descobertas e que por mais luvas de desculpas que lhes calceis não pode o juizo aquietar-se, e está sempre latindo e gritando: *Latet anguis in herba*: aqui ha harpias.

Entrei hoje em casa de um homem que conheci hontem pagem safado de um ministro opulento; vejo-lhe colgaduras e quadros, escriptorios e cadeiras, bambinellas ás janelas, e papagaios em gaiolas de marfim, espelhos de crystal na sala, relógios de madreperola, e outras alfaias, como não as tem o rei da China, e fico pasmado sem saber quem me diga de onde veio tudo isto! E digo cá commigo; *quien cabras no tiene, y cabritos viende, de donde le viene?*

Este homem não foi á India, nem achou thesouro, por que si o achasse, a justiça do rei havia de levar pelo menos a ametade d'elle. Então isto é thesouro encantado, e si querem a prova, direi o que dizem todos; que este homem é um grandissimo ladrão: perdoem-me a sua ausencia; e isso está clarissimo e manifesto n'estes effeitos, nem ha mister de mais devassa.

Em minha casa vivo trancado, porque quem não se tranca no dia de hoje, não vive seguro, e quando a policia parece que anda dormindo, pois não dá fé nem d'aquillo que quem está de olhos fechados e trancados vê.

Vejo que anda a cavallo com dous lacaios aquelle empregado, que não tem de ordenado mais que oitenta mil reis; sei que anda em coche, outro e sua mulher, sem terem de ordenado, nem de renda, quando muito, até seiscentos mil reis. Elles não trazem navios no mar, nem tem bens patrimoniaes na terra; nem possuem os pavões de Juno em casa, que lhes ponham ovos de ouro!

Pois que é isto?

São unhas visiveis, e bem se mostram em seus effeitos, e em outros que calo.

LA VAE VERSO.

A ENGOMMADEIRA.

Eu sou pobre engommadeira,
Suando ganho o vintem...
Chamam-me os moços—formosa,
E os velhos querem-me bem.

Ai não é graça!

Os velhos querem-me bem.

Não moro em rico palacio...
A riqueza quem me deu?
Mas, sorriso entre os ferros,
Deus do Ceu me concedeu.

Ai não é graça!
Deus do Ceu me concedeu.

Mas, entre os ferros amigos,
Os ferros do meu labor;
Estes, sim, me dão ventura;
Receio os ferros de amor.

Ai não é graça!
Receio os ferros de amor.

Sem ellés, liço contente,
Entre cantigas sem fim;
Que me importa o mais da vida??
Si feliz sou mesmo assim?

Ai não é graça!
Si feliz sou mesmo assim?

Cedo acordo e no engommado.
Logo a roupa eu vou molhar,
Armo a corda no terreiro,
Para estendel a a enchugar;

Ai não é graça!
Para estendel-a a enchugar.

E os ferros no fogareiro,
Qu'está cheio de carvão,
Ferro a meza, e almoço e logo
Uma calça por tostão.

Ai não é graça,
Uma calça por tostão.

Mas que calça engomadinha!
Lustrosa e alva a brilhar,
Nem uma dobra, um cisquinho,
Meu rosto posso mirar.

Ai não e graça,
Meu rosto posso mirar.

E assento a mão no trabalho,
Suando ganho o vintem,
Ao freguez um ditosinho,
Nunca dei mais a ninguem.

Ai não é graça!
Nunca dei mais a ninguem.

Como a calça tão lustrosa,
A camisa tam.bem vai,
Ao moço torna ditoso,
Suspiros paixões e ai.

Ai não é graça!
Suspiros, paixões e ai.

Que as meninas endoidecem
Quando virem o meu freguez,
E com tudo, por tão pouco
Quantos gosos muita vez.

Ai não é graça!
Quantos gozos muita vez.
Trez vintens essa camisa,
Pois é caro, meu senhor?

Roupa assim encanta as moças;
Trez vintens lhe custa amor.

Ai não é graça!
Trez vintens lhe custa amor.

Meu Jésus, que ferro quente,
Quasi a camisa-toston,
Vou esfrial-o depressa,
Neste duro paletôt;

Ai não é graça!
Neste duro paletôt.

E entretanto a engommadeira,
Que sabe tanto agradar,
Sempre esquecida e mal paga,
Si o freguez sabe pagar!

Ai não é graça!
Si o freguez sabe pagar.

A PEDIDO

—Capitão, esta companhia do Queimado tem celebridades!

—Como assim?

—Não sei a razão por que fornecendo agua aos hoteis e á fabrica de chapéus aos Coqueiros, recusou-se a fazel-o ás padarias.

—E' que entende que aquelles necessitam mais que estas.

—Pois é um erro; no caso em que estão uns está outros; ou antes as padarias tem precisão mais urgente que os hoteis, visto que fornecem um genero de primeira necessidade para o publico em geral, ao passo que poucos comem em hotel.

E depois os hoteis com quatro, seis, ou oito barris, estão abastecidos, em quanto que não acontece assim com as padarias, que veem-se na necessidade de distrahir os trabalhadores em carregar agoa, o que produz immenso estorvo.

Quanto a fabrica de chapéus, nem é preciso fallar.

—Não é por ali que eu vou.

Entendo que todos tem equal direito; todos fizeram despeza com o encanamento das pennas, e que a companhia com tal preferencia estabelece privilegios odiosos.

Si ha agoa, sejam todos providos della.

Uns não são filhos de Deus e outros do diabo, o dinheiro de um vale tanto como o de outro.

—Mas como aqui só não se faz o que não se quer, é que se vê disto.

—Que homem mau!

Mata os escravos a pancada!

—Dizem que elle é major.

—Ja deu tanta pancada n'uma escrava que dahi ha quatro dias morreu.

—E a uma outra, parda, poz em petição de miseria.

Esta foi mais feliz, por que houve quem tivesse commiseração della e fizesse uma subscrição a seu favor.

—O que admira é como essa fera humana não tem uma ripreimenda, sendo patentes seu malevelos feitos.

—Agora é um pobre pardo a victima de seu rigor.

—Apresentou-se na policia e foi mandado para a correção.

—E fica nisso.

—Na rua onde ha um hospicio ninguem ignora o que é semelhante monstro:

—Basta dizer que compron uma roça, sem necessidade, somente para surrar os escravos.

—O tal *major* tem entranhas de tigre!

—Contou-me o Nunes que outro dia entrou em casa as 10 horas e ja elle dava pancada no infeliz; aborrecido sahio, voltou as onze e meia e ainda o maldadado soffia o brutal castigo que lhe infringia o desapiadado senhor.

—Assim tambem é de mais.

—Não sei certa gente que não tem genio de ter escravos, para que os possue!

—E os desamparados, coitadinhos, soffrem abandonados, tão crueis rigores sem haver quem se lembre de proteger o escravo contra a barbaridade do senhor sem alma!

—Capitão, entrou na caehola de um tarugo taverneiro do Xico-xico que devia assentar praça no batalhão de Cupido, e eil-o a dirigir destas cartas a certa mocinha da vizinhança.

Tenho uma collecção de taes epistolas impregnadas de ranço de manteiga e morrinha de bacalhau, que irei apresentando a V. Ex.

Ah! minha cara filha! Cumpre-me o dizer-lhe: Eu fui o mais infeliz dos homens, em amar, não sinto só o amortecimento do genio mas vejo que a alma seme sêca, e que se me extingue o fogo da vida: e como se pode chamar vida, aquella que sessubmerge em um mar de tristeza! não vejo paçar um só dia, que me esclareça com um só raio de gloria! nem que me alegre com amais ligeira ilusão: dias á que deixo de lhe olhar, para ver-seo meu pobre coração, tem allivio; e meu peito magoado respira, a grandes impressões em que luta constantemente.

Ah! minha filha, por vosso amor, meus olhos se vestiu de lagrimas! o meu coração, jeme de dor! meu espirito ficou sem sentidos! e meu corpo sem forças! Eu preciso muito de ter com voê uma entre vista a viva voz. Oh! como é doloroso viver entre vãs esperanças!

Minha muito cri! a filha a muito tempo que V. não metem dado o prazer de vêr letra sua, quando ella me é endereçada, dô-lhe beijos, e junto ao meu coração abraçalo, e dizendo é o balça-me que me aleiva um pouco de tantas angustias que sófro por vós!! Sim por vós!!.....

Vosso pae, e marido
Francisco.

—Capitão, o grande Mellorio tem se visto em papos d'aranha, ou como se costuma dizer da sala para a cozinha, e isto por não poder levar o bocadão á bocca, ou por outra por ver prestes escapar-lhe das unhas a preza que elle considerava filada.

—Então o que acontecen? conte-me isso em termos intelligiveis e abreviados.

—Não foi nada, meu capitão, porem mesmo esse pouco bastou para pôr o Mellorio desapontado, e de rabo entre as pernas. como si tivesse engolido alguma bola das que se atiram aos cães, e isto porque o meretissimo Dr. juiz de orphãos, attendendo ás justas allegações de um dos herdeiros; e ao juizicio parecer do integerrimo Dr. curador geral dos orphãos, mandou que o Mellorio satisfizesse essas legaes e razoaveis exigencias, sob pena de ser lançado fóra de inventariante, etc.

—Ah! sim ja percebo, o Mellorio se persuadia, de que ainda estava n'aquelle bom tempo do inventario do s'gro em que elle deu as cartas, e amassou tudo a seu geito, por contar com o favoretismo do juiz que era seu compadre e protector, e por isso fechou os olhos a tudo? pois enganou-se redondamente, porque o actual Dr. juiz de orphãos não se move a empenhos, e nem a compalrescos, e so tem por norma de suas acções a moralidade, a justiça, e a lei, pelo que tem captado a estima e consideração geral, e da mesma tempera é o circumspecto Dr. curador geral dos orphãos.

—Muito bem, apoiado, apoiadissimo; porem, V. Ex. esqueceu-se de fallar na sobre partilha que, segundo dizem, foi feita particularmente, e detraz da porta pelo Mellorio e seus dous cunhadós, e o certo é que a vinte tantos annos nunca mais se fallou nisso, e os outros herdeiros mamaram no dedo; entretanto que elle, ajuntando uma certidão, quer agora ser pago de uma quantia que ficou para elle receber na sobre-partilha, esquecido de que elle mesmo foi quem a fez, e com uzura se cobrou pelas saas proprias mãos.... vamos adiante.

O Mellorio vendo-se atrapalhado da vida com o despecho do recto juiz, e querendo ver se ainda pode alongar o inventario da sogra, que a mais do um anno com tricas e nieas

atrapalha e demora, e isto por se achar de posse dos poucos bens deixados, apesar de não ser herdeiro do casal, pediu vista..... Deus lh'a queira conceder, pois em verdade a peior cegueira é a d'aquelle que não quer ver o que é justo e honesto, e ao contrario so encherga o que lhe faz conta, embora seja desmascarado e reconhecida a sua esperteza.

Vamos agora ver com o que se sabe o senhor Mellorio, e quaes as razões de cabo de esquadra por elle de novo apresentadas.

— Rapaz, segundo dizem as beatas de capena — *a alma ruim é que faz visagens* — por tanto ponha-se alerta para me relatar tudo, pois eu tenho grande empenho de ver o desfecho dessa ridicula pantomima.

(*Continúa.*)

— Capitão, escute esta.

Ha nesta cidade uma beata tão fanaticca que manda fechar as janellas em dia de sol, para que, diz ella, não lhe entre em casa cousa que seja maxa.

— Tem de se haver só com as femeas.

— A' excepção de um reverendo fradeço, seu confessor, que tem entrada franca a qualquer hora.

— O la, *Morerinha*, assunte-se!

Para que cospe pra o ar, si pode o cuspo lhe vir ao rosto?

Esteja a bolir em casa de maribondo e depois arrenegue da hora em que nasceu.

Lembre-se de que o menos que se pode contar da vida de um certo ex-subdelegado é a subtração dos autos de um processo de certo superintendente de uma estrada de pau.

Quer ouvil-a?

Continue.

A VOZ DO ESCRAVO.

« Sorri-me o gozo no porvir eterno!
« Aspiro a morte para erguer-me aos ceus!
(P. CALDAS.)

Escravo, soffro meus grilhões tyrannos!
Cruéis enganos de brutal senhor!
Soffro o rigor d'um viver austero,
E nada espero que m'abrande a dôr!...

Roubado á força de meu lar querido,
Eu fui vendido por cobiça insanal!
Maldita gana de voraz riqueza,
Triste fraqueza de ambição humana!

Africa, farta de sublime encanto,
Eu te amei tanto com amor sincero!
Hoje em vão quero desfructar-te um pouco;
Mas ah!... sou louco, meu senhor é féro!

Cruel martyrio de sinistra sortel!
Que dôr tão forte m'avasalla o ser!

Antes morrer, que viver pensando,
Suspiros dando, sem allivio ter!

Solta-me, oh! fado deste jogo atroz,
Que tão feroz m'acabrunha a vida!
É triste a vida do viver captivo,
Em fogo vivo de ventura infida.

A vida passo desditosa e feia,
Dura é a cadeia, que me deu a sorte!
Seu pêso é forte, — meu viver é féro
Só allivio espero encontrar na morte!

Arievilo.

VARIÉDADES

POR CAUSA DE UMA MULHER.

HISTORIA DAS INFELICIDADES DO SR. GABRIEL, ESCRIPTA POR ELLE.

Era eu um dos moços que tinha a felicidade de gozar de um bom conceito: era tido como serio e maneiroso.

Minhas attencões com as mulheres, minhas tendencias para ellas, me haviam dado o credito de um verdadeiro homem de sala.

D'ahi provieram as minhas infelicidades!
A tal tendencia foi o meu mau fado.

Eis o caso:

Uma noite senti-me tomado de aborrecimento; estava, na phrase ingleza, atacado do *spleen*; sahi a dar um passeio.

Ha certa rua abaixo, com passo lento, saboreando um soffrivel charuto, quando vi passar por mim, ligeira como uma corsa, uma menina toda sacudida, pisando como a mais *chique* pariziense. Tentou-me o desejo de ver-lhe a *faxada* e apressei o passo.

Estava ja emparelhado com ella, quando abalroei um cego. Este irrita-se, ergue do seu bordão e atira-me uma paulada.

Para evita-la, dou um salto, piso no vestido da menina, e quasi que despreguei-lhe a saia do corpo. Desconcertado com isto, volto-me para articular uma desculpa, e vou de encontro a um preto que trazia á cabeça um *barril*, o qual entornou-se.

Então a menina, com certo arrebatamento, agarrou com uma mão na saia do vestido, e com a outra levou o lenço ao nariz e dizendo — ainda mais esta, — seguiu acceleradamente o seu caminho, acompanhada do seu cavalleiro, que resmungava improperios contra mim.

O meu furor foi tal, que atirei-me ao preto do *barril*, levando-o de encontro a parede e partindo-lhe a cabeça.

O preto pede socorro, um inspector de quarteirão acode o da-mo voz de prisão.

Para evitar a resistencia, que é um crime perante o codigo, tentei fugir e metti-me por uma loja a dentro.

O inspector agarrou-se a aba do meu paletot, e eu, para escarpá-lho, saltei por sobre o balcão, do que resultou batter com a cabeça no candeeiro de gaz, fazendo-o em pedações.

A este desastre acudiu tambem um caixeiro, agarrou-me para pagar o lustre.

Foi um reforço ao inspector e a minha prisão effectuou-se.

Não tive outro remedio sinão pagar o damno feito á loja, e ir para o calabouço da policia.

La foi que me vi.

Estava com a testa ferida, o paletot desabado e as calças emporealhadas!... cahi em grande prostração de animo, e ficaria toda a noite a lastimar minha desdita, si as pulgas não me dessem um assalto nunca visto.

Procurei defender-me, mais não era possível, ellas mordiam-me desesperadamente; estavam esfaimadas,

Persuadi-me então que me haviam posto naquelle logar por engano, e que ali não era prisão de gente, era prisão de pulgas. Comecei a gritar e fazer barulho na grade, até que me appareceu o official de estado.

—Senhor, dê-me outra prisão, que aqui não amanhecerei; as pulgas comem-me vivo.

—Esta é a melhor prisão que aqui ha, é a prisão das mulheres; foi por isto que lh'a destinei, vendo que o senhor era um moço limpo.....

Não tive mais o que dizer, desde que, apesar de estar todo sujo, me tratava como moço limpo e resignei-me.

Mas, ah! que noite cruel a que passei.... Não fechei os olhos. A ferida da testa me ardia, as calças cheiravam horrivelmente, e eu pensava na moça e cocava ás pulgas!

Que triste situação!

Entretanto seismava.... mulher e pulgas!

Amanheceu o dia e tive ordem de soltura.

Estava uma figura detestavel ferido, sujo e de paletot suro! Tudo isto..... por causa de uma mulher!

(O CARETA.)

(Continua.)

Uma senhora dava o seguinte recado a um de seus filhos que ia á cidade fazer certas compras.

—Meu filho, não te esqueças de comprar um rabixo de solla dobrada para mim, que o meu, teu irmão arrebitou-o outro dia.

Ia-se para a sala do jantar em certa casa, e como um caxorrinho tivesse sujado na sala disse a dona da casa de repente:

—O' F. limpa alli o que fez o Joly para se jantar.

Um sujeito perguntou a outro que tinha sido membro do jury em certa villa:

—Sabe-me dizer, Sr. F., que sentença teve o meu compadre Ambrosio?

—Foi sentenciado a galés perpetuas por toda a vida; mas o juiz pelloa.

OS MONOSYLLABOS.

Quando reflecto no Creator e em todas as suas obras, reconheço que tudo quanto ha de grande, de admiravel e de maravilhoso, se exprime por palavras de uma só syllaba.

Procuro a origem de tudo e tudo repete o monosyllabo—DEUS!

No principio da criação disse elle—faga-se a luz, e a luz que tanto tem dado que pensar aos physicos, é um monosyllabo.

Oho para esse elemento em que mais se ostenta a Magestade Divina, e uma só syllaba o exprime—*mar*.

Levanto a cabeça, vejo o centro luminoso, desse systema planetario, e chama-se—*sol*.

Admiro o enfeite da terra, e é a—*flor*.

Penso no homem e reconheço que sua origem foi o—*pó*—e que duas cousas distinctas constituem n'elle um—*ser*—diverso dos outros seres, que formam aquillo que os philosophos chamam o—*eu*.

Considero que esse ser pensa e que seus pensamentos exprimem se por um monosyllabo—*voz*—e que um—*sim*—basta para fazer o ditoso.

Considero-o physicamente e toda sua defeza está nos monosyllabos—*mão e pé*, que elle vive e que o principal elemento de sua vida é o—*ar*.

Procuro quaes os entes mais charos neste mundo e ainda encontro os monosyllabos—*pae e mãe*.

Vendo o homem cercado sempre de afflicções e tormentos, volto-me para a religião e ella me aponta o—*eu*—como descanso de suas fadigas.

Procuro então estudar essa religião, e vejo ainda a—*cruz*—labaro precioso da liberdade universal.

Sigo adiante e encontro a—*fé*—primeira das virtudes theologaes.

Busco um modelo de paciencia, e encontro—*Job*.

Quero viver como devo, e a sociedade me aponta que me cumpre ter diante dos olhos dous monosyllabos—DEUS E LEI!...

TRADUCCÃO AO PE DA LETRA.

Tinha-se por muito santa e nutria a presumpção de não commetter um unico peccado, uma menina muito bem educada. Um dia zangou-se e levou-a a tentação a fallar no

diabo, mas foi tão grande o desgosto que por isso sentiu, que chorou até a noite. Consolava-a então uma tia, mulher já de idade, dizendo-lhe:

—Não te afflijas, menina, bem vês que todos somos peccadores, não pode haver ninguém que não commetta o seu erro, e senão veja-se aquelle verso do *miserere* que diz *li soli peccavi*,—o sol também peccou.

O filho.—Porque é que todas as comédias acabam em casamentos?

O pae.—Porque com o casamento principia a tragedia.

EPIGRAMMAS.

PARA AJUDAR A MORRER.

Um pobre infeliz docente
Estava p'ra fallecer,
Chamem um padre, disseram,
Para ajudar o a morrer.

Um medico é melhor,
Accode logo um sugeito,
Eu vou depressa chamal o,
Vossês verão o effeito.

A CONTA DE REPARTIR.

Pregava certo orador
De Deus a sabedoria,
Um sugeito que escutava
De vez em quando sorria,
Até que zangado disse:
« Mentiras não quero ouvir
« Sabe tudo, mas não sabe
« A conta de repartir.

Um homem casado maltratava sua mulher, apesar de ser ella um cumulo de virtudes, e d'um genio brando. Ou porque a sua derradeira hora fosse chegada, ou por effeito dos maus tratos e desgostos que soffria den alma ao Creador.

Indo um amigo d'aquelle homem cruel dar-lhe os pesames pela perda que acabava de soffrer, accrescentou:

—Meu charo, console-se com a sorte de sua esposa, porque era uma santa creatura, e está no céu.

—Si para lá foi, a mim o deve, respondeu o marido.

N'um vehiculo muito incommodo, que ia para Versailles, achava-se um militar sentado ao lado de um obeso cozinheiro. Sentindo-se molestado o militar, pela proximidade em que estava de tão gordo personagem, resolveu livrar-se d'elle; para o que, pôz-se a fazer horriveis contorsões,

—Que tendes? perguntou-lhe o cozinheiro.

—Nada, disse o militar.

Poucos minutos depois recommecam as contorsões.

—Mas que tendes vós? perguntou de novo o cozinheiro, a quem incomodavam os movimentos desordenados de seu vizinho.

—Não vos assusteis, disse o militar, o meu mal ainda está em principio, por isso não correis perigo algum.

—Qual é o vosso mal? perguntou o outro assustado.

—Fui mordido á dias por um cachorro damnado, e como me receitaram um remedio que só poderei achar em Versailles, por isso é que aqui vou tão incommodado.

O obeso companheiro não acabou de ouvir a explicação do militar. Pretextando preferir o exercicio a pe ao de carro apeon-se, deixando assim muito a seu gosto o avisado militar, que ficou rindo-se do seu estratagemas.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 106 e 107 do—**ROCAMBOLE.**

ANNUNCIOS

AO ILLM. SR. DR. CHEFE DE POLICIA.

Innocencia Maria da Conceição declara que, tendo entregado seu filho Ludgero Alves da Silva ao Sr. Marcellino Dyonizio Dias, que negocia em miudezas em Santa Barbara, succede agora que esse Sr. não lhe sabe dar noticias do referido menino, pelo que recorre a S. S. pedindo providencias.

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORIZAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Socorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, a onde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor, tambem compra prata, ouro e joias.

Vende-se uma lancha grande em bom estado: quem a pretender dirija-se a esta typographia.

VERDADEIRO CAFE PURO.

Continua-se a vender o verdadeiro café moído puro de M. José d'Azevedo, na casa n. 15 á ladeira da Saude. Na mesma casa fabrica-se chocolate muito fino de diversas qualidades. Pode ser procurado na padaria do Sr. Mathez e na rua dos Ourives loja n. 9 B.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 57

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 40 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

13 DE OUTUBRO DE 1869.

N. 562.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
12 de outubro de 1869.

Officio á Illma. camara municipal.—Existindo na esquina que da ladeira da Praça sobe para os Sete Candeeiros, um buraco ou bocca de lobo cheio de immundicie, não só prejudicial á saude publica como perigoso a quem transita por alli, que com qualquer descuido pode ficar de pernas quebradas, principalmente á noite, em que a luz dos nossos economicos lampeões conservam a cidade em perfeita escuridão; convém que essa Illma., quanto antes, mande tapar o mencionado buraco, que so serve para dar prejuizo.

—Ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, comunicando-lhe o seguinte estupendo facto, para que S. S. se sirva de tomal-o em consideração.

Foram recolhidas á cadeia da Correcção, como escravas, e penhoradas para pagamento de dividas, Raymunda e Theodora, uma nascida de ventre livre e a outra libertada na pia baptismal, e dessa cadeia levadas na terça-feira para a casa de um meiginho á Estrada Nova, d'onde serão remetidas para a cidade de Nazareth por despacho do juizo especial do Commercio.

As infelizes, por mais que reclamem contra a violencia de que são victimas, como são desvalidas, a seus brados não encontram echo a-

pezar de muita gente affirmar ser verdade o que ellas dizem, inclusive a propria mulher que criou uma dellas; e desta sorte os annaes do crime terão de registrar mais um facto audacioso, si a acção de S. S., como integro magistrado e executor da lei, não se fizer sentir energica e perspicaz nesta negociada, em que se pretende escravisar quem é livre.

Faltava nesta terra mandar-se prender a gente livre para cobrar dividas de terceiro!

Em nome dos direitos do fraco, em nome da lei que se pretende tão torpemente ferir, espera-se que S. S. proceda neste negocio como em muitos outros tem feito.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Rua do Passo, reclamando medidas preventivas para que não continue a ser offendida a decencia publica, e ao mesmo tempo evite algum caso triste, que pode vir a acontecer, entre os garotos e um vigario, que ha tempos, enganado, assassinou o sacristão, julgando matar um hospede que tinha em sua casa.

Succede que esse sacerdote, tendo expiado a punição que a lei lhe impoz, acha-se residindo á ladeira do Carmo, onde os maldictos capalocios o vão provocar, com chufas, expondo-lhe a acção má que praticou, e elle tresvairado deita pela bocca a fora uma montão de improperios e palavras asquerosas, o que dá a semelhante espectaculo um caracter verdadeiramente immoral e indigno do ser representado n'uma terra civilizada, ja pelo desacato ao pulor das familias, ja pelo descredito que resulta á religião d'a-

quellas immundas palavras cabidas da bocca de um seu ministro transviado.

Na noite de quarta-feira passado, foi um escandalo completo, não só pelas palavras, como por pretender elle, armado, sahir á rua para brigar. Por tudo isso é de crer que S. S. ache justa a reclamação que se lhe faz.

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que passe a intimar a V. O. 3. do Carmo para que ja e ja mande concertar o cano do sacramento 119, ao Pilar, arreventado ha mais de anno, e causando notavel damno ao publico com o diluvio de excreções com que inunda a rua. Compra.

—Fructos da escravidão...

—...amargam como fel.

—Sexta feira ultima, deu fim á existencia, atirando-se no dique, um infeliz escravo da Sra. viuva Pinheiro.

—Então com esse são dous escravos dessa senhora que ultimamente acabam de morte desastrada?

—Supponho.

O desgraçado andava foragido e occulto, por entre as capoeiras, nas immedições do dique, presentindo gente, e persuadindo-se de que o viubam prender, largou-se a correr, atirou-se n'agua, submergiu-se para só apparecer cadaver no dia seguinte.

—E' uma victima dessa barbara e ferrenha instituição legada por nossos ante-passados.

—Quando se extirpará esse cancro que a cada hora faz sentir seus perniciosos effeitos?

—A nossa sociedade em vez de caminhar na senda do progresso e da moralidade, vae cada vez mais, a passos largos, para o lodacal da corrupção, da crapula e da devassidão!

—Haja vista o espirito motejador, a falta de respeito, dessa snecia de rapazes mal creados, que se apresentam nos templos de maneira tão indecente!

—Estas noites, no Carmo, tem se dado os maiores escandalos!

—Está por que os frades capuchinhos *tur-ravam*.

—Agglomerados nas portas lateraes, beliscam as moças que entram, pronunciam palavras improprias do logar e portam se descortez e inconvenientemente.

—Ali mesmo, sem respeitarem conveniencias, analysam a que é mais bonita, a mais bem vestida, nomeiam os namorados de cada uma, a carta que fulano escreveu a esta ou aquella, narram episodios barlescos, entrevistas de fundo de quintal, etc.

—E muitas vezes o chefe da familia que acompanhou-a a igreja e está ali, é obrigado

a ouvir do cara alegre cousas, que lhe dizem respeito, e que não desejava ouvir.

—Como no domingo, em que ia havendo um desaguizado, pela bestialidade de dous toleirões, que cassavam do molde do vestido de uma moça, cujo pae estava ao pé delles.

—Isso só denota incivilidade, grosseria.

—De maneira que hoje a igreja está repleta por essa gente a uma casa de maganagem e lascidão.

—E os actos divinos são considerados como um ensejo a entre-vistas amorosas!

—Tornemos ao Carmo.

A cousa lá é muito calva; a immoralidade sobrepuja; ja que se não lhe pode por um freio, ao menos mande quem pode fechar as duas portas lateraes, acabando assim com a *maminha* daquella corja de irreverentes.

—Dizer que nesta cidade ha garantia de vida é negar a luz do sol.

—E tolo será quem acredite; os sicarios passeiam ao meio dia em pino.

—E a impunidade, em que ficam os malfetores; dá-lhes mais azo aos instinctos perversos.

No sabbado, o Sr. Justo Ariani, atacado por um marinheiro da armada imperial, armado com um formidavel canivete, viu-se entre a vida e a morte.

O facto passou se na rua d'Alfandega; entretanto o offensor depois de sua bravata, teve tempo de ir até o arsenal...

—...onde ha uma guarda.

—....embarcar-se n'um bote, e ir socegadamente para bordo de seu navio.

—E só desta sorte viviremos no melhor dos mundos possivel.

—Lê-se no *Progresso* da Cachoeira:

«HOMENAGEM AO MERITO.»

Na sessão da camara municipal desta cidade, de 14 do corrente, resolveu-se, á requerimento dos Srs. Dr. Sampaio e capitão Trajano, levar ao throno de S. M. I. uma petição de graça implorando uma pensão para a viuva e quatro filhos do Dr. Joaquim Antonio de Oliveira Botelho, ha pouco fallecido na capital.

Ainda estão bem vivas na nossa lembrança as scenas de horror que esta infeliz cidade testemunhou no infausto anno de 1855, quando a cholera-morbus epidemica ceifava diariamente vidas caras e preciosas. Pois bem; foi nesse tempo que o Dr. Botelho, com uma coragem de espantar, prestou á nossa população servicos medicos do maior alcance.

Prestando homenagem ao merito do distincto facultativo, a camara municipal da Cachoeira lhe offereceu uma medalha significativa de sua gratidão, logo depois de haver cessado o flagello que elle combatera com tamanha intrepidez; e é pelo mesmo motivo que ella agora reclama do governo imperial uma pensão para a viuva e os quatro filhos do Dr. Botelho, que, como todos os homens caritativos, morreu sem legar á sua familia bens de fortuna.

— Como vão as cousas nesta terra!

A Sra. Emiliua Moreira, moradora no freguezia da rua do Passo, travou intimas relações com o inspector do quartelão Victor de Assis, e sentiram entre si tal força de atracção que combinaram em habitar debaixo do mesmo tecto, comerem no mesmo prato, e servirem-se de um só leito.

Como sello dessa aliança, a Sra. Emiliana foi brindada com seis cadeiras pelo apaixonado inspector.

Mas eis que não ha gostos perfectos nesta vida e aquelles dois, que viviam em tão perfeita paz, desaviram-se um dia e o Sr. Victor entendeu que devia rebaver suas cadeiras.

A Sra. Emiliana foi chamada á conciliação no juizo de paz da freguezia e teve contra si um mandado de penhora. Sendo de mais a mais mettida na Correccão.

— Bonito!

— Ora, no domingo, 10 de outubro, deste anno do graça, em quanto a mulher se achava cantando de gaiolla, foram á sua casa, arrombaram-lhe a porta, e tiraram-lhe não so as seis cadeiras como tudo mais que existia, o que foi levado por um perdigueiro da justiça, não sei para onde: o que é certo é que não foi para o deposito publico.

— Pois nos domingos o fbro trabalha?

— Trabalhe ou não, o caso se deu; a casa da mulher foi arrombada e despojada o que havia dentro.

— E ella em cima preza?

— Que duvida!

— Isso é rico!

— E diga que o inspector de quartelão não é coisa!

— Em certos logares, bem entendido.

LA VAE VERSO.

O CATACLYSMA.

Terminou o mez de setembro,
E disseram que ao quinto dia
De outubro, cá no Brazil
Um cataclysma haveria.

Outros diziam que o mundo,
N'esse dia ia se acabar,
E que nós, um outro mundo,
Juntos iamos habitar.

Assim correu o boato
Que a muita gente assustou,
Dizem que alguma capona
De medo até se borrou.

Oh! que pagodel!

Oh! que folia!

Morremos todos

Em um só dia.

Morriam os lazaristas
E as irmãs de charidade,
Ficando livre da praga,
A nossa heroica cidade.

Ora essa!

Quem diria,

Que todos morriam

Em um só dia?

Mas, si eu pilho o *mio caro*,
Que tal historia sonhou,
Dava-lhe uma sapeca,
Pelo susto que causou.

Morrer assim os typographos,
E os redactores tambem,
Certos de que não ficava
Neste mundo mais ninguem!

A *Bahia Illustrada*,
Para contra costa iria,
É a gazeta *Alabama*,
Somente cá ficaria!

E então seus redactores,
Muito haviam de ganhar,
Pois ficariam sosinhos
No mundo a negociar...

Ora essa!

Quem diria?

La se ia o *Jornal*;

E o *Diario da Bahia*!

La se iam os ministros,
E tambem os senadores,
Assim como os taes pedantes
A quem chamamos doutores!
La se iam os usurarios
Que roubam o suor dos pobres,
E atraz delles seguiria
A classe dos homens nobres.

La se ia o *amico Santorum*,
Esse havia de ir veixado,
Por ter de ir prestar contas,
Dos *baratos* que ha tirado.

La se iam os fidalgos,
Assim como os ladrões;
E atraz um regimento,
Composto só de baiões!

La iam os frades todos,
Os vigarios e mais padres,
Levavam logo comsigo
As suas charas comadres,

Mas, somente em darem guias,
Os padres enriqueciam,
Ao chegar ao outro mundo
Que fortuna não teriam?

La se iam os juizes,
Procuradores, escrivães;

La se iam os moirinhos
E tambem os sacristães.

La se ia a relação
Com seus desembargadores,
Tambem la se ia a camara
Com os seus vereadores.

La iam os alfaiates,
Os carapinas e pedreiros;
La se iam os calafates,
E tambem os sapateiros.

La se ia essa gente,
Que anda de pescoço tezo;
La iam os carneiros,
Que o povo roubam no pezo.

La se iam de um momento
Todos os cabelleiros,
Atraz delles, de balança,
Os rapinas taverneiros!

Oh! que pagode,
Oh! que folia,
Morriam os grandes
Em um só dia!

La iam todos os reis,
Os homens grandes da terra,
E então é que no mundo,
Não haveria mais guerra.

Pelo que vejo, tambem iam
As moças namoradeiras!
Que invenção fecticia,
Que ideias frioleiras!

Ora essa!
Que loucura;
Acabava-se assim
Tantos feitos de natura!

Ah! si eu pegô o pedante,
Com a sua astrologia,
Mostrava-lhe que jamais,
Sustos taes eu rasparia!

A PEDIDO

—Este homem sáhiu da cadeia, ha poucos dias, e ja anda pintando o diabo!

—Foi processado por furto de gallinhas.

—Parece que é apaixonado pela especie.

Hontem, quinta-feira, deu-lhe o appetite de comer ovos e uma pobre quitandeira da Baixa dos Sapateiros ficou sem elles, a despeito dos meios empregados pelo inspector Brandão para rehavel-os.

—E ja hoje vem a uma venda, aqui no Taboão, e chama a sua folha uma caixa de charutos.

—O Sr. Lourenço Ricardo de Almeida é um colosso em seu genero!

Gadanha e faz rascadal!

—Não é de balde que a natureza o fez coxo.

—Capitão, deitar fora um objecto para apañhal-o depois avariado, é ser lorpa.

—De certo; mas a que vem isso?

—Foi o que aconteceu a um saveirista da escada de ferro; que foi buscar por novo, o que despresara por velho.

—Ora ahi temos V. a se intrometter nos negocios alheios!

—Pois si o homem desprezou a planta e foi de novo aproveitá-la quando ja estava em fructo n'outro terreno?

—Por S. *Alexandre* acabe com esse embroglio.

—De vagar, de vagar, o homem é cunhado do *Xambique* e elle pode não gostar.

—Pois então, mande-o remar até a *marinha*, na ilha de maré, por que esses ilheus tem manha como burro.

VARIÉDADES

E' POR ISSO MESMO.

—Meu caro amigo, peço-lhe -um grande obsequio!

Tenha a bondade de me emprestar cinco mil reis?

—Ora essa! E' a primeira vez que vejo o senhor! Não o conheço!

—E' por isso mesmo que lhe peço este obsequio. Os que me conhecem não me emprestam nada!

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 108 e 109 do **ROCAMBOLE**.

ANNUNCIOS

MONTE SOCCORRO.

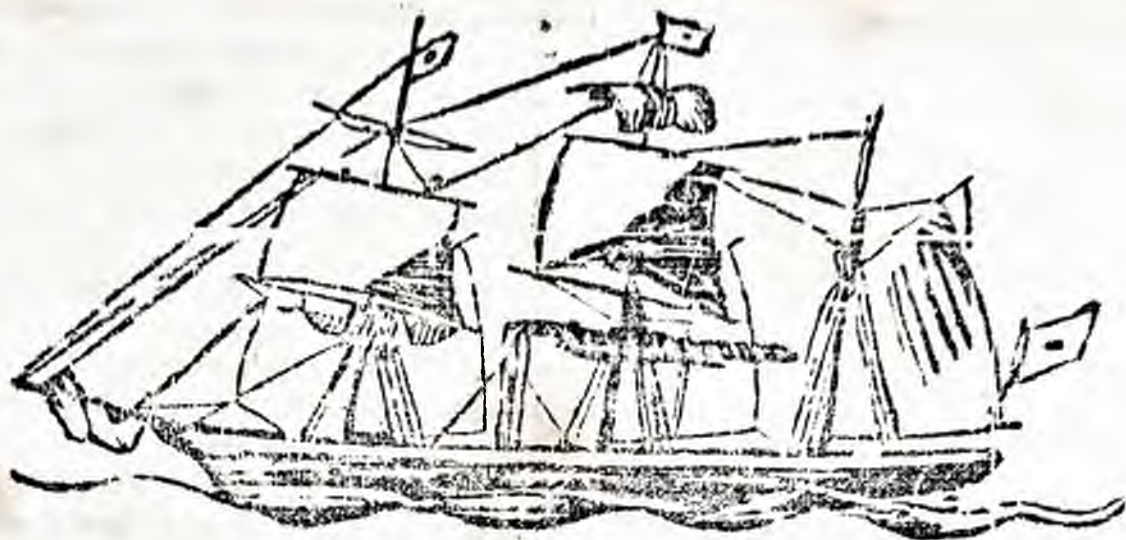
EMPRESTIMOS SOBRE PENHOES COM AUTHORIZAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Socorro**—estabellecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, a onde continua a fazer empréstimos sobre qualquer penhor, tambem compra prata, ouro e joias.

VERDADEIRO CAFÉ PURO.

Continua-se a vender o verdadeiro café moído puro de M. José d'Azeyedo, na casa n. 159 á ladeira da Saude. Na mesma casa fabrica-se chocolate muito fino de diversas qualidades. Pode ser procurado na padaria do Sr. Maltez e na rua dos Ourives loja n. 9 B.

Roga-se ao Sr. Luiz Augusto Muniz que venha á rua do Tijollo n.º 16 a negocio que não ignora.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 57

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

16 DE OUTUBRO DE 1869.

Ns. 563 e 564.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
15 de outubro de 1869.

Officio ao Illm. Sr Dr. chefe de policia, comunicando-lhe que Joanna Maria da Silva, mulher indigente e sem amparo, queixase de que José Pinto Fontes Junior illudira com promessas de casamento e deflorara sua filha Maria Rosa Dias, menor de 16 annos, e, com quanto o delinquente negue o crime, existem para proval-o immensas cartas do proprio punho daquelle, escriptas á offendida, nas quaes a convida para fugir da casa materna, assegurando-lhe que já tem casa alugada; pedindo-lhe entrevistas e até tratando da propria deshonor da moça. Além d'isso diversas pessoas, que costumavam descer do andar superior, muitas madrugadas os encontrou na escada.

Ora, não é justo que seja lançada á prostituição uma incauta menina que cahiu nas ciladas de um seductor, embora o pae deste, por ser portuguez e ter algumas patacas, diga que seu filho não é para cazar com uma mulata; como si os pardos que vão á Portugal fizessem voto de castidade, ou as portuguezas que vem para o Brazil perdessem o dom da fecundidade.

Cumpre observar que nesta terra ha o pessimo costume de, quando dá-se um facto desta ordem, e que nota-se alguma tibieza nas pro-

videncias, interpretar-se que a authoridade cede a empenhos, e é o que no presente andam ja os maldizentes a propalar; portanto, e mesmo por ser a mãe da offendida desvalida, espera-se que S. S. tomará a si causa tão justa.

—E' asneira pedir-se providencias n'esta terra porque ellas nunca apparecem!

—Isto chama-se clamar no deserto.

—E' mesmo clamar no deserto, tem razão de assim dizer!

—Mas que motivo ha para V. estar tão queixoso?

—E' que, não obstante as diversas portarias que tem baixado o commando deste navio, ordenando ao fiscal da Sé que dirija-se ao sobrado n. 11 ao Canto do João de Freitas, e examine o estado de immundicie em que se acha o pateo desse sobrado, ainda elle não se dignou de fazel o; e no entanto que a vizinhança é a soffredora!

—Si estivesse no nariz do fiscal a felentina, elle ja teria pespegado com a multa, por ser o soffredor; mas, como não são as suas ventas as perfumadas com tão pestelento cheiro, não dá cavaco.

De quem é a propriedade?

—E' da Misericordia.

—Então dirija-se ao mordomo das propriedades e peça-lhe que mande fazer despejo no mencionado sobrado, pois que a vizinhança não está disposta a tolerar todos os dias semelhante aroma!

—Lembrou bem; é ao merdomo das propriedades da Santa Casa, a quem me devo dirigir, certo de que desaparecerá o mal!

—O vigário da Sé teve seu presente.

—Ora, esses padres gozam muita coisa boa

—Mas o mimo não foi dos mais apetecíveis.

O corpo de um anjinho que lhe deixaram na loja.

—E por que fizeram isso?

—Contaram-me assim:

Um sujeito apresentou-se ao cura pedindo-lhe uma guia para certa mulher, indigente, poder enterrar um filho.

Mas o cura vendo o cujo trajado a gosto, desconfiou da maranha e disse-lhe que elle não estava no caso de pedir guia por esmolla, e negou-a.

A mulher, despeitada, deitou-lhe a trouxa na porta.

—Tudo isso vae de uma cousa: si a religião catholica é a adoptada pelo Estado, si não se pode exercer certos cargos sem ser catholico, por que não hade a nação pagar aos padres seu trabalho para evitar esses escandalos?

Não acha que é ridiculo um padre receber dos fieis quatro vintens por uma confissão, vender uma sepultura por sete mil reis, uma absolvição para entrar no ceu por tantos e quantos?

—De certo.

—Pois está!

—Capitão, estou hoje angustiado; passei uma noite atribulada.

—Soffreu algum transtorno?

—Tive um sonho tremendo; que abalou-me o espirito, e por mais que queira dissipar as impressões pavorosas que me ficaram, torna-se-me impossivel.

—Conte-me isso, pode ser que lhe sirva de distração.

—Eu achava-me transportado a um arrabalde; havia uma ladeira; no alto, erguia-se o emblema da cruz; mas alem, existia um monumento, na cupola da qual, *dous gemcos*, dominavam a cidade.

Um correr de casas se tinha edificado na ladeira, e no quintal de uma dellas, não sei como, estava eu installado.

Passeiava... de repente, de uma touceira de bananeiras, sahiram vagidos de creança recém-nascida; procurei-a, para acalentá-la, e nada encontrei.

Fiquei atonito.

Entrei a reflectir e supuz que talvez meus ouvidos fossem victimas de um engano.

Prosegui meu passeio e o echo de novo repetiu um lamento fragil, mas desta vez mais distincto.

Decidi-me a procural-o a todo transe; quando presentí uma visão que me dizia:

«O choro que ouves, é de um innocente, victima do mais nefando crime. Sua mãe, para passar por casta, consentiu que elle se consummasse!

Eganada no tempo da gestação, não contava que o parto sobreviesse tão cedo, e uma noite, sem esperar, deu á luz o innocente que só gozou a luz da vida um momento.

Seu proprio paé foi seu carrasco; enterrou-o vivo!

Hoje esse homem, casado, habita no mesmo lar com sua esposa e sua concubina...

E os vagidos que acabas de ouvir, estão pedindo vingança contra o duplo assassino.

Desappareceu a visião e eu fiquei atterrido; um suor frio corria-me pela fronte.

Nisso cantou o gallo e eu virando-me de um lado, acordei; estava em minha cama.

Porem até agora que me acabrunha o pensamento a lembrança do horrivel sonho, sem que eu possa banil-o.

—São exaltações do espirito; logo passam. Nem é possivel que realmente se desse um caso tão medonho.

—La isso não, podia acontecer; o mundo tem muita cousa que passa desapercibido.

—Tudo se vem a saber.

—Mas neste caso?

—As paredes tem ouvidos.

—Concordo; mas o monstro que praticasse, por precaução, logo que ouvisse rosnar, removeria os indicios.

—A justiça de Deus não dorme.

—Venha cá *Agostinho*.

—Prompto.

—Porque não quer pagar os recibos que deve de sua assignatura do *Alabama*?

—E' porque sahio uma publicação contra o *Paranhos*.

—Mas o *Silva* me disse que V. dissera que não paga?

—Eu não era capaz de dizer isso.

—Disse, porque o cobrador confirmou que V. não quer pagar, e dá como rasão o ter sahido o *Paranhos*.

—Já que sabe, assevero-lhe que disse.

—Sabe por que V. não paga?

—Sim.

—E' porque é um grande caloteiro, um tratante; um esposo desnaturado, que deixa sua mulher passando necessidades em casa para socar-se com uma infame meretriz na ladeira da Gameleira; e para esse luxo é preciso calotear a tudo e a todos, para poder

ter dinheiro, afim de pô-lo satisfazer a gema dessa meretriz que soça a quantos homens ha dentro de casa em sua ausencia, meu capão!

—Hum! Por essa agora não esperava eu; é preciso safar-me.

Temos conversado, adeus!

—Venha cá!

Oh! muxingueiro!

—Aqui estou!

—Condúz este tratante para o porão, que tens que conversar com elle.

—Siga-me, devasso!

—Ora essa!

(*Continua.*)

O AMOR E O INVERNO.

Ha entre o amor e o inverno uma influencia tão íntima, que um parece depender do outro, de tal sorte que mais vida adquire o amor no inverno, que em qualquer outra estação.

A maneira de certas molestias que se exacerbam e se desenvolvem mais com as mudanças da temperatura, o amor toma também durante a estação fria um incremento extraordinario; resultando disto muitos prejuizos e perigos para os amantes, e beneficio e estratagemas para as amadas.

Mas, para que não digam que isto é isolado de provas, passemos a apresentar as razões.

Ha muito tempo, estava a Bahia calma e livre do tumulto do povo, os paes de familia no mais completo socego, e os amantes na maior harmonia em suas entrevistas; começou porém o tempo do frio, e só se ouvia resmungar:

—Afilha de fulano sabiu de casa.

—Beltrão furtou uma menina bella.

—Esta noite viu-se um rapaz pular um muro.

—Ao amanhecer hontem encontrou-se uma moça perdida na rua a gritar:

«Gentes ca de Manesinho? vocês querem ver que me deixou aqui?»

Finalmente não havia capona (que a maneira da barata se mete atraz da porta por ouvir o que se passa) que não soubesse de um ou outro desacato de amor.

Foi o inverno tornando-se mais forte, e uma porção de rapazes foram agarrados para casar, e segundo dizem, presos todos em flagrante delicto.

N'um so dia, tres foram victimas do cruel amor; depois mais cinco, e assim por diante o numero tem crescido de modo, que ja por ali contam entre tortos e feridos 119 machos, e 218 femeas; prque tem acontecido que al-

guns tem sido agarrados com tres e quatro.

E imaginem que desarranjo não vem a um pobre rapaz *innocente*, que muitas vezes se apenas encommendar um *es* camizas, o ver-se entre tres o quatro desesperadas por casar! As meninas, que tem sido encontradas, dizem que estão muito chorosas, que as lagrimas lhes saltam e correm até as pernas, e apenas sentem consolo quando se lembram do dia do casamento: queixam-se amargamente do inverno, como causa de suas infelicidades!

Os rapazes julgam-se perdidos, porque muitos estavam comprometidos com outras. Finalmente grandes foram os desarranjos provindos do amor exacerbado pelo frio. Cumpre porém notar que, com quanto traga elle muitos encommodos, offerece a vantagem de se casar muita menina desesperançada e triste e obrigar a esses toleirões que se mettem a namoradores a supportar uma malereada a ralhar em casa, e a trabalhar para sustentar uma trôxa.

LA VAE VERSO.

CARTA

do capitão do «Alabama» a seu correspondente na corte o—Painsco.

Meu Patuse).—Entre as cousas
Neste mundo apetecidas,
Lhe desejo as algibeiras
De dinheiro bem fornidas.

Pois p'ra gozar esta vida
E' elle o essencial:
Ter saude sem dinheiro
E' tomar caldo sem sal.

Perde o modo de andar,
Caminha cambaleando,
O vivente que se vê
Com os bolsos abanando.

Sabe a bocca a ferras velhos,
Anda a gente na pimenta,
O mundo torna se insipido
E a razão se apoquentas.

Dssmanchador de impossiveis,
Tu és, bem licto dinheiro...
P'ra resolver qualquer daviada
E's o melhor conselheiro.

—A sua dona da casa,
Me diga, como ha passado?
Inda soffre toda lua
Daquelle mal costumado?

Si o Dr. Carlos Viard,
Por suas bandas andasse,
O soffrer da pobre velha
Era provavel cessasse

Pois o homem é um portonto
Para a cura de senhoras;
Fazendo-as *mudar de ares*,
Sentem sensíveis melhoras.

—Gié, gió, pôu, pôu, pôu!
La vae uma de espantar:
Por cá ja nós temos casa
P'r' os doudos agasalhar.

E para isso o governo
Na Boa-vista comprou,
Um soberbo edificio
Que ás *charidades* doou.

Apesar de que, 'stou certo,
Ha de ficar pela rua
Muitos cujos que deviam
Ter alli casa por sua.

Acredite; por seus feitos,
Meninorios ali ha,
Que, á se fazer justiça,
Teriam entradá lá.

Vejo aqui tanto sujeito
Que se diz lido e corrido,
Praticando actos taes
Proprios de um doudo varrido...

Mas, em resumo do-caso;
As irmans de charidade
São quem lucram no negocio
Por terem mais a herdade.

E farão uma dinheirão
Em aboboras e quiabos,
Gilós, maxixes, bringellas,
Couves, alfaces e nabos.

E Deus permitta que eu minta,
Porém quem viver verá,
Muito doudo na enchada
Dos que forem para la.

Pretendo, si ellas plantarem,
Por um de meus disparates,
Mandar-lhes umas sementes
De meus famosos tumates...

—A policia desta terra
'Stá fazendo brilhatura:
E' qual barbeiro approvedo
Que sangra até as escuras.

A' não ser um outro caso
De algum espancamento
Feito de dia na rua;
Tudo marcha a bom contento...

Ou mesmo algum individuo,
Que, contra sua vontade,
E' amarrado com cordas
Aqui dentro da cidade.

Ou então algum policia,
Mas isso é feito com geito,
Que faz uma escamotagem,
Tudo mais anda direito.

Nem vale a pena fallar
De alguma facadhsinha,
Que *por accaso* se dá,
Por ser cousa comessinha.

E ha tanta segurança
Que V. não avalia!
Prova: as casas de negocios
Ficam abertas de dia...

E nem por isso se queixam
De facto algum abusivo,
Salvo uma ou outra peça
Que lhes prega o olho vivo.
Que a policia é activa
Não pode ser contestado,
Pois não precisa correr
P'ra pegar quem 'stá deitado..

E embora atarefada
Desse arduo trabalho, insano,
Mascarada em *Suraiva*,
Vae respondendo a *Trajano*.

Alguns a quem a resposta
Não fez muito bom cabello,
Dizem que p'ra *bambochata*
Serve ella de modello.

—No principio deste mez:
Andou tudo em alvoroço;
Com a nova do cataclysmo
Que vinha fazer destroço.

E vi muita gente andar
Da sala para a cosinha,
Suppondo que este mundo:
Ao termo chegado tinha.

A ideia do exterminio
Produziu grande alarido,
Cada qual julgava ser
Por uma forma ferido.

Diziam nos que um diluvio,
Esta terra inundando,
Pelas ruas da cidade
Háviamos de andar boiando.

Outros, que terrivel incendio
Poria tudo abrazado,
Reduzindo nossos corpos
A laia de peixe assado.

Que loucura! Este mundo,
Como queiram que se meixa,
Eu creio que so se acaba
Para aquelle que o deixa.

E que maior cataclysmo
Do que estamos soffrendo?
Carne cara e mal pesada
Que nós estamos commendo?

O dinheiro tão vasqueiro,
E tudo por alto preço....
A industria e a lavoura
Correndo para o regresso!

Hoje o aluguel de uma casa
Da bolsa estica os cordões,
Paga-se de um cochicholo
Quinze e desesseis mil reis.

Os onerosos impostos
Nossa pobreza assolando...
Ao seu peso insuportavel
As arte'stão esmagando.

A guerra calamitosa,
Que a cinco annos devasta
Este povo desolado,
Ainda não deu co' o basta.

A' vista da turva côr,
Que este quadro revesto,
Pode V. concluir
Que, si ha castigo, é este.

—Um agente da policia,
Mas vestido de casaca,
Andou espalhando ha pouco
Um papel chamado —Zaca.

Traz allusões desairosas
A um certo estadista,
Que eu creio que em talento
Mil legoas do author dista.

Dahi vê-se que a tal dono
Nao tem esses apertuchos,
Pois que manda sens agentes
Distribuir papeluchos.

Ha nisso dificuldade,
Muito seria, a resolver:
É como o promotor
Neste caso se ha de haver.

Uma vez que os taes papeis,
Por maneira clandestina,
Dos prelos d'onde sahiram
Não dizem a officina:

—Tenho gostado de ver,
Nos longos arrazoados,
Como dos males da patria
Curam nossos deputados.

Doestos e mais doestos,
Perlengas e mais perlengas,
E o povo sem lucrar
Nada, com taes estrovengas:

O tal Sr. Benjamim
Tem uma lingua bem solta;
Larga cada uma leria
Em mil sarcamos-envolta ..

E que me diz de um discurso,
Que fez, segundo me lembro,
O Alencar Araripe
A vinte e seis de setembro?

Que phrascado polido
Resume n'aquella peça!
Que de *amabilidades*
Aos contrarios arremessa!

Tambem eu não sei dizer
A seuhora opposição,
Que beneficio nos faz
Com tanta protellação.

A não ser que o resultado
De tanta prorogação,
E' trazer mais prejuizo,
A esta exausta nação.

E o povo, o pobre povo,
Triste delle, coitadinho,
Vae sendo mystificado
E soffrendo caladinho?

—O Gaimarães Barateiro
Muita gente assegura
Que precisa de uma funda
P'ra aguentar a *quebradura*.

(Continua.)

MULHERES.

deestestable, du dernier
deestestable, ce q'ou appelle
deestestable! . . .
* * *

Não me fallêm de mulheres,
Gentesinha detestavel,
Que occulta sob olhos languidos
Quanto é mau com riso affavel!

Tudo nellas é fingido,
Tudo, tudo é apparencia...
Pois amal-as?.. *vale retro!*
Que loucura — que demencia!

Ca p'ra mim — creiam que é serio —
Ca p'ra mim não valem nada!
Aborreço-as; moças, velhas,
Todas são uma cambada.

Curiosas, exigentes,
No miolo exiguidade,
São das modas manequim,
Com as molas da vaidade.

A côr, que nas faces trazem
E' aréia da botica;
São todas pó e perfume,
Balôfas, cheias de nica.

Nos menciões, com cáhdos,
Ao vel-as pela cidade,
Pergunto se uns entes taes
Pertencem á humanidade.

Odeio-as! — tomara vel-as
De mim bem longe, distante;
Fingidas, querem trazer-nos
Enfiados a um barbante.

Ora qual! — commigo perdem
O seu tempo, queridinhas:
Oh! conheço-vos! — vós todas
Sois umas mentirosinhas!

As vossas formas são falsas...
Vossas pernas sem barrigas...
Por baixo de saias mil
Quasi sempre sois lombrigas!

Nas praças toma-larguras,
Em casa sois esqueletos,
Esses corpos são estacas,
E os bracinhos uns espetos!...

Ah! conheço vos, mulheres,
Furias, furias de vaidade!
E por tal, sabei-o, viboras,
Dil o hei á humanidade.

Hei-de assoalhar no mundo
Quanto sei de vos, vadias!
Gritarei:—São o diabo!
Arreda com taes harpias!

Vocês solteiras sois tolas,
Casadas, nada valeis,
Viúvas -- Deos vos perdõe—
Pomada só nos vendeis.

Irra, comvoseo, portanto!
Para mim não valeis nada!
Vou espalhar pela terra
Que vós sois uma cambada!

M. P. P.

CATHECISMO POETICO E MORAL.

PRIMEIRA LECÇÃO.

Eis aqui, feis leitores.
Nossa primeira lecção,
Que a verdade traz consigo
Dando logo a explicação.

Não repareis que as palavras
São d'um rapaz sem sciencia;
Sentimentos de noss'alma,
Não precisam de eloquencia.

Esteja embora o mundo inteiro
So de crimes tão confuso,
Faltas, defeitos do tempo,
Não devem passar por uso.

Si um homem por ser malvado,
Tem prazer no damno alheio,
Breve soffre igual desgraça,
Sem saber de onde lhe veio.

Tudo rege neste mundo
A mão de Deus poderosa,
Faz da fortuna pobreza,
E a desgraça venturosa.

Valente ou fraco,
Ou rico ou pobre,
Plebeu ou nobre,
Ninguém se afasta;
Tudo se arrasta
A sepultura...
A' foice dura
Tudo é sujeito;
Tal o preceito
Que poz natura.

Vive damnado o usurario
Pra ajuntar thesouros grossos,

Morre de fome e so leva
A triste pelle e os ossos,
Que almas de burro
Que infame raça,
Tendo fortuna
Gozam desgraça.
Outros se arvora'em valentes,
Espancam, matam sem do,
Sem verem que em pouco tempo
Stão reduzidos a po.

E por essas valentias
Tem do inferno as agonias.
Outro sem lei, sem character,
Nas ladroencias se enfronha,
Sem se lembrar que supporta
Faria que lhe faz vergonha.

Mas esta fructa,
Pra certa gente,
Ja não existe,
Nem dá semente.

Se julga a lei como crime
O roubar, matar a gente,
Um Deus julga criminoso
A quem tal crime consente.

Mas dizem impios
Q'isto é chalaça,
Que Deus não sabe
Do que se passa.
Pobres coitados
Stão enganados,
Apenas buscam
Tomar tabaco;
Sem mais embargos
Vão p'ra-o buraco.

A PEDIDO

—Meu capitão, venho contar-lhe um pe-
dacinho do meu sermão; desculpe-me a de-
mora.

—Estou prompto para ouvir-o; mais antes
de tudo dê-me novas do nosso director pas-
toril.

—Capitão, este homem não sei d'elle, por
que desde que metten-se nos trinta paus da
pobre velha, nunca mais o Sangradouro o
viu.

—Pobre velha!

Nunca mais verá seus trinta paus.

—Ja cansou de escrever-lhe e mandar
immensidade de recados, porem nada move
o coração de pedra dura, ja querer de despe-
gar-se do alheio.

—E a mulher soffrendo de necessidades!
Sabe Deus que uso deu elle a tal dinheiro.

—Foi para dar principio aos ensaios da
pepineira pastoril que começaram a 4 do pas-
sado.

—Tem geito para rapina.

—Mas bem feito lhe seja a ella.

E' para pagar a lingua.

—Então é linguaruda?

—Pois não teve o descoco de dizer que o
noivo de sua filha pretendia desfazer o casa-

mento por haver se engraçado de uma innocente de 6 annos?

— E' doida.

— E' verdade que si essa menina estivesse em estado de casar, não desdouraria a quem com ella se unisse, visto que não tem cartas em notas, e nem outros precedentes que podem desabonar.

— La isso são frioleiras; va adiante.

— Está bom, capitão, eu volto depois para acabar.

— Da licença capitão?

— Pode entrar!

— Desejo fallar á V. Ex.

— Quem é o Sr?

— Eu sou acionista da companhia de Vehiculos Economicos.

— Determina alguma cousa.

— Quero pedir a V. Ex. um favor.

— Diga, o que quer?

— E' contar á V. Ex. que os gerentes da companhia deixam entrar para os wagons os seus parentes e amigos e escravos, sem terem bilhetes, e querem trazer a conta certa de passageiros, de maneira que fica cheio como um ovo, em estado de ninguem se poder mecher.

— Mas que quer que lhe faça?

— Que V. Ex. clame contra este abuso!

— Está bem aviado; nesta terra se clama contra um abuso, e elle continua no mesmo pé.

— Desculpe encommodal-o, capitão.

— Adeus!

— Sr. rauxingueiro, faz favor?

— Vou com pressa, meu amigo.

— Olhe, é que cousa que lhe serve?

— Pois diga, diga e avie-se.

— Ha na escada de ferro um bruto que é a vergonha das ilhas, sevandija ao ultimo ponto, descarado, ralé, immundo.

— Mas então o que pretende?

— Que o Sr. lhe dê 500 calabrotadas para ver se toma brío.

E si elle bradar peio seu favorito S. Alexandre, não faça caso, continue.

Depois, por castigo, mande-o ficar de joelhos na *marinha* perto da *ilha* onde bate a *maré* na porta do *Innocencio*.

Porque o animal, manhoso e velhaco, quer passar por *ingenuo*, pretendendo ter a prerogativa de S. José, que foi pae putativo de Jesus nascido do ventre puro da Virgem sem conhecer varão.

— Então, o homem acredita que o *milagre* operou-se por obra do Spirit Santo?

— E ninguem o tira disso.

— Bom, sua alma sua palavra.

— E o Sr. sabe que o ilheu é como burro, quando emperreia n'um logar, so taca o faz mover.

— Deixe estar, não se consumma.

— Capitão, me parole.

Tem passeado pela rua do *Fesso*?

— Ignoro onde é.

— Na estrada *celha*.

— Ah; as vezes.

— Tem conversado com alguns pedreiros da muralha que o governo mandou fazer?

— Não.

— Pois converse que ha de saber que muitos estão por cobrar seus salarios, entretanto que o governo nada deve, tanto que alguns despediram-se por que não estavam para trabalhar para o bispo, e foram admitidos outros que ignoravam a mixorlia.

E que me diz sobre a medida dos palmos?

— Ha dente de coelho?

— Oh, isso tem que se lhe diga.

Consta que a thesauraria tem pago palmos de obra por fazer, isso por que o *mathematico* se fia nas contas que lhe apresentam.

— Olhe que V. é uma lingoa!

— Eu sou Aleixo, no mundo acho, no mundo deixo.

E com esta me von, que ainda tenho de fallar com o *Antonio* que a esta hora deve estar com o *Aquino*, visto que nos sabbados so se pode pôr olho nelle no trapiche *Gaspar*.

MOTTE.

*Eu vi um homem fumando
Um charuto de dez varas.*

GLOZA.

*Eu vi um gato pintando,
Uma gallinha a ladrar,
Um caxorro a conversar,
Eu vi um homem fumando.
N'uma hora fui a Fernando,
Vi um homem com seis caras,
E la vi cousas bem raras;
Porem ja me hia esquecendo,
Vi certo burro roendo
Um charuto de dez varas.*

AO CORPO ELEITORAL.

Aproximando-se a eleição para deputados provinciaes venho vos apresentar seis conservadores influentes e distinctos para representarem a provincia na futura legislatura.

Os Srs.

1. João Antonio Pestana.
2. Pedro dos Martyres da Rocha Gandave.
3. Francisco Baptista Correia.

4. Francisco Joaquim do Souza Pimentel.
5. José Alexandre Ribeiro.
5. Manoel João Pereira de Andrade.

Um eleitor do povo.

—Capião, aqui tem outra carta do jamanta Taverueiro do Xixi.

Minha cara filha do coração. — Toda a noite passei no labarinho de cuidados respeito a minha filha! pois quis-me parcer quando fichei a porta, que estava encomodada, mas não sei, se por falta de saúde, ou se é paixão de amôres? Ah! minha filha! paixão de amôres é a piôr paixão que pode aver! é uma lima que corta mais no coração da creatura do que no proprio ferro! Eu que o diga! no tempo que eu amava o quanto Deus âma a todos nós; e ainda hoje amo, e palessô não sei por quem... por quem?!...

Deste seu pae e marido.

PARA DEPUTADOS PROVINCIAES

Os Srs.

1. Visconde de Itaparica.
 2. Barão de Saulype.
 3. Dr. José Luiz de Almeiada Couto.
 4. Major Antonio de Souza Vieira.
 5. Dr. Antonio Eusebio G. de Almeida.
 6. Dr. Pedro Antonio de Oliveira Botelho.
- Um eleitor conservador, porem amigo dos homens de meritó.*

VARIÉDADES

ASSENTOS PAROCHIAES NO SECULO XVI.

AOS i ij (3) dias do mez de Janeiro da presente éra eu Johã Velho cura baptizey hua filha de bento afonso e ana rodrigues por nome chamada lianor, padrinhos e madrinha manuell de liã e afonso rodrigues e catharina meallha e lianor de Vera.

Este é o 1º assento do:—*livro dos baptizados de santo antam da hera de mil e quinhentos e trinta e cinco anos de que he cura Joham Velho.* —

—Que laconismo, nem o cura assignou!!

Termo de casamento. — Aos 22 dias do mes de Novembro de 1589 annos recebeu o padre rector a porta desta igreja de Santo Antam a face do poito por marido e mulher a Adrian roize filho de pero afonso e de Joana lourenco naturais desta cidade da freguezia da See com Ines lopes uiua filha de lopo fernandes e de maria lopes naturaes desta cidade da freguezia de Sancto Antam forão testemunhas Antonio martinz, francisco roiz, manuel fernandes, João nunes, manuel roiz

peres, caterina alves e outra gente e o assignou. (So assignou o reitor) — *Machado.*

Termo de obito. — Aos 8 dias do mez de Julho de 1590 falleceu Andre Johão home traballador que disserão ser natural de bringel, está enterrado no adro desta igreja de Santo Antão, e não testou quiapauperrimus, e foi sacramentado. — *Machado.*

RAZAO MUTTO FORTE.

Um janota, que nem se quer sabia ler, mas que a todo custo queria campar em publico por instruido, em havendo opera nova em S. Carlos, comprava o *libretto*, e não tirava os olhos d'elle, ostentosamente repotreado na platea superior. O nosso amigo T. de C., que por acaso tinha estado algumas vezes na cadeira ao pé da d'elle, reparando que o pobre folheto estava sempre de pernas para o ar, não se poute conter uma vez que lhe não perguntasse:

—Porque razão prefere o senhor ler as paginas as avessas?

—E' porque eu, senhor doutor, sou canhoto: ficou-me isto d'um unheiro que tive na mão direita quando era pequeno.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 110 e 111 do ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

Roga-se ao Sr. da Fidelidade nos diga onde achara 12 contos de reis, que até pouco tempos teve-os em mão do Sr. T... ao premio de 8 por cento ao anno! continuaremos, no caso de não explicar.

Vende-se uma lancha grande em bom estado: quem a pretender dirija-se a esta typographia.

O cobrador d'esta folha dirá quem prepara com toda perfeição e gosto doces para casamentos e bailes por preço modico.

TERNA SAUDADE

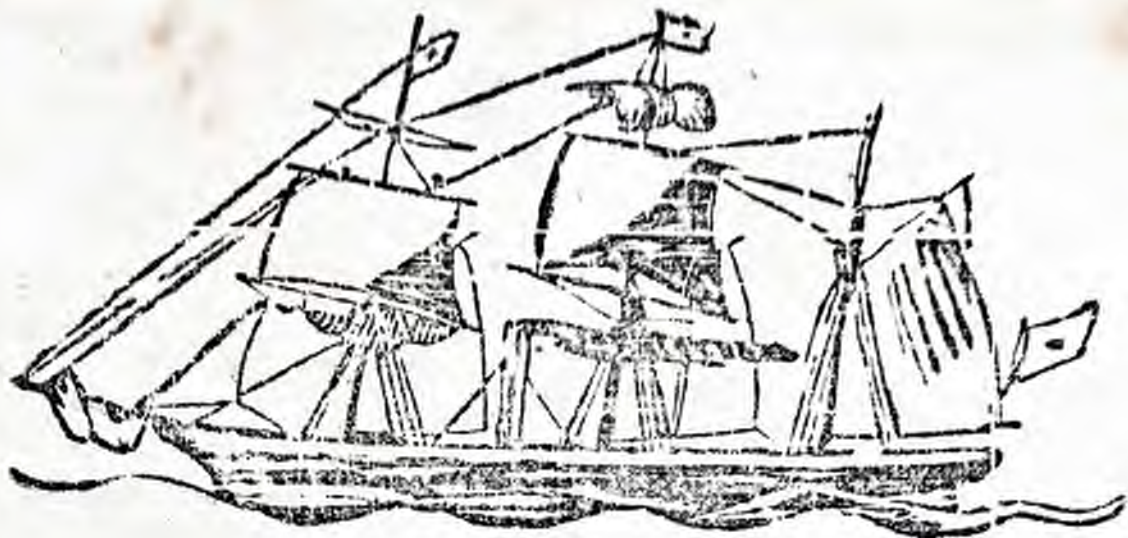
RECITATIVO.

Composto por Francisco Santini.

Vende-se em casa do author a ladeira de S. Roque n.º 9., á Barroquinha, loja do Sr. João Manoel de Seixas Junior, e Copistaria de Manoel Joaquim de Araujo, ladeira do Tabão.

AMA.

Quem precisar de uma senhora idosa para tomar conta da regencia de uma casa de familia, dirija-se a esta typographia que se indicará uma.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 37

Preço d'assignatura—1\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

20 DE OUTUBRO DE 1869.

N. 565.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
19 de outubro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que nos communicam que a africana Mareolina, moradora ao Desterro, ha poucos dias, commetteu a barbaridade de queimar uma mão de uma creança sua afilhada, a qual está em risco de ficar aleijada, facto que se leva ao conhecimento de S. S., para, no caso de ser exacto, não ficar impune.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para um individuo de nome João, esmoler, mais conhecido pelo *Pil-gra*, o qual, depois de especular com todos os santos de que se compõe a corte celestial, com o fruto da ganancia embebeda-se e dá para gritar pelas ruas nomes obscenos, fingindo-se maluco. Em homenagem á decencia, espera-se de S. S. uma providencia a respeito.

—Capitão, ha pouco tempo, nesta eidade, commetteu-se um assassinato atroz.

—Aonde?

—No convento do Desterro.

—O' homem. Allí no sanctuario da paz de espirito, da caridade e do amor do proximo!

—E' verdade; as esposas do Senhor de mansidão e bondade, foram as authoras de um crime nefando e horroroso.

—Mas, de que maneira?

—Uma serva, victima de brutaes e insupportaveis castigos, não podendo resistir á crueldade dos tormentos que a faziam soffrer, na occasião em que era deshumanamente espancada, lançou-se de uma alta janella, com tanta violencia, que cahindo sobre um braço, este enterrou se-lhe pelos vasos!

Um facultativo foi chamado, o qual não conseguiu arrancar-o de onde tinha enterrado, tamanho foi o baque.

A desgraçada só durou uma noite.

Nem a authoridade civil nem a ecclesiastica tomaram conhecimento. O crime ficou em mortorio.

—E o medico?

—Calou se.

—E' um silencio indesculpavel.

—E' a santidade que vae pelo claustro!

Porque a vida exemplar, a sanctificação do espirito, entendem, está em metter-se n'uma cella e vestir-se com um habito e viver isolado, no centro da communhão social, como si no ambito de uma cella, debaixo de um habito, não se possa esconder a perversidade, os maus instinctos!

—E estes factos tenebrosos como passam desaperebidos da acção da lei!

—Estes dias tem sido ferteis em desgraças.

—Será influencia do cataclysmo?

—Sexta feira, um rapaz, passava pela rua do Collegio, e repentinamente cahiu es;

trebuchando, victima de um violento ataque.

Sabbado, um individuo foi gravemente offendido na rua da Valla, pela marrada de um boi bravo, pertencente, dizem, ao Sr. Azevedo.

— É bem imprudente o systema de conduzir-se bois-brabos por entre a população.

Preso por duas cordas frouxas, vae o furioso animal arremettendo contra quem passa, causando sustos, carreiras e esbarões.

— Justamente; assim nos referem este.

No mesmo dia, falleceu repentinamente o carpinteiro Themoteo Felix da Guia, nas Portas da Ribeira.

Domingo, deu-se uma deploravel desgraça entre dois rapazes, camaradas, dignos ambos de compaixão.

Gracejavam levianamente com uma garrucha, que suppunham descarregada, fazendo pontaria um sobre o outro, e infelizmente a arma disparou, ferindo mortalmente a um delles que durou pouco mais de 24 horas.

— É consternador!

— Um moço, de nome Reis, morador na Calçada, entretinha-se com o tenente Calasans, no exercicio de manejo d'arma, no Campo do Barbalho, onde mora este; o primeiro com um pau e o segundo com uma espada; a consequencia do desastrado brinqueo foi receber o Sr. Reis um formidavel golpe sobre o olho direito, que o poz em estado serio.

No hotel do Globo, um Sr. Cabral, de Nazareth, foi fulminado por uma congestão cerebral!

— Dizem que tambem houve um outro na freguezia de Sant'Anna,

— E pelo rumo em que vão as cousas parece que a presente semana emendou com a passada em desastres!

— Melhor sorte lhe dê Deus.

— Logo na segunda feira, um moleque protocolista do procurador Mello, para provar que era *bom-copo*, bebeu sosinho em uma venda ás Portas do Carmo, uma garrafa de vinho; horas depois, embriaguez ou loucura, fez estrepolias do largo de S. Bento á rua do Collegio, atirando pretas ao chão, encapellando os transeuntes, e por fim embarfando por casa do *Bota de Prata*, e quebrando-lhe os moveis.

Dous moços estudantes, em pleno dia, no Rosario de João Pereira, andaram com as mãos pelo chão, esbofetearam-se, rasgaram-se, e os moleques applaudiram aquella provas de applicação á sciencia.

— Deus queira que as cousas fiquem ali e que o resto da semana termine pacificamente.

— Não faltam visionarios que achem a

causa desses terremotos na aproximação de algum ser maligno que se avizinha de nós.

— Algum genio de *tempestade*.

— Sem duvida.

— Cruz! Elle que va para onde não canta gallo nem gallinha!

— E o correio a recalceitar em dar aos jornaes destino diferente d'aquelle para onde são enviados!

— Levam descaminho.

— É uma birra dos diabos!

— Mandá-se para o correio um masso de gazetas, paga se um tanto de sello, e ellas quasi nunca chegam ao lugar para onde são mandadas!

— Deleixo ou subtracção, das duas uma.

— De maneira que tem-se prejuizos das folhas e da importancia dos sellos.

— E chovem as reclamações.

— Remette-se constantemente folha ao *Estandarte*, entretanto elle diz isto:

«Tendo nós remettido o *Estandarte* e não recebendo, a dois para tres mezes, o *Alabama*, julgamos que a redacção não queria mais a troca:

Havendo nesta provincia muitos provincianos illustres, tinhamos o prazer de que fosse lido o *Alabama*.»

— Endemoninhados moleques!

Quebraram a cabeça do velho *Massada*.

— Onde e quando foi isso?

— Sexta feira, na porta do hotel Figueiredo.

O pobre velho, lavado em sangue, ficou muito tempo atirado na rua, sem ninguem o socorrer.

— E digam que não ha liberdade de acção nesta terra; si os proprios moleques praticam tudo que lhes dicta o seu malevolo genio!

— La isso é verdade; si fosse no sertão, onde se arrastam até tenentes coroneis, ha muito tempo que elles teriam tido correção.

— Sirva-se do dito e entregue a seu dono.

— Quem sabe si algum dia eu serei chefe de policia para adoptal-o como meu....

— Ora, não seja desfructavel, meu *quidam*.

LA VAE VERSO.

MULHERES.

VERSOS RIMADOS COM AS MESMAS CONSOANTES DOS DO—M. P. P.—DO «ALABAMA» DO DIA 17 DO CORRENTE; FM DEFEZA DAS MULHERES.

Comment peut-on être tyran des femmes?!!!

Quem me dera mil mulheres!

Quem não ama é detestavel,

Ah! meu Deus — que olhares languidos
Da mulher em tudo affivel!

Nada n'ellas é fingido
Detestam, sim, a apparencia,
Não amal-as?—Vade retro
Hei-de amal-as té demencia.

Amo sim, — *creiam que é serio* —
Com furor, paixão. — *E' nada?*
Amo á todas, moça e velha
Ca p'ra mim não ha cambada.

Bellas sim, não exigentes,
Nada têm de exiguidade,
Bemfeitas, não manequim,
Fogem todas da vaidade.

O'carmin que as fâces trazem
Não se acha na botica,
Das flores teem o perfume,
Eaceiras, porem sem nica.

São anjos do ceu e thidos;
São as flores da cidade,
São anjinhos entes taes,
São o bem da humanida le:.

Adoro-as e quero vel-as
De mim perto, não distant e,
Seus mimos sabem trazer-nos
Macios como um barbante.

Vocês, meninas me perdem,
Com seus mimos, queridinhas;
Venham abraçar-me todas,
Não sejam mentirosinhas.

Bellas formas teem — não falsas,
Nas pernas — oh que barrigas!
E' preciso ter dez mil
Para achar duas lombrigas.

Nas cadeiras — que larguras!
Nada tendes de esqueletos,
Mente quem vos chama estacas,
Quero sempre taes espetos.

O vosso cantor, mulheres,
Serei, sim, tenho vaidade,
Inda que n'ataquem viboras
Que descreem da humanidade.

Os primores sois do mundo,
Saltae, meninas rancias,
Abraçae-me, oh! diabo!
Não sejaes crueis harpias.

Nem as casadas são tolas!
Solteiras .. tudo valeis
Viúvas, Deus me perdoc,
Nossos corações rendeis.

Amo a vós todas, portanto,
Como vós p'ra mim n'ha nada,
Sois os feitiços da terra,
Só de nymphas sois cambada!

Á PEDIDO

—Arre! safal!

Que homem damnado é o tal major!

—Mas conte-me, quem é esse *quidam*?

—Dizem que veio das margens de S. Francisco, onde quizeram amaciá-lhe o pello, pelas proezas que fez por lá.

—Quizera conhecer esse *Thenardier*.

—E' um animal *sul-generis*; tem parte de rapoza, de tigre e de jumento; quem o vir pelas ruas de cabeça baixa, a olhar para o chão; quem o encontrar todos os domingos na missa na Piedade, ha de dizer — que santo homem!

—Eis a rapoza!

—Mas quem o vir enfurecido dentro de casa a castigar barbara e cruelmente os escravos, e á vomitar injurias sobre as pessoas de quem não gosta, ha de dizer que é um tigre.

—Um tigre mascarado de rapoza!

—Tambem é o velho mais immoral que eu conheço; deante da familia; e de pessoas de fora, profere indecencias as mais asquerosas.

—Que lingua de *Zé-Nunes*!

—A mania desse individuo é farcejar amizades; procura-as com muito empenho para dentro em pouco *escoceal as*.

—E' um mentecapto!

—Sem duvida! Tambem não pára em parte alguma desde que veio de muda para esta cidade; agora vai se para uma roca, no campo onde fabrica-se *potvora*, que comprou; afim de surrar os escravos a sua vontade, segundo elle mesmo declara.

—Que barbaro!

—Já mandou fazer um tronco, e azorragues, em quantidade, para esse fim.

—Compete á policia ter em vista semelhante féra.

O NAMORADO.

—Fora bobo! fora bobo!

Fiau! fiau! fiau!

—Com quem é isso?

—E' com um bipede, caixeiro de um homem que não é moreno.

E' peor que uma besta, por que esta acco-de á espora e o safado com a táca do muxingueiro no lombo, por quatro vezes, continua na safação.

—Chega a falla bruto;

Não sejas tolo,

Não sejas besta,

Vê que a barbella

Te ha de ser crespa.

Não to mettás bruto,

Na *limeira* a tropar:
Pode acontecer
O dono te encontrar.

Andas a inculcar-te
O que não podes ser;
Lord sem dinheiro
Qual! não pode haver.

Não queiras que a *liminha*
Por tua causa venha a perder
O fructo que de Deus
Feliz a lia de fazer.

La da *janella* do becco
Do Caes Dourado tambem,
Sempre fazendo acenos
Sem receio de ninguem.

Diz-me lá, ó pés de pato,
Cousa ruim, renegado?
Para que fostes bulir
Com as filhas de um finado?

Pois não reparas que estás
Ja muito comprometido.
Deus queira que desta vez
Não saias de mau partido.

Ou pensas que é o mesmo
Que a senhora das *panellas*,
A quem infame enganaste,
E agora te gabas della?

Quem sabe disto é o *Manuel*?
E o *José* sabe tambem,
E alem do *Azevedo*,
Inda sabe mais alguem.

—Capitão, capitão!

—O que é rapaz?

—Venho trazer á presença de V. Ex. este
sendeiro.

—Quem é elle?

—Um Thomaz do *café feito* no largo de
Riachuelo.

Este infame tem uma lingua mordaz e
mais afiada que uma navalha. O tempo que
ha de cuidar no seu reles negocio emprega
em cortar na vida dos mais, não havendo
para elle excepção honrosa e desconhecendo
que haja honestidade em ninguem.

—Chega para ca, cousa immunda.

—Ah! Sr. capitão, eu juro não continuar.

—Muxingueiro, por esta vez um par de ma-
xos e gargalheira ao pescoço: si o miseravel
continuar não é preciso te dizer o que has de
fazer.

SONETO

Velho gaiteiro, *Nunes* miseravel;
Major moleque-mór dos birimbaús,
Reprime a lingua, ó chefe dos maraús,

Não offendas a moral tão respeitavel.

Barbaro senhor, caduco detestavel,
Ah! não queiras nos outros dar quinellas,
Pois é crível que todos sejam mans
E tu somente o bom, ó impecavel?

Si com toda a visinhanca estás brigado,
Si tens á todo o mundo a guerra aberto,
E's tu logicamente o condemnado;

Socoga, deixa estar, velho indiscreto,
Que no orco has de viver mais socogado
Com Cerbero, Caron, Megera, e Alecto.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 112 e 113 do—
ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO, RAPAZEADA.

Aproveitem, que está se queimando no de-
posito de charutos de Augusto Rodrigues
Monteiro, na rua de Baixo de S. Bento n.^o
51, o seguinte: charutos finos de bons fabri-
cantes, cigarros de diversas qualidades, fu-
mo picado, colehas de borracha, mortalhas,
palhas de milho, cachimbos cobertos e des-
cobertos, ponteiras para charutos e cigarros,
phosphoros de segurança do melhor author
em caixas grandes a 60 rs., vidros e torcidas
para candeeiros de gaz, folhinhas de La-
emmer, diversas miudezas e tudo o mais que
se encontrará no dito deposito á vontade dos
bons amigos e freguezes, sendo bem servi-
dos em toda e qualquer qualidade destes
generos.

Na noite de 16 do corrente roubaram do
abaixo assignado, em sua casa ao Maciel
de Cima, n.^o 8, uma relógio cilindro n.^o
14,172,—18,262, caixa de prata galvanisa-
da com cadeia e sinete de ouro, e uma
pedra encarnada; uma Imagem de Nossa
Senhora da Conceição, com corôa de prata,
uma capella de ouro, um chapéu do Chile,
e uma bocêta de massa; o mesmo gratifica
com a quantia de 40.000 a quem der noticia
dos objectos nos talhos ns. 1 e 2 em S. Ben-
to, ou em sua casa. Bahia 17 de setembro de
1869 — *Libanio Assis de Sant'Anna*.

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORI-
SAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Soc-
corro**—estabellecido á rua Direita da Miseri-
cordia, n.^o 13, mudou-se para ás Portas do
Carmo, n.^o 42, aonde continua a fazer em-
prestimos sobre qualquer penhor; tambem
compra prata, ouro e joias.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 37

Preço d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

23 DE OUTUBRO DE 1869.

Ns. 566 e 567.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
22 de outubro de 1869.

Officio ao Ilm. Sr. Dr. chefe de policia, consultando-o si o contracto celebrado com o governo não estabelece que o superintendente da companhia do Gaz seja um engenheiro e, no caso affirmativo, ponderando-lhe que está o referido contracto sendo quebrado, em consequencia de se achar, ha cerca de tres mezes, exercendo as funcções de superintendente o guarda-livros da mesma companhia?

Portaria ao fiscal geral, ordenando-lhe que, por conta da municipalidade, mande proceder á extincção da perniciosa bocca de lobo existente na Praça dos Veteranos, esquina da rua da Valla, uma vez que o fiscal parcial, occupado em cousas de *mais interesse*, não tem tempo para obstar que fique aquelle logar reduzido a foco de podridões pelo continuado despejo que ali fazem, ameaçando assim a saude publica. Cumpra.

—Ao mesmo, ordenando lhe que, por conta do respectivo proprietario, mande ja e ja arrear o forro da saccada do sobrado n.º 7, á travessa do becco do Arcebispo, o qual está para cada hora vir abaixo, podendo semelhante queda dar algum resultado desastroso. Cumpra.

—Que caiporismo pegou nesta semana!
O pedaço de uma casa desabou sobre duas pobres mulheres deixando-as *enterteladas*.

No fogo da Piedade, houveram cacetadas, facadas, etc., sobre-sahindo no brinquedo um sargento municipal.

Na ponte da Companhia Bahiana um policial esbofeteou uma pobre mulher, puchou o fandango e fez as todas.

Na rua da Mizericordia houve um perlvio dos peccados; encommodou até o chefe da segurança publica.

—Agora, em remate, ouça uma menos má:

Chegou da cõrte o Sr. Francisco Gonçalves Martins, barão de S. Lourenço, e presidente desta provincia.

E foi recebido com foguetes, musicas, vapores embandeirados etc.

—Mais estal

Eu a tratar de cousas desagradaveis e V. me dá uma noticia tão diferente...

—Capitão, amanha haverá um grande concerto no passeio publico, ás 4 horas da tarde, promovido pela sociedade philarmonica *Luzo-Brasileira*—Minerva,—generosamente coadjuvada pelas bandas de musica dos collegios S. João e Gymnasio,—em beneficio da sociedade libertadora Sete de Setembro.

—E consiste o divertimento somente nisso?

—Não. O prestimososo director do circo Olympico Brasileiro, em homenagem á grande causa da liberdade, presta-se a fazer exe-

cular, pelos melhores artistas do sua companhia, diversos jogos gymnasticos, sobressahindo o do equilibrio da oscada japoneza.

—E' um bello divertimento!

—E é de esperar grande concorrência, em vista do phylantropico fim a quo é destinado o producto deste concerto.

—Capitão, quer ver em que deleixo, em que abandono vae a ordem publica nesta terra?

—Vejamos.

—Eu lhe digo.

Na quarta feira exhibiu-se publicamente nesta cidade, em uma das ruas mais populosas, um escandalo revoltante, em affronta ao decoro publico e honestidade das familias.

Foi nada menos do que um individuo desde as oito horas e meia da noite, na rua da Misericordia, a insistir em altos gritos pela entrega de sua amazia que dizia retida em casa do Sr. Manuel Correia Garcia.

E fazia certos commentarios com expressões em que as regras da pudicicia eram inteiramente violadas.

Todos os que passavam ouviam e viam aquella requinte de immoralidade; mas os agentes de policia estavam não sei onde mettidos, que por alli um só não transitou, para fazer conter aquella enxorrada de indecencias.

Com effeito, pouco mais de dez horas, isto é, duas horas depois de tão repugnante alarido, sahio a mulher de casa do cidadão Correia Garcia, a qual, segundo consta, fôra para ali levada pelo proprio reclamante.

Travou-se então renhida contenda entre este e aquella.

Elle a querer que a mulher o seguisse e esta negando-se obstinadamente; dahi proveio a lucta; o povo que enchia a rua, prendeu-o; elle resistiu tenazmente.

Em tudo isso, caso extraordinario que despertou a attenção de cerca de mil pessoas! uma so praça de policia não apparecia, apezar dos estrepitosos toques de apito que cruzavam as ruas e beccos das immediações!

A presença da força se fez sentir somente quando alguém lembrou-se de correr ao destacamento da repartição da policia.

—Vae ás mil maravilhas!

—Ora diga-me, si esta terra não estivesse entregue ás baratas, não se teria evitado tanto escandalo, chamando aquelle individuo á ordem, logo que começou a fazer seu berreiro?

Como é que n'uma rua, que, por assim dizer, constitue o transito geral de parte da cidade, não houve um agente da força publica que ouvisse os gritos de um homem por espaço de duas horas?

—E n'uma noite em que houve espectáculo no theatro!

—Aqui era bem cabido trazer a recordação do Sr. Delegado um certo facto, dado ha tempos, em que S. S. mostrou tão *subtila solicitude*.

—Vamos ao fim.

—O individuo, motor de todo disturbio e um agente da força publica, disfarçado.

—Vae bem a segurança com gente tão pacifica.

Com a presença do Dr. chefe de policia, accomodou-se e o Sr. tenente Pedreira Franca, offerecendo-lhe o braço, conduziu-o a prisão, dignando-se e Sr. Dr. Antero acompanhá-lo até a Baixa dos Sapateiros.

—Está direito; foi como devia.

—Em uma das lojas maçonicas desta cidade deu-se um caso que tem seu sal.

—Conte-m'o.

—Certo vendelhão, pé de boi, assentou praça de maçom. Tendo de passar pelas provas rituaes, taparam-lhe os olhos e elle saltou despenhadeiros, precepitou-se sobre espadas e viajou todo o globo.

Provada a coragem do aprendiz, braçou o encarregado da cerimonia:

«—Tirem-lhe a venda.

O *massa bruta* porem, não entendendo o sentido de taes palavras, gritou assustado:

«—Isso não; façam-me tudo o que quizerem, menos tirem-me a *venda*, que é do que eu vivo e o unico bem que possuo.»

—Que lorpa! Julgava que a venda que lhe queriam tirar era a casa de negocio e não a que lhe cerrava os olhos?

—Na quarta feira, ás 9 horas da noite, uma mulher parda, amasia de um creoulo, segundo disse, foi esperal-o que sahisse do theatro para leval-o para a casa, e com uma navalha palmeada. Depois de o insultar muito de negro, atrevido etc., etc., ao que elle acovardou-se, o fez seguir deante della.

—E a policia, não viu isso?

—Ora, a policia! Um soldado que se achava ahi, em lugar de accomodar a destabana, ria-se e dizia:—*bonita comedia!*

—Veja como procede a policia desta terra; e no entanto podia o diabo tentar a mulher e ella a cutilar o amasio.

—Era então quando a policia tomaria as providencias, quando se lamentasse a desgraça do infeliz!

—E é assim a policia da Bahia! Em lugar de evitar o synistro, espora primeiro que elle se dê.

—Fortes cousas!

A POBREZA

Antes pobre conformado
Do que rico amargurado.

Fallam tão mal da pobreza!! Tem chegando a ambição de ser rico neste tempo a tal ponto, que se toma por injuria chamar pobre a qualquer homem. A moça mais ordinaria torce o nariz si um pobre a vai pedir em casamento. Tem se tornado infelizmente a pobreza synonymo de infamia, e a riqueza synonymo de virtude; o pobre é plebeu, é canalha, e o rico é fidalgo, é tudo. A balança do merccimento que n'outros tempos pezava os homens na sociedade, ja não existe; quebrou as conxas com as arrobas que lhe puzeram de patifaria, de sorte que presentemente regulam se os individuos no mercado do conceito pelo volume, e não pelo pezo especifico, e por isso vemos a cada passo um burro ter mais importancia que um sabio, com tanto que elle leve alborderes cheios de dinheiro. O homem sizudo, magro de fortuna, vale muito menos que o bandalho gordo da algibeira; porém isto é em quanto ca n'este mundo, porque no outro la temos a balança de S. Miguel que peza tudo com exactidão.

E desejam todos gozar o nome de ricos como epitheto glorioso, ainda que na realidade não o sejam! A prova é que grande porção de homens mentem quando se indaga os seus lucros: o caixeiro esse para se ficar na davida nunca diz quanto ganha; o senhor de engenho diz que faz quatro mil pães de assucar quando faz quatrocentos, que tem duzentos negros de enchada quando bota no serviço trinta ou quarenta; o negociante diz que tem correspondencia para todas as partes do mundo, e entretanto chegam duzias de navios e elle não recebe uma só carta; o medico diz que a sua clinica lhe rende quatro a seis contos de réis por anno, e vá se ver o livro dos seus assentos que tem feito apenas dezoi- to ou vinte visitas por anno!

E para que tudo isto?! Para com esta impostura ser admirado como rico.

Pois, á vista de todos estes fingimentos, ouçam os Srs. leitores a ranqueza com que lhes vou fallar: ha setefannos que viro escrevendo e não tenho de meu mais do que sessenta e dous mil e quinhentos, e isto mesmo em dividas quasi incobreveis.

Ora, os meus bens, ou mobilia consistem em duas cadeiras de palhinha rotas, e uma gamella de banho que está vazando por uma raxadura; e assim mesmo não me entristeço de ser pobre, porque vejo por essas ruas muita gente boa a pedir esmola, e além disto não devo nada a ninguem.

E consideremos bem que muitas vezes o

ser pobre é melhor do que possuir certas riquezas que ali andam invejadas pelos tolhos.

De que serve gozarem da fama de ricos alguns sujeitos que ali se apresentam com fortunas adquiridas por meio de roubos, moeda falsa, testamentos falsos, etc.? si possuem o dinheiro, e de dia o gastam, quando vão á noite descansar na cama estão ralados de remorsos.

Que conta faz ter uma loja muito aparatosa, devendo mais do que a importancia que existe dentro d'ella?! Porém a alguns faz conta dando-se por quebrados aladroadamente.

Todos os meios se estudam de ostentar riqueza no publico; uns entendem que dão provas de ricos sabindo montados em cavallos ajaezados de prata, outros em trazer os filhos ainda crianças vestidos com muito luxo, outros em mandar a mulher á missa levando ao lado da cadeira negras lacaias cheias de cordões de ouro e relicarios no pescôço, outros em trazer como painel de amostrea dentro da algibera umas quatro moedas de ouro, e uns seis patações para puchar diante de gente nas reuniões; e por esta fórma ninguem quer ter nem de longe a morrinha da pobreza quando aliás a pobreza, tem consigo muitas circunstancias uteis á vida, por exemplo: o pobre está livre dos cuidados que vexam a homem rico e ambicioso; o pobre humilha-se com mais facilidade do que o rico, os pobres em geral são amigos mais verdadeiros, e parentes, mais sinceros uns dos outros, e para prova observa-se que, quando, em uma familia rica, um filho se quer casar com alguma moça que não seja tambem rica, e seja embora muito civilisada, os pais logo prohibem, e para aterrarem o rapaz ameaçam com a desherdação!!! E tudo para que?! Para ficarem os bens para os parentes. e não haverem filhos que herdem.

O pobre dorme sua noite socegado sem se lembrar de lettras a vencer, sem sustos de navios que espera, etc.'etc.

Nota-se que, entre a gente pobre, o amor é mais terno e mais sincero, porque vivem afastados da illusão, das pompas do ouro, dos aduladores, das lisonjas, etc., etc. Os ricos em geral tem entre si uma fôfa aristocracia, e enchem-se tanto de vaidade que desejam formar entre si uma maçonaria só de ricos bem como os Srs. de engenho que se tratam uns aos outros por primos; mas quando algum d'esses primos tem falta de dinheiro ou soffre penhora, não ha primo que o valha; outros ricos, para indirectamente sustentarem uma cathegoria entre sua familia, quando em ausencia fallam em algum parente dizem, por exemplo: o meu irmão o Sr. coronel fuão, o meu cunhado o Sr. barão de tal; e o que é

isto? Impostura o muita somma do soberba.

Em conclusão, direi que, si Deos me quizer tornar rico, não engeito a proposta; mas também não me amofino por ser pobre, em quanto elle me concede o favor de conservar-me com saúde e boa vontade de comer, porque o rico, ainda tendo os mais preciosos manjares do mundo, só hade comer a maior quantidade que cabe na barriga de um homem e do tamanho da miúba e os ha de saborear so quando tiver fome e boa disposição, e quanto ao bom bocado de apreciar as bellas, ha por ali muita menina pobre e bonita, que eu posso pedir para viver comigo, e dançarmos o fandango amoroso.

À PEDIDO

—Capitão, V. Ex. admite algumas considerações?

—Si são justas e discretas, venham.

—Pois la vão.

Porque dorme a policia em quanto a tranquillidade de algumas familias periga?

Será casual ou proposital esse somno?

Para que nos serve nuna policia, que, devendo ser a primeira interessada na tranquillidade, é a que mais despreza os deveres que tem a cumprir?

Infeliz terra onde as autoridades policiaes são sophismas pomposos, acompanhados de ordenanças: mais que não sabem cumprir as obrigações de seu cargo!

Estará a policia de olhos vendados?

Porque não lança ella os olhos para a multidão de casas de jogo que ha nesta cidade?

Por que não faz a policia sentir o rigor da lei sobre esses transgressores della, poupando a muitas mães as lagrimas que mais tarde terão de derramar, á muitos chefes de familias amargos dissabores que terão de curtir?

Por ventura a policia ignora os casos funestos que constantemente se dão, consequencia immediata das casas de jogo?

Basta de tão deleixado si não criminoso lethargo; ao menos por amor da humanidade, supprima a policia a alluvião dessas casas de perdição.

Do jogo ao crime a distancia é muito curta; pois bem, previna-se o crime; é melhor do que punil-o.

—Meu amigo V. pregou um bonito sermão, porem, creio que não acha quem lhe assista.

—Capitão, ouça esta que é digna de sua attenção!

—Vejamos.

—O Sr. Hdefonso Lopes da Cunha arrematou dous talhos, um em S. Bento e outro em Santa Barbara.

Mas, depois, o Sr. Hdefonso não gostou do talho de S. Bento e rescindiu da arrematação, obrigando-se, em todo o caso, a pagar o prejuizo que por ventura possesse haver, e assignando com os seus fiadores, na camara, o termo de contracto de aluguel por um anno do talho n.º 12 de Santa Barbara; pagou immediatamente um quartel, do que tem elle recibo da camara.

—Deixemos de preambulos e cheguemos ao caso.

—Não estou preambulando; é necessario contar-lhe o principio da historia para poder chegar ao seu fim!

—Sim, vamos logo ao fim dessa.

—No *Jornal da Bahia*, de quinta-feira, vem um annuncio da camara municipal declarando em hastea publica o referido talho!

—Mas a camara não pode fazer isso, por que o Sr. Hdefonso ja arrematou o talho, ja assignou o termo de contrato e ja pagou um quartel, do que tem recibo.

—Eu acho que elle pode protestar.

—Isso é que é tolice!

Nem que elle faça mil protestos, os taes vereadores farão aquillo que entenderem.

—Porem nós não estamos no Paraguay!

—Cale a bocca, bobo, que os homens estão regenerando o paiz!

—O homem do chafariz da Piedade descobriu uma mina.

A cada preta, que ao encher o barril, deixa entornar uma ninharia d'agua, impõe uma multa que é recolhida ao cofre de seu bolso.

—E si a preta não tem para pagar?

—Penhora-lhe o barril.

—Boa minestra.

—Bagatella. O que ha de mais é as pretas andarem com sentido para não desperdiçarem agua.

Pede-se ao Ilm. Sr. inspector do arsenal de marinha para que mande concertar o bicamente do seu palacio que, alem de ensopar os caminhanes, aaneaça eminente risco de despregar algum pedaço sobre a cabeça de quem por alli passa.

—Sr. *Lombo de moxiba*, o que é isso?

Si tem sua cabeça molle para que bebe tanto?

—Sr. *Henriques*, não me venha encasfilar!

—Pois V. põe-se na *porrinheira* para insultar aos mais e andar batendo pelas portas com gritos tão deshonestos?

—E o Sr. é um *correio* de novidades!

—Ora emende-se.

Pede-se ao Illm. Sr. subdelegado de S. Pedro, que mando metter na gaiola da Correção uma *pomba*, que bem pode ser curuja por andar á noite batendo pelas portas das casas da rua da Lapa; assim como tres sujeitos de nomes Joaquim, Mesquita e Gomes, os quaes na companhia da tal tarasca, dão pasto á depravada conducta de que são dotados.

O CANTO DA ESCRAVA.

Oh, pobre escrava, trabalha,
Trabalha em todo rigor,
Si não queres o chicote
De teu barbaro senhor.

Aliça tua candeia,
E' noite, tem paciencia,
Olha a tarefa, não queiras
De teu senhor a violencia.

Deixa queorra o suor
Desse corpo tão cansado,
Trabalha, escrava, trabalha,
Não maligas o teu fado.

La nas terras d'alem mar,
Nasceste livre, é verdade,
Porem a ambição roubou
Tua doce liberdade.

Trabalha, escrava, trabalha,
No somno não vás pegar,
Nas horas que todos dormem,
Teu dormir é trabalhar.

Neste afflictivo passar,
Pede a Deus consolação;
Invoca sempre o seu nome
Na tua attribuição.

Elle, que o mundo governa,
Bem sabe teu soffrimento;
Pode mudar tua sorte,
Se lhe approuver, n'um momento

J. A. da Cunha.

—Capitão, trago este pervertido a sua presença.

—Quem é elle?

—Um mal casado que abandona a familia, para viver em companhia das meretrizes.

—Mas isso o que lhe importa a V.??

—Amor com amor se paga.

Si esse tratante não tivesse a lingua tão solta, estava livre que agora houvesse quem lhe descobrisse os podres.

Mas o detractor falla de Deus e do mundo, e nem poupa ao proprio compadre, que o aguentou sete annos como si fôra seu proprio pae. Sem fallar no Torres, a quem elle custou uma horrenda buxa e contra quem hoje diz cobras e largatos.

—Mas quem lhe deu procuração para V. tomar as dores dos mais?

—E' que tambem sou ferido.

O linguarado, no tempo em que ha de pensar no papel triste que representa na casa 55, no *Caminho Velho*, anda a se lembrar de mim, que vivo no meu canto.

—Lance ao desprezo que é melhor.

—Capitão, é preciso corrigir este *gingô*.

—Pois marque-lhe a pena.

—Por S. Francisco! Eu entendo que o *Alexandrino* amarrado a um pé de *carvalho*, tomando no lombo 50 do *maringueiro*, ha de se emendar.

—Pois seja feita a sua vontade.

SONETO.

Com Cupido sahí ao desafio,
Por elle mesmo sendo provocado:
Queixando-se de mim por desprezado,
Por que zombo de amor, de amor me rio.

Tomo um bordão, um canivete afio,
Unicas armas em que vou fiado;
Cupido de mil settas vem armado,
Mas não me fez temer, não desconfio.

Chegado de brigar ao tempo certo,
Dispara-me uma setta sem receio;
Dou-lhe as costas; e ligeiro me desperto.

Com um pau dei-lhe nas azas, desasei-o;
Aturdido no chão cahe de mim perto.
Apanhei-o no chão; que fiz? capei-o.

—*Alexandresinho!*

Vem cá fibusteiro!

Arnazem de descaração, deposito de bandalheiras, cabide de ladroeiras, mostrador de pouca vergonha.

Anda safado, que chegou a tua vez,

«Cabeça de cação, feições de mono,
«Pernas de urubú, cara de burro,
«Barriga de mocó, unhas de abutre,
«E' teu fiel retrato, vil casmurro.

Chega, moderno Lucas.

Ladrões ha'tão sagazes, que tem a habilitade de se fazerem passar por homens de bem.

Mas esse predicado não o possues.

Roubas com o maior desfaçamento que se pode imaginar.

E, insolente, andas de cabeça erguida no meio da gente honesta, blasonando!

Extraordinario contraste! Tu, um larapio de primeira plana, a alma do *Cobrinha Verde* encarnada no corpo do *Alexandrino*, tens boeca para detractar de quem está tão longe de ti como o Sol da terra!

Que miseria! Um ladrão voraz, que tem fo-

me canina, para devorar roubos, ousa fallar de quem poem os pés, onde elle nunca porá os focinhos!

Mas sabes, por que é isso, infame?

É pela santa paz que nosta terra concedem aos malvados e salteadores.

Do contrario, ha muito estarias expiando teus altos feitos em alguma penitenciaria, quando não estivesses, á maneira de papagaio, com um barril ás costas; por que esse é o premio dos que vivem dos arrombamentos, das delapidações etc.

—Mas eu não fiz nada disso.

—Então foi a gram pata que te pôz o author daquelle roubo de assucar do armazem do *Generis* e que foi parar em mão do *Dominice*, o anno passado.

E que me dizes das saccas de algodão, icados á corda pelo fundo da casa de João Coxo, teu consocio, morador ao becco do Segura Parede?

Negas isso?

Não é verdade que na casa desse harpya existe assentado um moitão por onde sobem a noite as rapinagens que fazes e que d'ahi são conduzidas para tua immunda tasca?

Tambem não és unha e carne com o João da Matta, em cuja casa deposita-se o assucar bifado, para dahi lhes dares destino por *treitinha*?

Não és o freguez mais pontual com que conta o Estevão na compra das ladroagens?

Falla, bruto!

Como não ser assim para sustentares o luxo enigmatico que tens?

Não tens negocio conhecido que te garanta rendimento vantajoso.

Sahes de casa as dez horas e te recolhes as duas e meia, reservando o mais a *fazer* para a noite, e como tens dinheiro para passares opiparamente, trajar com luxo em excesso, a não ser o fructo das ladroeiras?

Este enigma só o pode decifar o *Pinto Mané de Oliveira* ou *Zé-Russo*, teu agente nos ataques á fazenda alheia.

—E o Domingos.

—Tu mesmo lembras; esse, pelas muitas que fez, poz-se ao fresco, e o campo ficou entregue aos dous *Pinto Mané* e *Zé-Russo*, que são agora os que te fornecem.

(*Continua.*)

VARIÉDADES

A UMA NOITE DE LUAR.

Como a lua está bonita
Com seu zuavo de chita,
Comendo um naco de queijo?
Está tão bella e formosa
Como a mais frágante rosa

Que se ostenta la no brejo!

O seu coque é bem galante,
Tambem usa de turbante,
Imitando as negras minas;
Salvei mão da inspiração,
Com teu garboso gibão,
A todo mundo fascinas!

Trazes teu lindo cabello
Preto, preto e tão bello,
Pelos hombros a cabir;
Uzas tambem chapellino
E o teu rosto bonitinho
Me faz com gosto sorrir.

Não queiras a singeleza,
Anda na moda, á franceza,
Passeiando na amplidão;
Essa moda não é boa,
Sê parisiense leoa,
E todos te adorarão.

A duqueza de Berry, filha do duque d'Orleans, regente, morreu com vinte e quatro annos. Quando se lhe representava que os banquetes, as vigílias e os prazeres immoderados, poderiam abreviar a sua vida, ella respondeu:

—«Pois bem! curta e boa.»

POR CAUSA DE OUTRA MULHER.

HISTORIA DAS INFELICIDADÉS DO SR. GABRIEL
ESCRITAS POR ELLE.

Apenas vi-me solto, tomei um carro e recolhi-me á casa.

A contrariedade do meu espirito tinha tomado proporções demasiadas; eu estava avergonhado de tudo, e principalmente de mim.

Seria capaz de dar um tiro em quem me fallasse em mulheres e pulgas.

Estive muito tempo a pensar no caso, e uma resolução heroica accudiu-me ao espirito—detestar as mulheres, e fugir dellas como o diabo foge da cruz.

Esta resolução trouxe-me a quietação d'animo, e tratei de almoçar. Nunca comi com melhor appetite.

É o que acontece sempre que a gente toma uma resolução inabalavel.

Depois do almoço, vesti-me, e sahi a dar um passeio para assentar bem no meu espirito a tal resolução.

Era um dia de domingo. Eu percorria as ruas, sem destino e de cabeça baixa para não ver as mulheres que estivessem á janella, por que todas ellas são *janelleiras*.

Assim tinha andado ja bastante, sem haver nenhum incidente, o que me satisfazia a ponto de dizer commigo—não ha nada como

uma resolução! Mas... *á sorte deste mundo é mal segura.*

Passava eu por uma egreja, quando ouço dizer:

— Como vai o Sr. Gabriel distraído!... Fallo com a gente não seja ingrato.

Quiz correr, vacillei... A voz era tão assucarada e tão minha conheci-la, que, contra minha vontade, voltei-me. Vi uma moça de minhas relações que sahia da missa com seu pai.

Estava tão bella, com um olhar tão languido...

Veio-me logo a idea de fazer pazes com as mulheres, unicamente para estar bem com ella.

E então ia a cumprimental-a de modo amavel... ao mesmo tempo que ella, fixando-me um olhar, accrescentou estas fataes palavras:

— Creia, o Sr. não cahiu do meu conceito; o que lhe aconteceu hontem, pode acontecer a todos.

Sabiu-me logo o sangue a cabeça. Ella já sabia o meu *sucesso!* Que vergonha!

Não pude ser senhor de mim, deitei a correr loucamente rua afora. Pouco adiante encontro-me com uma preta que trazia a cabeça um taboleiro de ovos, e vamos ambos redondamente ao chão. Ergo-me com ligeireza, mas a preta agarra-se-me a uma perna, eu caio de novo, e sou obrigado a dar-lhe, para o seu tabaco, um formidavel sôco.

Foi de bom resultado o expediente, e eu pude continuar a minha carreira. A negra seguiu-me, e tambem uma molecagem infernal, a dar-me assovios!

Para logo reúnem-se soldados e um inspector de quartelão (raça que não morre!) e sem custo sou agarrado.

O inspector trata de inquirir-me sobre o que havia, e, eu no maior atordoamento, so respondia—*por causa de outra mulher.*

— Está doudo, dizia o inspector, e um grupo de *circumstantes* que se havia reunido, por que curiosos não faltam, repelia—está doudo!

Isto me encolerizou, e comecei a maltratar de palavras o inspector e seus acolitos.

Foi o meu maior erro. A convicção de que eu estava doudo ficou de pedra e cal, e, sem apello nem agravo, levaram-me para a *misericordia.*

Misericordia foi o que não achei ali!

Acalmado um pouco, procurei convencer o regente de que não era doudo, e lhe referi todo o occorrido. O desalmado ouvia-me com um certo ar de bondade, que me capacitei seria mandado embora; mas assim não aconteceu. Chamou o enfermeiro, e disse-lhe:

— Está agora no intervallo lucido, rape lhe a cabeça e ponha-o logo na camisola.

Foi tal a resistencia que fiz a execução desta ordem, que todos acreditaram, que, de feito, eu estava doudo, e a camisola envolve-me e a cabeça ficou-me lisa como um queijo!...

Depois desta operação, estando occupados todos os cubiculos dos homens, trancafiaram-me n'um destinado a mulherez.

Vi-me então perdido, e quasi endoudeço de veras.

Bem sabia a sorte que me a guardava...

Apenas puz o pé no cubiculo, as pulgas sahiram-me ao encontro. Nem ao menos eu podia defender-me de taes inimigas, estava de mãos presas!

Lembrei-me de deitar-me no chão, e rolar de um lado para outro, a ver si as esmagava ou afastava-as; assim o fiz. Mas qual! quanto mais eu *rolava* mais as malditas me mordiam!

Assim passei a noite em claro, fazendo de cylindro de engenho a rodar no mesmo lugar para moer pulgas!

Pela manhan quando minha familia me reclamou, e eu fui solto, estava com o corpo completamente moido, tinha me moido a mim em vez de moer as pulgas!

Cheguei a casa no mais deploravel estado, de cabeça raspa a, e sem os meus negros e crespos cabellos.

Que desgraça!

Por causa de outra mulher.

(Continua.)
(O CARETA.)

EPIGRAMMAS.

A UM PORTUGUEZ QUE TINHA OS PÉS EM EXTREMO FEDORETNOS.

Que mau cheiro, isso é terrivel...
Pois é novo o meu calçado!...
O fedor que está sentindo
E' do chulé abafado.

RESPOSTA A PERGUNTA DE UM SOVINA.

Para não perder mais lenços
Amigo, que hei de fazer?
— Assôe o nariz nos dedos,
Que está livre de os perder.

Nas guerras contra a Prussia, alguns lanceiros francezes passaram junto d'um saloio que trabalhava no campo.

— Bravo! Bravo! lhes gritaram elles. Faz muito bem de semear para nós acharmos uma boa colheita na volta!

— Oxalá que fosse para vocês, respondeu o saloio. Estou semeando canhamo para fazer com elle cordas.

O JOGO EM SEXTA-FEIRA SANTA.

A um filho, que havia jogado e perdido em sexta-feira santa quanto dinheiro levava na algibeira, quando sabiu de casa, dizia a mãe ralhando-lhe:

—Como não havia de acontecer-te isso, mau christão, jogando n'um dia tão santo como o de hoje?

—Ora diga-me lá, mamãe, respondeu-lhe o perdulario, acaso o que me ganhou jogava em dia de Paschoa?

Uma menina muito elegante e muito bonita estava para casar com um homem já velho. Indo a noiva de carruagem para a igreja, o cocheiro repetiu-lhe muitas vezes:

—Eu chamo-me José! Meu nome é José!

Sahindo da igreja depois do casamento, a noiva perguntou ao cocheiro a razão por que elle insistia em lhe repetir o nome.

—Eu queria, respondeu o cocheiro, que V. Ex. sempre se lembrasse d'elle para não dizer algum dia: «Foi o diabo que me levou a este casamento!»

Um vendelhão veio á casa de um advogado offerecer-lhe uns oculos. O advogado quiz zombar d'elle; pegou nos oculos, pôl-os no nariz, e, olhando para o vendelhão durante algum tempo, disse:

—Oh, homem! seus oculos não prestam para nada. Olhando com elles não vejo senão um ladrão!

O vendelhão, que não era pateta, admirou-se do caso.

—Tenha a bondade de me deixar vêr! disse elle.

O advogado deu-lhe os oculos. O vendelhão encaixou-os no nariz, e, olhando para o advogado, exclamou:

—E' verdade! olhando eu por estes oculos também vejo um ladrão!

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 114 e 115 do—
ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

ANUNNCIO MONSTRO.

Vende-se um relógio de patente sueco com quinze ponteiros, além dos que marcam as horas, minutos e segundos; o primeiro aponta os retratos de todos os papas que tem havido em Roma; o segundo os de todos os bispos que tem tido o Brasil; o terceiro os dos padres que se tem metido em revoluções contra o governo; o quarto os dos empregados

publicos que tem roubado a nação; o quinto os dos ministros que tem enganado o imperador; o sexto o dos soldados que tem desertado e roubado o armamento da nação; o sétimo os de todos os desembargadores que tem dado sentença por dinheiro; o oitavo os de todos os machinistas que tem apparecido em Londres; o nono os de todos os pintores que tem na Italia; o decimo o de todos os padeiros que roubam o pão e vendem bolaxa podre ao povo; o decimo primeiro os dos velhacos que roubam aos outros ou ficam com o que os outros lhe dão para guardar; o decimo segundo os de todos os doutores estupidos que tem parido as academias; o decimo terceiro os de todos os caxeiros que tem roubado os amos; o decimo quarto, os de todas as moças que tem levado taboca; o decimo quinto os dos negociantes que tem quebrado phantasticamente; e os de todos os assassinos que não tem morrido enforcado e nem soffrido cousa alguma. Todos estes retratos são apontados pelos respectivos ponteiros, a proporção que os outros marcam as horas. Este relógio monstro se acha a vista de todo mundo no beco do Angu n.º 1014.

Previne-se aos senhores agentes do Matadouro publico que, não se podendo cortar carne si não á serrote e faca, segundo a postura da camara, fica sujeito quem não tiver dentes a roer os ossos com as gengivas.

O clamor dos cortadores.

O fabricante dos bolaxões que se vendiam no deposito da—Vivandeira—declara que deixou de fornecel-os para o dito deposito, passando d'ora em diante para rua das Flores, deposito do Sr. Olimpio; para o canto de João de Freitas, venda do Sr Rangel; e para o armazem Mercurio, por baixo da Recreativa .

Na noite de 16 do corrente, roubaram do abaixo assignado, em sua casa ao Maciel de Cima, n.º 8, um relógio cilindro n.º 14,172,—18,262, caixa de prata galvanizada com cadeia e sinete de ouro, e uma pedra encarnada; uma Imagem de Nossa Senhora da Conceição, com cordão de prata, uma capella de ouro, um chapéu do Chile, e uma bocêta de massa; o mesmo gratifica com a quantia de 40,000 a quem der noticia dos obejetos nos talhos ns. 1 e 2 em S. Bento, ou em sua casa. Bahia 17 de setembro de 1859 —*Libanio Assis de Sant'Anna.*

Quem precisar de uma senhora idosa para tomar conta da regencia de uma casa de familia, dirija-se a esta typographia que se indicará uma.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 57

Preço d'assignatura—4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

27 DE OUTUBRO DE 1869.

Ns. 568

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Iatronopolis, bordo do *Alabama*
26 de outubro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, participando-lhe que reune-se uma sucia de capadocios na Fonte das Pedras, es quaes, alem da algazarra que fazem, proferem palavras offensivas á moral publica, o que muito encommoda aos moradores d'ali. Em vista pois do exposto, espera-se providencias que façam cessar esse ultraje á moralidade!

—Capitão, acabo de saber de um meio *industrioso* de que se servia certo individuo para adquirir dinheiro.

—Vão ver que é alguma estrategema, alguma alcantina.

—Escute.

Um Sr. Manuel Ferreira do Sacramento, empregado no trapiche Gomes, segundo me consta, abalroou certo caixeiro, e offereceu-se para intervir e conseguir retirar certas publicações que contra o mesmo, disse elle, estavam sendo publicadas no *Alabama*, inculcando que tinha grande privança com os redactores.

Sendo acceto o offerecimento, voltou dahi a pouco o Sr. Manuel Ferreira do Sacramento ao timorato caixeiro, e disse-lhe que falando aos redactores, estes exigiam 40\$000 rs. para cessarem as publicações; quantia que

imediatamente recebeu e mui laampreiramente fez-se de vella.

—E como deseobriu V. isso?

—Por bocca do proprio caixeiro,

—E' preciso ser muito audaz para abusar assim!

—Especula-se por toda forma!

—Mas enfim... como o mundo está cahado de tratantes de toda a laia....

—E dizem que não ha industria em nosso paiz!

—A industria aqui trabalha admiravelmente!

Em um dos ultimos spectaculos, um *industrioso* imitou á penna um ingresso do theatro, que parecia-se com o ingresso impresso!

—Ante-hontem, consta, o Sr. Carlos, director do circo Olympico, trouxe ao chefe de policia mais de cem bilhetes de ingresso falsificados.

—Ja ouvi dizer isso; disseram que é feito á lapis, e uma obra muito bem feita!

Mas para que veio elle ao chefe de policia?

—Pedir providencias.

—Elle que tenha mais precauções d'ora em deante, por que esses que ja viram o circo á lapis, hão de ver á creon, si elle não tomar sentido.

—Cordura policial.

Domingo, na porta do Passeio Publico, um soldado de policia, com a folha de seu espa

dagão deu tão pequenas lamboradas em um aprendiz marinho, que este foi obrigado a patinhar pelo chão, e o sangue acudiu-lhe aos lábios em borbotão.

— É o característico de tal gente; excesso ou deleixo.

— Alguem que reprovou o procedimento pouco moderado do policial, foi pelo mesmo insultado e ameaçado, á pretexto de que queria entorpecer o cumprimento de seus deveres.

— São umas joias estes soldados de policia.

— Na ultima sexta-feira, quem passava pelo Sangradouro via dependurado a uma arvore um africano, que achando talvez longa a existencia, entendeu de abrevial-a.

— Livre ou escravo?

— Não sei.

— Vaver que foi algum desgraçado a quem o peso insupportavel do captivo obrigou a procurar no suicidio descanço para seu sofrer.

— Capitão, aprecie a força de talento de um lente da Faculdade de Medicina.

— Diga.

— Explicando o filho de Hypocrates aos seus estudantes, disse:

«Meus senhores, comecemos hoje por repetir aquillo que não dissemos hontem!»

— Oh! um professor da faculdade!

— Sim, um lente!

— Essa é de cajú banana!

— O ex-cadete Francisco Ayres-da Silva quiz comer trutas a bragas enxutas e sabiu-lhe caro.

— De ordinario acontece assim.

— Esteve no sabbado em casa de umas raparigas, á ladeira da Gameleira, e quando quiz se retirar, não tendo dinheiro para pagar a estada, foi escurraçado por uma rodã de navalhas.

O ex-militar, acostumado a não virar cara á ferro e fogo, desta vez viu-se obrigado a bater bandeira aos assaltos das temiveis centopeias, e entendeu que o meio mais abreviado de por-se livre das endemoninhadas era atirar-se por uma janella abaixo levando uma queda que o conserva em lenções de vinho.

— Não é das melhores cousas; um deleite passageiro, que custa uns trinta dias de cama.

— Capitão, o *Nacional* de Baenos-Ayres, folha que, segundo se diz, é subvencionada pelo governo brasileiro mensalmente com 30 onças, faz do Brasil o seguinte juizo:

Apreciem os brasileiros a ideia que delles faz uma gazeta que é mantida á custa dos impostos com que são sobrecarregados:

— Leia.

«— Veem-se as formosas costas do Brasil e chegando ao pitoresco porto do Rio de Janeiro, mais *virginal* que o do Constantinopla e Napoles, admira-se o homem do poder daquella exuberante natureza, derramando as mãos cheias todos os thesouros do seu seio, naquella risonho panorama de verdor e fecundidade germinam como por encanto as mais raras e delicadas flores: os mais ricos e coloridos fructos, as mais perigrinas e matizadas aves, as mais exquisitas madeiras e a mais esplendida e virginal vegetação.

Tudo sorri, vivifica e falla desconhecida e mysteriosamente á alma.

Porem, apesar de ser a capital de um dilatado e riquissimo imperio; o que admira-se alli puramente é só a obra da natureza, porque nada alli item feito seus *afeminados e amulados habitantes*.

Não tem em seu sangue a pureza da raça dos Camões e Magalhães, nem a de seus fundadores os Sousas e Alvares: nem pouca a nobreza e bravura dos seus negros escravos, nem tiveram um espartano entre seus miseraveis caudillos. *É uma nação sui generis; cobarde, traidora, desgraçada, rachitica e degenerada pelos mais torpes vicios: nem é branca nem negra, sinão como toda a cobarde ousadia e vileza de sua amulada e prostituida linhagem, até o extremo de gozar mais com suas negras escravas, do que com as mulheres de sua cor.*

O brasileiro, finalmente, é em relação a outro homem de qualquer nação, o que é o pequeno nico para o grande orangotango.»

— É para pagar descomposturas dessa ordem que o povo brasileiro definha sob o peso de crescentes impostos!!...

— Todo o paiz deve ler e meditar sobre isto, afim de saborear mais esse fructo da politica bragantina no Rio da Prata.

— Capitão, ha agentes de policia que precisam de ser policiados.

— Agora é que sabe disso?

— Veja o que se deu outro dia.

Um cabo de esquadra, na ponte da Companhia Bahiana, dirigia suas graças para uma creoula, as quaes não eram por ella attendidas.

O galanteador não se limitou á palavras, foi á obras; com mão bolicosa violou o corpo da mulher.

V. Ex. não ignora minhas patrieias como são arrebatadas.

A mulher encordou com a graça e repeliu o Adonis da farda com um tremendo *sacalão*.

O homem enfiou-se, esbofetou a mulher, puchou do relle e queria picar tudo.

—Ora isso: uma cousa que elle mesmo provocou.

—Julgue por ali V. Ex. da moralidade de tal gente. Um homem que é mandado á um logar para manter a boa ordem, é o proprio que vai crear conflictos, commettendo immoralidades.

—Capitão, foi sempre ao concerto no Pasceio Publico?

—Fui.

—Amigo da liberdade como é V. Ex. ja se vê que não podia deixar de concorrer tambem com o seu obulo.

—Obrigado!

—Esteve muito concorrido, não?

—Houve alguma concorrência.

—Quanto rendeu, sabe?

—Consta que dous contos e setenta mil reis, sujeitos á despeza de quatrocentos e cincoenta mil reis, que gastaram na preparação dos barracões, luzes, etc. etc...

—Muito bem! muito bem!

Sempre os bahianos mostram o quanto são nobres e phylantropicos!

—Porem houve uma cousa que eu notei bastante.

—O que foi?

—Houveram sujeitos que deram *enveloppes* com pedaços de papeis sujos, e outros com dez reis dentro!

—Oh! isto não partiu senão de gente canalha e pequenina, que não deve ter o honroso titulo de brasileiro e nem-tão pouco o de filho da heroica Bahia!

—Sim, deixemos essa raça de vermes, e cumprimentemos aos corações bemfazejos e liberaes. que foram ao Passeio somente com o unico fim de contribuirem com o seu obulo para a causa da LIBERDADE!

—Já no solo brasileiro

A liberdade reluz,

E foi por ella que Christo,

Pregado morreu na Cruz!

Parabens aos brasileiros!

E a toda humanidade,

Pois ja raiou no Brazil,

O santo sol da liberdade!

—Viva a religião christã! Viva a liberdade!

—Capitão, domingo fizeram oito dias que pela freguezia da rua do Passo, das duas para tres horas da noite, andava um homem com um bahu á cabeça e uma mulher.

—Ora ahi vem V. com suas novidades velhas!

—E' só para justificar que aqui não ha vigigância; não ha segurança; pode-se espantar, matar, roubar e ir andando.

—Ja está mais que provado isso.

—Só o facto de andar a taes horas um individuo com um bahu á cabeça devia despertar desconfianças nos agentes da segurança publica.

—Si ella os tivesse.

—Accrescia que a mulher recusava-se a acompanhar o individuo e pedia socorro, e que este a ameaçava.

—Ora! Faz-se outras cousas de dia; quanto mais isso la pela rua da Valla, baixa dos Sapateiros, ladeira do Carmo, etc.

—Houve quem passando e tendo suspeitas, se desse ao trabalho de procurar uma patrulha da Cruz do Paschoal ao Terceiro; mais qual patrulhas!

—Era o que faltava!

A policia andar na rua fora de horas em risco de constipar se!

—Capitão, ha dias o *Alabama* não tratou da morte de uma mulher, de que as freiras do Desterro foram causadoras?

—E' exacto; por que?

—Em que ficou?

—Em nada.

Ouvi dizer que, indagando-se, disseram que era falso; que a mulher fôra vendida.

—Falso é isso; por que o caso é verdadeiro. O que tem é que foi succedido ha alguns mezes; pela semana santa.

—Casos passados; não existem provas.

—Ora si as ha!

Muitos moradores da rua da Poeira, cujos quintaes deitam para o lado do convento viram a queda e ouviram os gemidos entrecortados da miseranda, que precipitou-se do segundo andar do convento.

Quizesse a policia e a verdade havia de apparecer.

—Mas, si ella não quer?

—Então deixe que va.

—O *Barão da Saude* fez proezas no domingo.

—Quem é o barão da Saude?

—Um moleque pimpão, ereravo da viuva João Diogo:

—V. tem cousas!

—Fez proezas da ladeira da Saude á baixa dos Sapateiros.

Deu pancada, insultou; disse obscenidades, assustou as familias, fez quanto quiz.

—Dessas noticias, limpe a mão á parede quando as tiver; a não ser que sirva ella para

uma grinalda a ajuntar á coroa d'actualidade policial desta terra.

- Quanto sangue!
- O que foi isto?
- Brinquedo dos meninos.
- Bom brinquedo, que causa damno!
- Esta preta chama-se Felicidade, vende aqui na Baixa dos Sapateiros; o sangue que vê é o effeito de uma espoleta que ainda lhe está engravada no corpo.
- E causou tanto estrago!
- Podera não!
- D'onde atiraram?
- Da porta da loja do Falcão.
- Estes meninos! Esta policia!

A PEDIDO

E' chegada ao porto de *Lapazinha*, na villa dos *Sanhaços*, a barea Santo Antonio, a tripulação vem fazendo preces a S. Leopoldo, por vir o vaso de Santos carregado de caxaca e zurrapa, mas tudo baldeado; tambem veio um capitão reformado, que, por embriaguez ja foi preso pelos inspectores de quartelão, em virtude de lhe dar a *mamadeira* para proferir palayras offensivas á moralidade publica.

Esse incorrigivel acha-se contra todas as regras do justo e do honesto exercendo um logar de confiança, talvez por ser ignorado seu torpe proceder.

Continue, si quizer ver o rabe de cutia asobiar.

Um habitante da terra dos Sanhaços.

Era um doutor namorado, (supponha-se que lente de uma faculdade de medicina) que voltando dos campos do sul, inflammado d'amor, escreve a uma joven uma colleção de palayras insultuosas accompanhadas de ameaças.

Seduzia a moça para que fosse para casa de uma tal D. Maria e que, si o não fizesse, elle espalharia por toda a parte que ja a havia gosado a sete annos!

Que vergonha meu Deus!

A moça, porem, tinha um cunhado. Um dia o doutor o encontra e arremeça-se a elle de chicote em punho dizendo ser elle amante da moça! Depois ameaça-o com a morte!

Accrescenta, porem, que tem medo da imprensa e da policia!

Que cynico!

Tem, finalmente, medo da policia e dos jornaes, porque se lembra das mulheres que tem descazado, das virgens que tem estuprado, do que tem abusado, favorecido pelo

seu magisterio, não poupando nem sua propria prima recentemente cazada, quando quiz seduzir.

Que cynico!!

Entretanto ainda ha quem o deixe entrar como medico em sua casa, quem admitta um tal furioso no seio de sua familia!!

Querem saber quem é elle? Peguem-se com o Santo Xas-sei, que logo lhe fará o milagre.

O sino do Bomfim.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 116 e 117 do—
ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

José Antonio de Souza Severo pede ao Sr. Francisco José de Mattos Ferreira de Lucena Filho o favor de apparecer-lhe no Bom-gosto da Calçada n.º 7, para negocio.

D. Sabina Lucinda de Magalhães e Luiz Sabino dos Santos, mãe e irmão do fallecido Martiniano Lucindo de Britto Santos, fallecido no dia 23 do corrente, na ilha de Maré, vem do alto da imprensa agradecer a todos os habitantes da mesma ilha o modo espontaneo com que se prestaram ao enterramento do mesmo finado; e pelo presente patenteam o seu semp-terno reconhecimento.

Bahia 25 de outubro de 1869.

Detteff Karp agradece a todas as pessoas que acompanharam até a sepultura o cadaver de seu sobrinho e afilhado Antonio Pereira da Silva Barreiros, e tambem a todos que compareceram á missa do setimo dia mostrando por este meio a sua gratidão.

Previne-se aos senhores agentes do Matadouro publico que, não se podendo cortar carne si não á serrote e faca, segundo a postura da camara, fica sujeito quem não tiver dentes a roer os ossos com as gengivas.

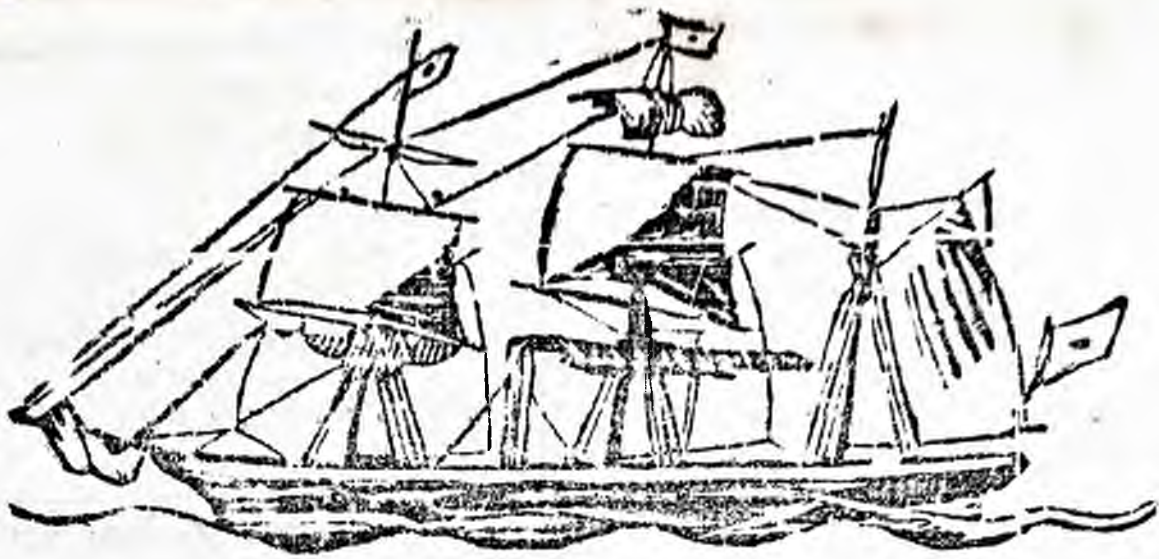
O clamor dos cortadores.

MONTE SOCCORRO.

EMPRESTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORIZAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado—**Monte-Socorro**—estabellcido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, aonde continua a fazer emprestimos sobre qualquer penhor; tambem compra prata, ouro e joias.

Quem precisar de uma senhora idosa para tomar conta da regencia de uma casa de familia, dirija-se a esta typographia que se indicará uma.



O ALABAMA

Periodico critico e chistoso

Anno VII.

Publica-se na typ. de Marques, Aristides & C.

Ao becco do Arcebispo quina da rua do Collegio n. 17.

Serie 37

Preco d'assignatura — 4\$ rs. por serie de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series.

BAHIA

30 DE OUTUBRO DE 1869.

Ns. 569 e 570.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama*
29 de outubro de 1869.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia, pedindo permissão para ponderar-lhe que será obra de humanidade si S. S. mandar dar conveniente destino a uma desditosa mulher, de cor alva, que anda por essas ruas em estado verdadeiramente deploravel.

Semi-nua, quasi sempre embriagada, cahida pelas ruas, dormindo pelas calçadas e até no monturo de S. Francisco; essa desgraçada representa o quadro mais miseravel a que pode attingir a humanidade, tornando-se elle mais compugente em attenção ao sexo da misera. Espera-se que S. S., que sobre ser o executor da lei é christão, se condoa de tanta infelicidade.

—Ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, pedindo-lhe a dispersão de uma caterva de rapaziões que todas as noites vão para o adro do Collegio dar copia fiel da educação que recebem de seus paes, chasqueando com quem passa, e proferindo em alta voz termos obscenos. Espera-se que S. S. mande dar a semelhantes malcreados logar mais proprio para suas immoralidades.

—Ao Illm. Sr. subdelegado de Sant'Anna, para que veja si consegue acabar com a sucia de vadios, que faz aposento na roça chamada do padre Sá, ao largo da Saude, e dahi de-

banda-se pelos quintaes em guerra declarada com as gallinhas alheias. Espera-se de S. S. uma providencia, em prol do bom andamento policial de sua freguezia.

—V. raptou a menina, capitão?

—Eu não.

—Não esconda que ja se sabe.

—Deus me livre! é um proceder indigno de meu caracter.

—Ahi é que está seu engano.

Por V. ser mesmo da policia é que tem direito de seduzir e prostituir.

Então por ventura ha de cançar seu cavallo de balde?

—A companhia do Gaz está illaqueando o governo.

—Tem provas?

—So quem for cego não vê.

—Ora diga.

—O contracto com o governo estipula que logo que a illuminação publica passasse de 2,000 bicos, o preço de cada um seria 195 rs, e não 200 rs.

—Sei disso.

—Pois sabe o que faz a companhia?

Como dahi lhe provém a redução de uns 15:000\$ rs., usou da innocente esperteza de diminuir sensivelmente a força da luz, e até estabeleceu uma multa de 100 rs. por cada lampeão que tiver mais um bocadinho de luz.

—De maneira que quando era a 200 rs. economisava se mais do que agora?

—De certo.

Ha ruas. que, apesar do illuminal-as, parecem conservar se em perfeita escuridão; principalmente nas encurvilhadas em que não ha lampeões nas esquinas.

—O governo tem bastantes olhos para ver; si se deixa lesar é porque quer.

—Mas quem soffre é o povo que paga e é mal servido.

—Os soldados de policia são os proprios a violar as ordens.

—E depois querem prender e levar tudo a panno de espada.

—Segunda-feira, eu estava tomando fresco n adro do Bomfim e vi dous vultos dentro do chafariz.

Fui observar; eram dous policiaes, que, á maneira de Adão e Eva, estavam se refrescando.

—A que horas?

—Alta noite.

—Ora, então não faz mal.

—Mas não sabe que é prohibido?

—Pode ser para quem quizer, menos para a policia que executa as ordens.

—Quando eu avisto uma carruagem estou com o credo na bocca.

—Os carros em mão dos boleiros são um risco perenne para quem anda na rua.

—Todos os dias se dão casos fataes.

—E hão de dar-se.

—Segunda feira, um imprudente boleiro, no largo de S. Bento, atirou ao chão uma mulher e seguiu sua viagem; quinta feira um, ao dobrar a rua do Bispo, ia esmagando outra mulher.

—E vae-se clamando no deserto; por que eu creio que se acha um impossivel tomar qualquer medida que isempte o publico de tão imminente perigo.

—Então, já foi ao circo Olimpico?

—Fui uma vez e sahi de lá para nunca mais voltar!

—Qual a razão?

—A razão é por que meia duzia de capadocios que lá vão, pateam a tudo e á todos sem respeito algum; proferem as palavras mais obscenas que imaginar-se pode! Ali é a moralidade desacatada e ultrajada por essa gente que em toda parte mostra a sua educação do terreiro!

—E no entanto que o director anuncia camarotes proprios para familias.

—Só levará sua familia lá quem estiver

douo, ou quem não souber a falta de respeito ao decoro, que rola ali!

—A policia o que faz?

—Ora a policia!

A policia não da cavaco com essas miudezas! Outro dia, dizem, entrou um sujeito e deram-lhe uma pateada; elle olha para o delegado, este estava riudo-se, voltou-se para o lado d'onde sahiu a pateada e deu um *figão*!

—Muito bem!

—O Lalaú Cerveja estava assentado na platéa, e o sujeito que estava na ordem superior desabotoou as calças e mijou-lhe na cabeça!

—Que desmoralisação!

—E como estes muitos factos que eu sei, mas que enfadonho se tornam relatados!

—Os taes cambistas que andam por lá?

—Esses salteadores das algibeiras do povo, essa raça vil de sanguessugas da humanidade!

Ai! ai! ai!

Elles ali impoem da mesma sorte que o salteador que espera o viandante na estrada, e exige-lhe a bolsa ou a vida! Exigem dous ou tres mil reis por um bilhete que compram por dez tostões, ou deixar de ver a representação!

—E a policia não vê nada d'isso, dorme o somno do indifferentismo!

—Dizem que, na quinta-feira, indo um sujeito reclamar este desaforo ao Sr. Carlos, director da companhia, e fazendo-lhe ver que corria o boato de que elle era connivente no cambio, este indignado pela injustiça que lhe faziam, fez uma falla ao publico, dizendo que não tinha culpa do que faziam esses especuladores, esses salteadores das algibeiras dos espectadores, mas que ia tomar providencias afim de cessar semelhante abuzo!

—Hum! Foi uma de cachupelêta para os taes cambistas!

Agora tambem é preciso que a policia tome providencias, que ficam cessar as pateadas a que fica exposto um homem serio que ali vá se divertir.

CLASSIFICAÇÃO DOS MARIDOS.

O negocio de ser marido não é tão simples como por ahi se julga.

Ha por ahi sujeitinhos que, em tendo quatro cabellos na cara, e achando-se empregados de continuo de qualquer repartição, ou guarda d'alfandega, ficam logo tão cheios de si e empavonados, que sem mais em nada cuidar, se atrevem a subir as escadas alheias para pedir mulher para cazar. Parece que não pensam.

Não seria por certo filha minha que a taes pingados eu desse. O negocio do matrimonio não é por ahi arroz cosido que não ha quem

não saiba fazer, ou banana, que é fructa de todo o tempo. Tem seu chiste, e encerra muito mysterio; por isso o ser marido é cousa grande e de consideração.

Ha porém muitas classes de maridos, e muitas d'estes que não valem uma pitada de rapé em cornimboquo do velho.

Classifiquemos.

Ha maridos bons, e que comprehendem seu officio. Estes cuidam da vida, regulam suas despesas, dão educação aos filhos, não fogem do trabalho, não desejam ver sua mulher com trastes, cuja origem não conhecem, e se esforçam para que lhes não falte o necessario. O ser marido assim, tem que se lhe diga, e não é para qualquer; e maridos d'estes apparecem presentemente tão raros como as moedas de ouro. São elles tambem os unicos que merecem o nome de maridos, que tudo mais é phantasmagoria marital!

Alem d'estes, ha maridos patuscões, que sem se importarem com o necessario para casa, e nem que o aluguel d'ella se esteja vencendo, e que a lavadeira ja não queira fiar, sahem de casa, e levam em pagodes dias e noites, noites e dias, e quando voltam para casa, nem inquirem da mulher por que maneira se passou, e o que se comeu.

Estes, não sei porque capricho da sorte, quasi sempre encontram mulheres virtuosas, honradas, e boas, que são martyres de seus debóxes.

Ha maridos jogadores, que regulam a casa pela bussola da jogatina. Hoje que têm felicidade na banca, a mulher apparece coberta de sedas, e filós, rendas e adereços, nada lhe falta. Amanhan, que apparece a *vasadeira*, vae se tudo pelos ares, e são capazes de deixar a mulher embrulhada n'uma coberta, para vender e jogar a importancia de seus vestidos.

Ha maridos de raça desesperada, e estes são os peiores; porque levam o negocio de baixo da tempestade do cacete, e d'esta maneira a arrumam todas as questões, e acabam todas as necessidades da familia.

Otros ha de bom humor, e excellente estomago, que vão vivendo funcionando dentro de casa da melhor maneira que podem, sem darem cavaco com os negocios particulares da mulher.

Que se importam elles com as desgraças alheias, se passam bem? Que tem que perguntar a sua mulher, onde comprou tal vestido, e com que dinheiro, quando ella se apresenta com elle, e *tem suas vendas na rua, e suas agencias?*

E' uma optima classe de maridos, e muito gostam d'elles certas mulheres; a ponto que ja vi uma mandando dizer uma missa

para que Deus lhe desse um marido que não quizesse esmerilhar tudo.

Ha maridos emburrantes e tolos, que tem ciúmes da mulher quando não deviam ter, e são francos de mais quando não o deviam ser. Não querem que a mulher reciba ninguém em sua ausencia de casa, e não fallam nem com um pobre que va pedir esmolla na escada, e com tudo vão com ella aos presépes do natal, e ás festas dos conventos.

Emfim a classificação dos maridos é tão grande e vae a um ponto tal, que, para ser feita de uma vez, jamais se acabaria: por isso fica aqui, e o mais supram os leitores.

LA VAE VERSO.

CARTA

do capitão do «Alabama» a seu correspondente na corte o—Patusco.

(Continuação.)

—Vi outro dia no circo
Um padre de bom nariz;
Tinha ares cabisbaixos,
Parecia de *Pariz*.

Si elle era *lazarista*,
Isso agora é que não sei;
Mas creia que o vi no circo
E ao pé d'elle me assentei.

Isso é um pau pelo olho!...
Pois o homem por ser frade,
Os deleites deste mundo
Tambem desfructar não hade?

Ora si! Tanto é verdade,
Q'isso em nada desabona;
Que até ja vae ao theatro
Um padre com sua *dona*.

Porque não? De carne e osso,
Como são tod'os mortaes,
O padre não é privado
Dos sentidos corporaes.

Si o padre tem seutidos,
Ninguem o pode privar
De ver, ouvir e cheirar,
De gostar e de apalpar.

Ahi o que acho mau,
E não posso desculpar,
E' somente alguns que gostam
De lamber e de chupar.

Tudo mais são frioleiras,
Exigencias carunchosas,
A propria egreja hoje quer
Suas cousas bem ruidosas.

Hoje até para uma festa,
O annuncio que se faz

Convidando aos feis,
 Tem estylos do cartaz.
 Não fique V. pensando
 Que eu me expresso em demasia,
 Si não quer ficar em duvida
 Leia o *Jornal da Bahia*
 Que nelle apreciará
 Galhofices infinitas:
 No programma de uma festa
 Dos terceiros carmelitas.
 Leia, e diga, si outra cousa
 V. ja viu neste mundo
 Que mais cheire a patacoada;
 Quer na forma, quer no fundô.
 Mas que quer? é de spirito
 Deste seculo soberano,
 Misturar n'uma argamassa:
 O divino e o profano.
 Ao lado do Evangelho
 Uma feira, um botequim!
 Ao Sacrificio incruento
 Segue logo o arlequim.
 O que se quer é, que o povo
 Compareça na funcção,
 Para admirar as luzes,
 As telas, a armação..
 Ouvir musica. bater,
 E dar palmas ao balão.
 Quando sobe; ir á feira;
 Mas não fazer oração.
 Uma cousa no programma
 Me causou grande *arrechia*,
 Foi a salla p'ra senhoras
 Inda mesmo de familia.
 E' enigma intrincado
 Que não pude decifrar;
 Uma salla primorosa
 Para moças preparar;
 E dizer: *inda mesmo* de familia..
 Nella serão recebidas;
 E' signal que alli seriam
 Co' outras gentes envolvidas.
 —Ja sei que o nosso adorado
 Deu sueta aos deputados;
 Os quaes de felicitar-nos
 Voltaram extenuados.
 A falla que deu co'o basta
 Não sei si foi mui fiél,
 Dizendo que neste imperio
 A paz andou a granel..
 Será paz inalteravel
 Dos Lenções o reboliço,
 Onde do povo, que soffre,
 Correu sangue em desperdiço?..
 Safa! que caraminhola!
 E' para subir na serral

Si é paz o que la houve,
 Eu mil vezes quero a guerra.
 Está por que o teú,
 Um dia, aborrecido,
 Para não ouvir parolas,
 Metteu um tóco no ouvido.
 —Será para Bem da patria
 As indirectas mordazes
 Que vejo do parte a parte
 Entre *Vaublane* e *Devazes*?
 Qual! isto é cassuada!...
 Não é com rivalidades
 Que elles hão de dar impulso
 A' publica prosperidade.
 Nunca ninguem me diss'isso!
 Para mim é caso novo,
 Que os arrufos dos ministros
 Façam beneficio ao povo.
 Mas é claro como azeite...
 Tudo isso é sacrificio,
 Que fazem, sem interesse,
 Do paiz em beneficio.
 —Cã chegou o S. Lourenço;
 E, ao que diz o *Jornal*,
 Teve uma recepção,
 Como inda não houve equal!
 O interesse que foi
 Do nosso amavel Guedes,
 Pelas agoas do *Jornal*
 Foi armando suas redes.
 Até affirmou que o povo,
 Para prova de conceito,
 Tomou o homem nos braços
 Como oriança de peito.
 Não eu que lhe inveje a sorte!
 Um corpo velho e cansado,
 Ha de ficar bem moido
 Por todo um povo abraçado.
 O que é verdade se diz:
 Foguetes houve por borra;
 Vivas por cima do tempo
 E bem gente na *pitorra*.
 E até os maldizentes,
 Linguarudos, velhaquetes,
 Espalharam que n'alfandega
 Si guardou muitos foguetes.
 Essa é uma daquellas
 Que não posso acreditar;
 Pois só por causa de um homem
 Tanta cousa se arriscar?
 Muita gente por aqui,
 Vejo de cara trombuda,
 So por que de presidente
 O homem não teve muda.
 Por minha parte, não sigo
 A opinião que o repelle:

Si ha de vir outro peor,
Antes quero mesmo elle.

(Continua.)

A PROSTITUTA.

Não tenho ninguem no mundo
P'ra condoer-se de mim!
P'ra comer, vendo meu corpo;
E' duro viver assim!

Do meio da gente honesta,
Eu triste sou repellida,
Sou mercadora da honra
Tenho horror á minha vida!...

E' preciso pentear-me,
Vestir-me bem: p'ra agradar,
E com estes artificios
O pão dá vida ganhar.

Estou bella, agora vou
Nas faces deitar carmin,
Para enganar os rapazes
Quando sorrirem p'ra mim.

Cada um tem seu negocio...
Eu com a honra negocio;
Os meios para ir vivendo
E' assim que eu agencio.

Mulher infame me chamam,
E são mulheres tambem...
Que não reparam ao menos
As voltas, que o mundo tem.

A dura necessidade
Me obriga a honra vender;
Si não vendel-a; amantian
Eu não terei que comer.

Mas quem, por vaidade, mancha
O thalano conjugal,
Mais prostituta que eu
Não vê que a mim é igual?

Egual, não, que não o é;
Me obriga a necessidade;
Ao passo que ellas o fazem
So por luxo e por vaidade.

Batem na esxada; quem é?...
Um moço vindo de fora;
Manda-o entrar! muito bem:
Seja vindo em boa hora.

Vamos, a noite passou se...
E foi-se o moço embora,
Meu Deus; pequei para comer,
E fico sem nada agora?

De minha tão triste sorte;
Acabae nefandô mal;
Antes que os dias eu findê
Sobre um leito no hospital.

À PEDIDO

—Venha ca, *Innocencio!*

—O que determina, capitão?

—Ora diga-me, para que V. ha de des-honrar assim as cans de seu velho pae?

—Ja o *Manuel* veio contar alguma cousa a V. Ex.

—Está enganado, eu podia lhe fazer mal, mas não quero, tenho pena de seu pobre pae.

—Mas o que fiz eu para V. Ex. me fazer mal e si n'ô não faz, é porque tom penaa de meu pae?

—Não o quero envergonhar, va-se embora!

—Não me envergonha; eu lhe peço, que por *Sant'Anna*. m'ô diga!

—Na verdade, ja não pode haver vergonha em uma cara tão estanhada como a sua!

—Oh! é de mais!

—Para que V. anda industriosamente cobrando recibos de uma loja de onde ja não é mais caixeiro?

—E' uma falsidade, capitão.

—Tambem será falso que V. foi a uma venda, ao *Terreiro*, e por meio de sua industria tomou um queijo e uma lata de *cracknet!*

—Oh!... oh!... oh!... cale-se, capitão, por quem é, eu lhe peço!

Prometto a V. Ex. que me emendarei!

—E se não emendar-se?

—V. Ex. faça o que entender.

—Eu o apontarei ao Sr. Dr. chefe de policia, como um cavalleiro de industria!

—Sim!... sim!... Mas cale-se, eu lh'o peço!

—Calar-me-hei, certo de sua conversão.

—Capitão, venho, pedir-lhe um favor.

—Pode dizer.

—E' para V. Ex. mandar seu muxingueiro ao açougue do *macho-leve*; á *alta* dos Sapateiros, metter a taca nesse e inbusteiro e intimal-o para que não traga mais do curral carnes podres para impingir ao povo; pondo á porta um negro velho a berrar e atanzar os compradores a entrarem em tão nojento logar, que causa nausea pela fedentina que exhala.

E depois diz muito chieio de si: ganhei hoje nove, dez ou doze mil réis, gabando-se como faz o *deputado geral de Santa Barbara*.

—*Yaya*, onvi dizer que V. está para casar com o *Neco?*

—E' verdade.

—Mas o *Juca* tambem não a pediu?

—E' exacto.

—E V. não deu o sim?

—Exactissimo.

—Mas como se explica isso?

—Olhe, é muito facil; si não me casar com o *Neco*, caso-me com o *Juca* o se não me casar com o *Juca*, caso-me com o *Neco*.

—E tambem pode ficar sem boi nem vacca.

—Isso não é mais do que aventurar-se; é o mesmo que comprar um bilhete para ver o que a sorte dá.

—Bravo! Que moça espirituosa!

—Capitão....

—O que ha?

—Um sujeito teve uma desordem com outro que sahio com as ventas tão esmurradas que jorravam sangue como as bicas do Queimado...

—E o que tenho eu com isso?... vem V. massar-me com cousas que não adiantam.

—Espere capitão... é que o sujeito, tendo apanhado, aada gabando-se que deu; julgando que lhe darão credito como da vez, que elle gabou-se que tinha corrido atraz do eunhado de refle em punho, e que o tinha feito correr até a estrada por onde passam os bois.

—Oh! que valentão, pois bem; si elle continuar, faça-o vir á minha presença, pois para estes eu tenho destino.

—Estou sciente, capitão.

NÃO SOMOS NADA.

Do que vale nesta vida

A vaidade, a presumpção?

Ter dinheiro, ou ser marquez,

Si a morte co'um pescossão,

Tudo acaba de uma vez?!...

Vêde a mulher orgulhosa,

Toda ufana por ser bella,

Ind'hontem formando intrigas

Contra esta e contra aquella

Hoje morta de bexigas!!...

Vêde o sordido usurario

Adorando o que roubaral!....

Eis da-lhe uma dor de umbigo,

Torce o corpo, franze a cara,

E cahe morto por castigo!!....

Vêde intrepido guerreiro,

Que mil noites debellou!

Coitado.... sou-lhe a hora...

C'uma espinha se engasgon,

Morreu!... e um verme o davora!!...

Infeliz condicção da especie humana!...

E a vista deste quadro que revella...

Ficamos as escuras... Boa noite;

Acabou-se tambem a minha vella.

—Capitão, a lei para todos não é a mesma?

—Ao menos é o que dizem,

—Mas eu vejo tanta desigualdade!

— Nem tudo é como se quer.

—Vejo, por exemplo, José Pereira dos Santos, com casa de pasto e botequim no Cay Dourado, n. 70, ha mais de seis annos, sem pagar até hoje um centil de direitos, ao passo que outros são acoxados de impostos!

—Mas o homem não tem distico na porta.

—Si for por isso, estão bem aviadas as rendas publicas!

O rotulo não é que o priva de vender caffè, refrescos, dar hospedagem e comida ás tripulações dos navios.

V. Ex. sabe que o simples facto de vender caffè o sujeita a pagar 50\$ rs de direitos.

—E' verdade.

—Então concorde que até hoje a fazenda tem sido lograda e a boa fé dos lançadores illaqueada.

—E V. agora quer fazer este mal ao pobre homena, denunciando-o!

—Maior mal causa elle aos que vivem do mesmo giro, porque não paga impostos e pode assim vender por menos que os outros que pagam.

—Nisso tem razão.

—E depois é uma fraude subtrahir-se á contribuição que a lei exige para o augmento das rendas publicas.

—Ja ouvi; ha de ser attendido em tempo opportuno.

—Bom dia, capitão.

—Ja por aqui tão cedo, meu rico!

—Capitão, tenho urgencia de pedir-lhe uma explicação.

—Que massada não será!

—Massada? Uma pergunta curiosa.

—Ora diga la.

—A alfandega dá despachos para desembarque de madrugada?

—Si a'gum maluco se sabisse com semelhante disparate, eu não me admiraria, mas V.!

—Pois, si eu vi no dia 27 ás quatro horas da madrugada?

—Viu o que?

Desembarcar-se na *Agua dos Pequenos*, uma porção de barricas de sebo do Rio Grande!

—Eu creio que V. sonha acordado.

—O enjo, que as estava recebendo, parecia atarantado, como quem tem uma espinha atravessada na garganta, e implora por S. Braz; e so tornou á calma habitual quando viu o genero seguir pela beira do ribeiro que ali ha, e ser depositado na porta de um *Castro*, o qual estava ja a espera do grilo em companhia de um *pinto* para servir de signal.

Então poz-se a batter palmas bradando:—

não ha melhor negocio do que comprar sebo a 45 rs. arroba e vendel-o ao Martins a 87!

—Onde mora o tal Castro?

—N'uma bodega, por cima da qual tem pintado um pé de *pinheiro* distinctivo de quem usa o proprietario.

—Sim, Sr. meu *carujada* meia noite para o dia; o negocio é serio; é preciso dar conhecimento delle ao inspec'or d'alfandega para mandar syndicar da tal ratonice.

E' chegada ao porto de *Lapazinha*, na villa dos *Sanhaços*, a barca *Santo Antonio*, a tripulação vem fazendo preces a *S. Lopo*, por vir o vaso de *Santos* carregado de caxaca e zurrapa, mas tudo baldeado; tambem veio um capitão reformado, que, por embriaguez ja foi preso pelos inspectores de quarterão, em virtude de lhe dar a *mamadeira* para proferir palavras offensivas á moralidade publica.

Esse incorrigivel achia-se contra todas as regras do justo e do honesto exercendo um logar de confiança, talvez por ser ignorado seu torpe proceder.

Continue, si quizer ver o rabo de cutia asobiar.

Um habitante da terra dos Sanhaços.

UMA PERGUNTA.

A razão por que o Sr. commandante do 3º batalhão não informa os requerimentos que estão em seu poder, pedindo passagem de guardas?

NOTICIA NECHROLOGICA.

No dia 27 do corrente mez e anno, entregou alma a *S. Lazaro*, o irmão dos *dous olhos de vidros*.

O desgraçado parecia á fome; comeu as bollas, morreu.

Os irmãos não deitaram lucto, por ser elle bastardo.

Apenas o *José*, chegado a pouco á *Bahia*, vindo de *Guimarães*, bradou possesso que se conhecesse o assassino de seu irmão dava uma facada e uma bofetada.

Pobre mercurio!

—Capitão, a seguinte fabula pode ter applicação a algum sevandijasinho, Robert Macaire em miniatura, que ande ahí pelo commercio fazendo escamotagens.

—Quer que mande publical-a?

—Sim, senhor.

—Conte que está servido.

FABULA.

Certo leão em extremos apuros,
A um *cordeiro* pediu protecção;

O manso *cordeiro*, com suas sinistros,
Pressuroso li'giu accu'lar ao *leão*.

O nescio *leão* em corpo e alma,
Foi devorado pelo *cordeiro*,
Depois do que, este todo ufano,
Assim exclama muito prazenteiro:

« N'outros tempos um carnívoro lobo,
« Por ser mais forte, engolia meu irmão,
« Maior proeza cometti eu agora,
« No rei dos animaes—o *Leão*.—»

E' preciso pois estar precavido,
Com tão esperto e sagaz *cordeiro*,
Para não succeder como ao *leão*,
Ou como succedeu ao nosso *dinheiro*.

VARIEDADES

O NEGOCIANTE BAPTISANDO O FILHO.

Um negociante levava um filho a baptisar, e quando, na presença de todos os convidados, o parochio perguntou o nome do pai da criança, o nosso homem costumado ás formulas commercias, respondeu promptamente: Pedro da Silva etc Comp.

CARTAS OFFICIAES AMOROSAS. (Correio Mercantil)

CARTA I.

Minha querida Margarida.—Desde o primeiro dia em que te vi, senti minha alma perdida nas sensações *multicores*, que desenharam-se na *tela* do meu coração: desde então tenho vivido feliz sempre com o *pinel* na mão e retratando-te á cada momento com as mais finas *cores* de minha *officina*; olha, o *verdete* da minha memoria com o *carmin* da dor descrevem á cada instante a esperança de possuir-te, e o *vermelho* de teus labios *cor de rosa*.

A *alvaiade* das minhas idéas, com o *oleo* da imaginação, juntos com o *secante* do meu fogo, figuram o teu semblante *alvo*, tão *alvo*, sempre *alvo*, meu Deus, como a *testada* de um sobrado *pintado* de novo.

Sonho constantemente com o *roxo* terre do teu despreso, e sinto na tua indifferença a confusão de todas as *tintas* da minha *officina*, bem como a *borradella* de todos os meus pensamentos.

Olha, *Margarida*, si tu me amares, verás quanto pode o *desenho* do amor, e a constancia que te farei em quanto vivermos *pintado*, na mais bella harmonia de um amor bem *acabado*.

Acceta a *mistura* das intenções do teu *Pantaleão pintor*, o peço-te, pelo *amarello* do teu pai, não te esqueças de mim, sem eustar *dinheiro*.

CARTA II.

Querido Pantaleão. — Recibi a tua carta *labyrinthica* em que com o melhor *tecido* mostraste os *pontos cheios* da amizade *fina* que consagras a tua pobre *costureira*, fizeste uma *bella tarefa* desse sentimento que se chama amor; *desenrolaste o novello* das affeições e enfiaste pela *agulha* da paixão o *retroz* da mais *grossa* esperança de me possuídes...

Juro-te, Pantaleão, que a tua imagem guardada no meu *dedal*, estará sempre em cima de minha *machina* para ver-te..

Não penses que a *thesoura* do desprezo me fará esquecer-te: a tua Margarida não será tão ingrata que te *furo* com o *alfinete* da indiferença, será mais facil tu dares um *nó cego* no amor, do que eu quebrar a *linha* da *sympathia* que te dedico... juro-te, finalmente, que no *bordado* do meu coração escreverei teu nome com a melhor *linha de marca*, esperando pelo dia em que unidos por uma *fla de coz*, juremos ser firmes como dous *carrezeis*...

Tua costureira, *Margarida*.

EPIGRAMMA.

OUÇO-A DE CONFISSÃO.

Com um frade se recreava
Certa dama conhecida,
Quando lhe batem na porta,
—Ai de mim!.., estou perdida!
—Fique quieta, senhora,
Não tenha receio, não,
Que direi a seu marido,
Que a ouço de confissão!

UMA SCENA COLLEGIAL.

Certo sagoito tendo hido buscar sua filha em um collegio de irmans de charidade, reparou que a collegial se esquecerera do chapéu de sol e lhe ordenou que fosse buscal-o.

—Ah! papa, disse ingenuamente a criança, o padre está já em cima comendo doce com as irmans, e quando elle chega ninguém pode ir lá, não.

—O Sr. tem um bonito sitio.

—Homem, é verdade, mais hoje está todo reluzido a plantação de capim.

—E para que planta somente capim?

—Oh! senhor! É do capim que como eu e que comem minhas cunhadas, e olhe que ainda vae capim para sua tia.

DECLARAÇÃO

Distribue-se hoje as folhas 118 e 119 do —
ROCAMBOLE.

ANNUNCIOS

José Antonio de Souza Severo pede ao Sr. Francisco José de Mattos Ferreira de Lacerda Filho o favor de apparecer-lhe no Bom-gosto da Calçada n.º 7, para negocio.

Detteff Karp agradece a todas as pessoas que acompanharam até a sepultura o cadaver de seu sobrinho e afilhado Antonio Pereira da Silva Barreiros, e tambem a todos que compareceram á missa do setimo dia mostrando por este meio a sua gratidão.

Vende-se tres frentes de casas, em terreno proprio, á rua Nova do Queimado, freguezia de Santo Antonio, juntas a casa do Sr. Valentim, funileiro. Trata-se com o procurador Pedro Alexandrino Ribeiro Moreira, em seu cartorio, a rua Direita da Misericordia, das 9 horas da manhan ás 3 da tarde.

Roga-se a um 2.º tenente do balalhão de artilharia que, quanto antes, venha á casa de negocio n. 1, ao largo do Theatro para tratar de negocio que não ignora, advertindo-se-lhe que no caso de não o fazer será o seu nome publicado por extenso.

Ubaldo Ramos Menezes.

MONTE SOCCORRO.

EMPRÉSTIMOS SOBRE PENHORES COM AUTHORIZAÇÃO DO GOVERNO.

O escriptorio denominado — **Monte-Socorro** — estabelecido á rua Direita da Misericordia, n.º 13, mudou-se para ás Portas do Carmo, n.º 42, aonde continua a fazer empréstimos sobre qualquer penhor; tambem compra prata, ouro e joias.

Quem precisar de uma senhora idosa para tomar conta da regencia de uma casa de familia, dirija-se a esta typographia que se indicará uma.

ATTENÇÃO, RAPAZEADA.

Aproveitem, que está se queimando no deposito de charutos de Augusto Rodrigues Monteiro, na rua de Baixo de S. Bento n.º 51, o seguinte: charutos finos de bons fabricantes, cigarros de diversas qualidades, fumo picado, bolsas de borracha, mortalhas, palhas de milho, cachimbos cobertos e descobertos, ponteiras para charutos e cigarros, phosphoros de segurança do melhor author em caixas grandes a 60 rs., vidros e torcidas para candeeiros de gaz, folhinhas de Lachenmert para 1870, diversas miudezas e tudo o mais que se encontrará no dito deposito á vontade dos bons amigos e freguezes, sendo bem servi-dos em toda e qualquer qualidade destes generos.